



LARRY CRABB

VICIADOS EM SI MESMOS

COMO A ESPERANÇA DO CÉU NOS
LIBERTA DO EGOÍSMO

VICIADOS
EM SI
MESMOS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Crabb, Larry

Viciados em si mesmos: como a esperança do céu nos liberta do egoísmo / Larry Crabb; tradução de Vanderlei Ortigoza. — São Paulo: Vida Nova, 2024

160 p.

ISBN 978-65-5967-221-9

e-ISBN 978-65-5967-222-6

Título original: *Waiting for heaven: freedom from the incurable addiction to self*

1. Vida cristã 2. Narcisismo – Aspectos religiosos – Cristianismo 3. Egoísmo I. Título II. Ortigoza, Vanderlei

23-5838

CDD 248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida cristã

LARRY CRABB

VICIADOS
EM SI
MESMOS

COMO A ESPERANÇA DO CÉU NOS
LIBERTA DO EGOÍSMO

TRADUÇÃO
VANDERLEI ORTIGOZA



©2020, de Larry Crabb

Título do original: *Waiting for heaven: freedom from the incurable addiction to self*,
edição publicada por LARGER STORY PRESS.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2024

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21. As citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente da New Living Translation (NLT) e da English Standard Version (ESV) e extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), da Almeida Revista e Atualizada (ARA) e de A Mensagem. Todo grifo nas citações bíblicas é de responsabilidade do autor.

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ubevaldo G. Sampaio

EDIÇÃO DE TEXTO

Fernando Mauro S. Pires

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Rosa M. Ferreira

REVISÃO DE PROVAS

Eliel Vieira

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

Rafael Brum

CONVERSÃO PARA EBOOK

Cumbuca Studio

SUMÁRIO

Prefácio de Kep Crabb

Agradecimentos

Prólogo

Introdução

Uma parábola

PARTE I: ESPERA PROVEITOSA

1. Vício em si mesmo: um exemplo
2. Paulo era viciado em si mesmo?
3. Um cristão que aguarda e dois que não aguardam
4. Por que Moisés?
5. Moisés aguardou!
6. Escolhas insensatas

PARTE 2: ESPERA DIFÍCIL

7. A luta por domínio próprio
8. É possível obter domínio próprio? Depende!
9. Paixões que fortalecem a capacidade de aguardar
10. O dia em que a Trindade me despertou
11. O poder de uma visão muito necessária

PARTE 3: ESPERA PODEROSA

12. O caminho revelado
13. Algo mais: a capacidade de escolher
14. Encerrando: do meu coração para o seu

15. Eu sou o centro? Não! O centro é Cristo em mim, a esperança da glória

Epílogo

PREFÁCIO

DE KEP CRABB

“E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver.” (Jo 14.3, NVI)

Há muitos anos Larry Crabb vem fazendo perguntas difíceis. Entre todas, porém, a que mais parece incomodar meu pai é: “Como as pessoas mudam *de verdade?*”. Como psicólogo clínico, o Dr. Crabb conheceu pessoas que estavam completamente no fundo do poço. Gente que não enxergava nenhuma saída em meio às provações, lutas, armadilhas e vícios que muitos de nós experimentamos e enfrentamos hoje.

O que faz uma pessoa mudar de verdade? Larry se recorda de quando era um menino nos arredores de Filadélfia e ficava deitado no gramado do quintal de sua casa em Germantown, observando as nuvens e imaginando como seria o céu. Já naquela época havia nele uma percepção de algo maior.

Em anos posteriores, essa percepção o levou a perguntar como o céu será e por que, se de fato existe, não pensamos nele com mais frequência. Pensamos no céu ou dedicamos mais tempo para refletir sobre ele quando perdemos um amigo ou um familiar. Todavia, essa reflexão ou sentimento desaparece com o tempo, e a vida continua. Como manter o céu sempre vivo em nossa mente enquanto prosseguimos em nossos afazeres diários?

De acordo com Crabb, se vivermos cientes da História Maior que Deus está contando (a história que se concentra no período entre a cruz de Cristo e seu retorno), as seduções, tentações e distrações deste mundo não terão o mesmo poder sobre nossa história menor (entre nosso nascimento e a

morte). “Pois este mundo não é nosso lar permanente; aguardamos um lar que ainda está por vir” (Hb 13.14, NLT).

Minha participação com o Dr. Crabb na composição deste livro me fez pensar cada vez mais a respeito do céu. Aos poucos o céu começou a ocupar minha atenção à medida que realizava meus afazeres diários. Comecei a experimentar algumas mudanças e a interagir de um modo diferente com minha família, amigos e até com desconhecidos. Senti uma alegria mais profunda à medida que comecei, conscientemente, a atribuir uma importância menor ao mundo e à minha própria história menor e a trazer à mente, de um modo proposital, o céu e a História Maior de Deus. “Amigos, este mundo não é a casa de vocês; por isso, não se sintam à vontade nele. Não deem espaço para o ego à custa da sua alma” (1Pe 2.11, A Mensagem).

Meu avô costumava dizer que algumas vezes Deus nos fornece um “vislumbre do céu” para nos incentivar a permanecer no caminho. É nossa esperança e oração que você experimente esse “vislumbre do céu” à medida que lê *Viciados em si mesmos: como a esperança do céu nos liberta do egoísmo*. Portanto, mantenha os olhos fixos no que está por vir: nossa eternidade com Jesus, quando adoraremos todos juntos no céu e todas as coisas serão feitas novas.

“Nenhum olho jamais viu, nenhum ouvido jamais ouviu, nenhum ser humano jamais imaginou o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1Co 2.9, ESV).

AGRADECIMENTOS

A maioria dos escritores concorda que escrever é uma atividade solitária.

Por anos escrevi em cafeterias, sentado sozinho em algum canto vazio, ouvindo o burburinho de conversas e música de fundo que, de alguma forma, contribuíam para me trazer um sentimento estranhamente gostoso de isolamento. Não conversava com ninguém nem prestava atenção se a música era agradável. Eu estava sozinho com meus pensamentos, concentrado apenas na direção que me levavam. Ao longo dos últimos vinte anos, escrevi no porão de nossa casa em Denver e, hoje, escrevo no sótão de nossa casa atual em Charlotte.

Contudo, se eu não tivesse a oportunidade de ter conversas interessantes com as pessoas e o apoio estimulante que recebo de outros, não conseguiria escrever nada ou escreveria livros piores do que aqueles que já publiquei (uma pausa, por favor, para apreciar minha insincera humildade).

A equipe do Larger Story, ministério sonhado e agora sabiamente liderado por meu filho mais velho, Kep, juntamente com seus colegas de trabalho altamente capacitados, Kris e Karlene, tem caminhado comigo e me apoiado desde o início. *Viciados em si mesmos: como a esperança do céu nos liberta do egoísmo* é o primeiro, assim espero, entre muitos livros que serão publicados pela Larger Story Press. Não fosse o auxílio de vocês, teríamos um livro muito inferior, talvez inexistente.

Permita-me acrescentar um agradecimento especial a todos que contribuíram financeiramente para custear a publicação deste livro. Sou

muito grato por sua ajuda.

Conversas durante o café da manhã ou por telefone com meus grandes amigos Trip Moore, Jim Kallam, Mimi Dixon e Steve Shores têm mantido meu cérebro ancião quase jovialmente ativo, permitindo-me refletir enquanto escrevo, geralmente sobre temas cristãos profundos que esses amigos me apresentam e aguçam.

E aos meus queridos SSD. Vocês sabem muito bem quem são, mas não fazem ideia do que representaram para minha vida espiritual ao longo desses últimos vinte anos.

Pequenos grupos talvez não sejam tudo o que poderiam ser, mas, quando são, desempenham um papel muito além de minha capacidade de descrever. Tom e Jenny, Bob e Claudia, eu e minha esposa, Rachael, temos nos encontrado por duas décadas. Compartilhar abertamente em atitude de genuíno interesse uns pelos outros em nossa jornada espiritual me fez perceber, com muita gratidão, que o Espírito de Deus continua operando em mim, tanto quando me relaciono como quando escrevo.

Impossível não expressar genuinamente minha gratidão a minha família: Kep e Kimmie, Ken e Lesley, além de cinco netos muito amorosos com seus avós, sem esquecer da minha sempre prestativa e interessada cunhada Phoebe, viúva já há algumas décadas de meu irmão, a qual me cerca de oportunidades valiosas de dar e receber.

Meus quase 54 anos de uma relação cada vez mais profunda com Rachael me fazem ser grato a Deus, uma gratidão que tem sustentado meu desejo de amá-la bem e de servir bem a Deus.

Solitude e comunidade são o fundamento para viver bem.

P.S.: Se eu mencionasse o nome de todos os amigos que me estimularam a continuar refletindo e escrevendo, a lista se transformaria em um extenso capítulo deste livro. Agradeço a todos vocês!

PRÓLOGO

Cristãos que se recusam a aguardar a promessa dos prazeres celestiais permanecem viciados em seu próprio bem-estar, em experimentar uma frenética satisfação pessoal imediata. Vivem intensamente viciados em si mesmos e, portanto, são incapazes de resistir a qualquer tentação que prometa o sentimento de bem-estar que almejam.

O resultado são vícios em:

- *drogas*, lícitas ou ilícitas;
- *comida*, em suas várias formas de compulsão;
- *sexo*, legítimo ou não, incluindo suas formas de perversidade;
- *dinheiro*, em razão dos prazeres, da conveniência e do poder que ele é capaz de comprar;
- *influência*, em razão do sentimento bom de fazer diferença na vida dos outros;
- *reconhecimento*, em razão do sentimento de ser respeitado, que por sua vez confere importância pessoal;
- e uma série de outros vícios associados a prazeres pelos quais almas desesperadas tanto anseiam.

DUAS QUESTÕES

Existe uma maneira distintamente cristã de encontrar força de vontade e capacidade para neutralizar o poder da tentação? A primeira parte deste livro trata dessa questão e oferece orientações.

Com o que se parece a vitória contra o pecado do egocentrismo, a base de todos os nossos vícios? A segunda parte tratará dessa questão.

Em outras palavras, que vitória *substancial* está disponível agora até obtermos a vitória *completa* em nosso encontro futuro com Jesus? A terceira parte esboça um caminho para obtermos vitória hoje, enquanto aguardamos nossa liberdade completa no céu.

“Por seu poder divino, Deus nos concedeu tudo de que precisamos para viver uma vida piedosa.”

2Pedro 1.3



A palavra “vício” nos faz pensar imediatamente em drogas, álcool e sexo, todos vícios reais e extremamente comuns. Felizmente, nem todos são afetados por essas tentações corriqueiras. A maioria de nós (talvez uma maioria não muito grande) consome apenas drogas receitadas por médicos, aprecia ocasionalmente uma taça de vinho ou algumas cervejas assistindo a uma partida de futebol na televisão e pratica atividade sexual exclusivamente dentro dos limites morais estabelecidos. E isso é muito bom.

A má notícia, porém, é que existe um vício raramente reconhecido que atua de modo sorrateiro, em maior ou menor grau, em praticamente todos os seres humanos desde Adão e Eva, salvo uma única exceção. Desde a saída do jardim do Éden, todo ser humano já chega ao mundo com o vício obstinado de buscar seu próprio bem-estar. Vivemos, então, viciados em satisfazer todos aqueles anseios que somos incapazes de recusar ou de reprimir.

Para entender e reconhecer como esse vício se apresenta, precisamos nos lembrar de que somos seres relacionais, criados à imagem de um Deus trino e relacional. É natural, portanto, e de modo algum errado, buscarmos satisfazer, por meio de nossos relacionamentos, o que não podemos satisfazer por conta própria. Entretanto, há um problema: não mais

buscamos em Deus a satisfação que nossa alma relacional anseia e que nos libertaria para nos concentrarmos em buscar satisfação nos demais relacionamentos que Deus providenciou para nós.

Em razão de não mais recorrermos a Deus para a satisfação de nossos anseios mais profundos, hoje buscamos e até nos sentimos no direito de satisfazer nossa alma por meio do relacionamento com os outros. Mas isso não funciona. Afinal, dois falidos que recorrem um ao outro em busca de apoio financeiro acabarão em situação pior.

Por conseguinte, a vida ensinou o ser humano a:

- *proteger-se* para não ser machucado pelos outros;
- *buscar* nos outros tudo que promove a imagem que o indivíduo criou para si;
- *preservar* essa imagem por meio de aparências e revelar aos outros somente o que convém.

O resultado? **Pecado relacional**, nosso fracasso em amar os outros conforme Jesus nos amou. Trata-se de um vício humano universal, uma epidemia: relacionamo-nos em atitude egoísta de autoproteção com o objetivo de não nos machucarmos; buscamos exaltar nossa fragilíssima autoestima por meio de relacionamentos de conveniência; usamos nossa autopreservação como escudo para evitar danos à nossa autoimagem. O pecado relacional semeia rixas, brigas e desconfianças, sobre as quais Tiago nos advertiu (veja Tg 4.1-3). Tudo isso resulta em pobreza relacional na família, na comunidade, na igreja, na nação e no mundo.

A questão central é esta: meu propósito ao escrever este livro é trazer um estímulo para nos distanciarmos do pecado relacional e nos movermos para uma relação de santidade em que assumimos o compromisso de agradar a Deus pela maneira de nos relacionarmos com ele e com os outros, em uma vida de adoração ao Senhor e edificação ao próximo.

Aguardar o céu para satisfazermos nossos anseios relacionais mais profundos (quando finalmente amaremos Deus e os outros de uma forma completa) nos dará forças para enfrentar nosso vício em drogas, álcool e sexo. Se substituirmos a pobreza relacional por riqueza relacional, em uma superação cada vez maior de nosso vício universal em nós mesmos, nosso vício relacional incurável será corrigido pela disposição de aguardar o céu para satisfazermos tudo que não é possível satisfazer agora. Então, amaremos melhor, de um modo mais parecido com Jesus, e nesse processo descobriremos a alegria.

Interessado? Prossiga a leitura!

INTRODUÇÃO

Em 1988 publiquei um livro intitulado *De dentro para fora*, cujo parágrafo de abertura trazia o seguinte:

O cristianismo moderno, em uma dramática reversão de seus moldes bíblicos, promete aliviar a dor de vivermos em um mundo caído. A mensagem, quer de fundamentalistas que exigem vivermos por meio de um conjunto de regras específico, quer de carismáticos que insistem em uma submissão maior ao poder do Espírito, é geralmente a mesma: a promessa de felicidade AGORA! A satisfação total pode ser alcançada deste lado do céu.¹

Caso estivesse escrevendo esse parágrafo hoje, não mudaria uma única palavra, mas talvez acrescentasse outras. Ao menos uma frase me vem à mente: “Não há necessidade nenhuma de adiarmos a satisfação de nossos desejos mais profundos; essa satisfação está disponível nesta vida”. O propósito dessa frase é apenas reforçar o equívoco flagrante que caracterizou o cristianismo ao final do século 20.

Temo que o erro que apontei no passado ainda persista atualmente. Muito do que nossa cultura evangélica entende como cristianismo permanece ligado a essa revisão bíblica, porém hoje imerso em maior profundidade na areia movediça de ensinamentos atraentes e equivocados a respeito do que significa seguir Jesus.

Nesse sentido, quero começar este livro com um parágrafo atualizado para salientar o que me parece ser um problema mais premente hoje. É um parágrafo um pouco mais longo que o anterior, para enfatizar que hoje talvez estejamos ainda mais apartados do caminho que no passado.

O cristianismo moderno, em seu enfoque equivocado de usar Deus para nos proporcionar uma vida melhor, perdeu a paixão pela ávida esperança do retorno de Jesus, quando todas as coisas serão renovadas. Por que aguardar o porvir se por meio das bênçãos de Deus podemos fazer a vida atual funcionar a nosso favor? Basta apresentar esses acordos a Jesus em oração para que ele, à direita do Pai, oriente o Espírito de Deus para fazer que as circunstâncias da vida tragam felicidade para seus seguidores.

Consequentemente, hoje podemos contornar toda e qualquer necessidade de lamentação. Em muitas igrejas, pregações motivacionais e música animada vêm conduzindo seus membros a cultos de empolgação. A partir disso, uma ideia perigosamente equivocada, embora sutil, tem se infiltrado no cristianismo moderno: a capacidade de amar bem e o poder de se alegrar dependem de circunstâncias favoráveis, circunstâncias prometidas por Deus para uma vida boa. Nesse sentido, o papel do Espírito de formar Cristo em nosso íntimo é minimizado, se não eliminado. Teria o cristianismo moderno se adaptado ao nosso vício em nós mesmos ao mesmo tempo que nos induz a crer que somos pessoas maduras e esclarecidas?

Era para ser somente um parágrafo, mas acabei escrevendo dois. Creio que ambos são necessários para chamar nossa atenção para a mensagem que vem sendo vociferada em muitos púlpitos e divulgada sedutoramente em muitos livros: de que não mais precisamos aguardar o céu para conhecer a alegria e a liberdade que sempre ansiamos experimentar. Se o que mais desejamos está totalmente disponível agora, não há necessidade de

trabalharmos arduamente para permanecermos fiéis a Deus e prestativos ao próximo. Ambas as coisas fluem de modo natural em nossa vida agradável e abençoada por Deus.

Nossa cultura optou por um cristianismo descuidado, uma religião que descartou, entre outras disciplinas essenciais, aquela autoavaliação rigorosa que revela nossa podridão e o nosso impacto sobre os outros. Essa disciplina, quando praticada, nos conduz à alegria do arrependimento, que por sua vez nos afasta do egocentrismo em nossos relacionamentos e nos leva a uma humildade centrada no outro. É comum vivermos concentrados em nosso próprio bem-estar, incuravelmente viciados em nós mesmos. E por acreditarmos que Jesus também compartilha dessa nossa prioridade, cremos que estamos vivendo a vida cristã. Esse cristianismo descuidado se transformou em um cristianismo impostor, um evangelho diferente, contra o qual Paulo nos advertiu severamente (veja Gl 1.6).

As consequências dessa forma de pensar são muitas, cada uma ensejando prejuízos para a causa de Cristo. Uma dessas consequências, e em minha opinião a mais importante, é esta: *a falta de disposição para aguardarmos a satisfação completa até nossa chegada ao céu nos leva ao vício, à exigência de sentirmos uma alegria entorpecedora nesta vida*. Não há dúvida de que esses vícios trazem danos para nossa vida, pois empoderam nosso egocentrismo natural, que, por sua vez, em razão de o considerarmos necessário para nosso bem-estar, é aceito como justificável em vez de terrivelmente pecaminoso. Insistimos em experimentar qualquer prazer intenso que amenize nossos medos e preocupações, ainda que momentaneamente. Por conseguinte, buscamos um estilo de vida centrado em experiências momentâneas que nos permitam alcançar nosso tão almejado nirvana, aquele sentimento de paz celestial que pregam os budistas. Com o tempo, as compulsões que brotam de nossa tendência universal e natural ao vício em nós mesmos assumem o controle de nossa vida. Então, a energia e a motivação necessárias para servir à causa de Cristo se esvaecem.

Essa é a má notícia. A boa notícia é que o cristianismo bíblico provê uma saída desse lamaçal: *aguardar!* Só que aguardar a chegada do céu para satisfazer os anseios mais profundos do nosso coração é uma atitude fora de moda. Contudo, aprender a aguardar ansiosamente pelo retorno do Senhor é essencial para superar a raiz da exigência que alimenta todos os vícios. Apesar disso, mesmo enquanto escrevo essas palavras, que creio serem verdadeiras, percebo em mim uma hesitação desconfortável. Afinal, *falar é bem mais fácil que fazer.* Nosso anseio por mais nos impulsiona a buscar satisfação com urgência. E existem muitas maneiras de adquirirmos experiências, ainda que forjadas e temporárias, para acalmar as ansiedades de nossa alma sedenta.

Aguardar se torna ainda mais difícil, ilógico até, diante do luto por uma perda, do desânimo por um revés, do ressentimento por uma injustiça ou simplesmente de aborrecimentos com a vida. É em momentos como esses que nos defrontamos com a forte tentação de buscar quaisquer prazeres momentâneos e entorpecedores. É o pecado nos convidando calorosamente para desfrutarmos suas delícias.

Escrevo este livro com o propósito de descobrir o que será necessário para antecipar de modo cativante a satisfação plenamente disponível no céu que nenhuma dificuldade por nós enfrentada poderia nos induzir à tentação de correr atrás de alívios, por mais irresistíveis que pareçam. Jamais encontrei em livros cristãos, em psicologia cristã ou em escolas de pensamento cristão uma resposta para essa questão que funcionasse para mim. Apesar disso, faço uma advertência: não creio que existe um caminho que elimine nossa luta contra a tentação ou que nos impeça de fracassar novamente. Nosso vício somente será curado no céu. Entretanto, é possível seguir por um caminho que nos liberte cada vez mais de nosso vício enquanto vivemos neste mundo.

Creio que existe um modo bíblico, orientado pelo Espírito, dependente de Cristo e agradável para Deus, de superarmos nossos vícios a ponto de

sermos capazes de levar uma vida significativa e transbordante de poder sobrenatural para os outros. A perspectiva de descobrir esse modo de viver me traz ânimo e transforma minha atividade de escrever em uma aventura espiritual. O versículo que citei anteriormente contribui para esse entusiasmo: “Por seu poder divino, Deus nos concedeu tudo de que precisamos para viver uma vida piedosa” (2Pe 1.3).

A vida piedosa não será controlada pelos vícios.

¹Lawrence J. Crabb, *Inside out* (Colorado: NavPress, 1988) [publicado em português por Betânia sob o título *De dentro para fora*].

UMA PARÁBOLA

Era uma vez um homem bom, um cristão decente que, como todos os homens, cristãos ou não, ansiava por respeito. Todavia, muitas perguntas o incomodavam. Sou digno da atenção dos outros? Sou importante? Ele ansiava por ser conhecido, por ser respeitado, por ser estimado. Eram anseios autênticos e profundos.

Apesar disso, o homem tinha medo de ser conhecido plenamente. Estava convencido de que, caso alguém o conhecesse como realmente era, ele sentiria uma vergonha enorme, e merecida, diante da repugnância com que essa pessoa o trataria.

Não obstante, continuava ansiando pelo impossível: ser plenamente conhecido por alguém que se aproximasse e jamais se afastasse. Mas por que sonhar com o impossível? Melhor se esconder atrás de uma fachada, de uma aparência de força e de confiança, talvez até de compaixão e preocupação com os outros. Melhor viver para buscar qualquer satisfação que pudesse obter por conta própria e algumas vezes até usando os outros. Enfim, qualquer coisa para aliviar o vazio de uma sede insaciável, de uma dor insuportável.

E, se tudo falhasse em trazer o alívio desejado, a pornografia sempre funcionava. Seria ele um viciado em sexo? Essa possibilidade lhe pesava na consciência, mas ele sabia silenciar a voz da condenação. Afinal, o alívio de sua sede parecia necessário e, portanto, justificável. Viver vazio e exausto em meio a desejos insatisfeitos era algo intolerável.



Era uma vez uma mulher piedosa, uma cristã competente que, como todas as mulheres, cristãs ou não, ansiava por atenção. Todavia, muitas questões a incomodavam. Será que as pessoas desejarião minha companhia depois de perceberem quem sou? Tenho valor pelo que sou? Ela ansiava por se tornar visível para os outros, ser notada, apreciada. Eram anseios autênticos e profundos.

Apesar disso, tinha medo de ser conhecida plenamente. Porventura alguém que observasse seu íntimo seria capaz de desvendar a beleza de seu ser, de sua alma, uma beleza valorosa que fosse desejada por alguém que estivesse em busca de um relacionamento relevante, um parceiro para compartilhar um objetivo de vida maior? Caso se tornasse visível, por acaso não se sentiria desprezada quando percebesse os outros se afastando dela?

Ainda assim, não conseguia parar de desejar o impossível: ser conhecida plenamente por outra pessoa que a acolhesse com respeito e apreço por quem ela era. Contudo, havia o risco de esse sonho impossível trazer sentimentos de vazio e solidão. Melhor se esconder dos outros atrás de uma fachada, de uma atitude amigável e social, quem sabe acompanhada de alguma realização profissional acrescida de uma aparência de força e determinação. Qualquer coisa para aliviar o vazio dolorido de anseios não satisfeitos, de uma sede profunda e insaciável.

Caso não conseguisse silenciar seu enorme anseio por meio da satisfação de sedes menores, quem sabe uma demonstração intencional de sensualidade fosse capaz de produzir uma aparência convincente de satisfação verdadeira. Mas valeria a pena se rebaixar desse jeito? Isso arruinaria quase toda a autoestima que ainda lhe restava. Talvez não houvesse outra saída. Viver em meio ao vazio de uma dor agonizante e exausta por uma sede insaciável era algo que ela não conseguiria suportar.



De repente, ambos ouviram uma voz, um clamor que parecia vir do céu.

Você pode continuar lutando contra a dor em seu coração e a sede em sua alma como se fossem coisas insuportáveis; nesse caso, você vai aderir e ceder à tentação que entorpece a dor e alivia a sede. Saiba, porém, que jamais o(a) amarei menos.

Contudo, você não obterá a liberdade de descansar em meu amor. Se continuar na estrada em que se encontra agora e que traz mera ilusão de vida, sua alma encolherá. Sua energia, sua paixão e sua disposição de amar diminuirão, corrompidas pela maldade do egocentrismo que o(a) afasta dos outros e o(a) direciona para si mesmo(a).

Para se tornar a pessoa que você mais deseja ser, para viver como um narrador da História Maior que escrevi no passado eterno e que agora estou revelando neste mundo caído, para expandir sua capacidade de amar os outros mais que a si mesmo(a), para ancorar sua esperança na antecipação da alegria por vir, quando então sua dor desaparecerá completamente e sua sede será totalmente saciada, você deve estar disposto(a) a viver com sede.

Somente então você experimentará domínio sobre o desejo e conhecerá o poder capaz de enfrentar seus vícios para obter agora o que prometi somente para depois, o fim da dor e o sacramento da sede. Sucumbir aos ímpetos do vício nada mais é que entorpecer sua dor e mascarar sua sede.

A luta é real. Resistir aos ímpetos do vício não será fácil. Você vai fracassar. Mas a alegria, o júbilo da graça amorosa já desponta no horizonte. Em breve o sol se levantará.



O homem ouviu a voz e abaixou a cabeça envergonhado, pois resignou-se em seu inevitável fracasso e desconsiderou tudo que havia acabado de ouvir. Para ele, a dor em seu coração era um desarranjo, um sofrimento que o cristianismo deveria ter eliminado. Ele continuou encarando a luta contra os anseios de sua alma como um inimigo de sua alegria. Qualquer coisa que satisfizesse sua sede parecia legítimo, uma necessidade para viver sem dor no coração e sem aquela sede insaciável. Ele se recusou a *viver com sede*. Não fazia sentido.



A mulher ouviu a mesma voz e abaixou a cabeça em quebrantamento e arrependimento; em seguida, com um sentimento de liberdade, rendeu-se à esperança que a voz lhe trouxe e, com os olhos bem abertos, entrou na batalha para abraçar a dor de seu coração e a fadiga de sua sede insaciável, não mais presumindo que sua vida neste mundo deveria transcorrer sem nenhuma dor e sem nenhum desejo insatisfeito. Ela se dispôs a lutar e a resistir às oportunidades pecaminosas de aliviar sua dor e saciar sua sede. Ela aceitou o desafio de *viver com sede*. Fazia todo o sentido. A alegria estava disponível à medida que ela experimentava a presença de Deus em meio à escuridão. E ter paz, uma paz poderosa para, mesmo sem eliminar sua dor ou aliviar sua sede, ancorar sua alma na esperança, transformada em verdade vivenciada que em breve traria descanso em meio às tempestades da vida. Ela percebeu que o vício em buscar alívio já não era tão forte como antes enquanto aguardava a chegada do dia eterno de descanso perfeito.

*“Se a nossa esperança em Cristo é apenas para esta vida,
somos os mais dignos de compaixão entre todos os homens.”*

1Coríntios 15.19

MAS,

Se nossa esperança em Cristo está firmemente ancorada

*no porvir,
então, entre todos, somos os que mais podem se satisfazer agora.
Portanto,
VIVA COM SEDE!*

E aguarde pelo que somente o céu pode oferecer.

Nosso vício em nós mesmos produz uma solidão de pobreza relacional. Contudo, nossa dependência daquilo que Cristo providencia hoje, enquanto aguardamos tudo o que está por vir, nos faz perseverar no caminho estreito em grata antecipação.

Parte 1

ESPERA PROVEITOSA



O VALOR DE ESPERAR

1

VÍCIO EM SI MESMO: UM EXEMPLO

A cabei de perceber em mim um exemplo claro de uma tendência covarde. Esse exemplo fez cair uma ficha gigantesca em mim. Com uma clareza incômoda, observo que minha tendência covarde à autoproteção revela, com uma intensidade assustadora, que me sentir bem é mais importante para mim que amar bem, pelo menos em algumas ocasiões. Eis abaixo uma delas.

Certo domingo de manhã eu havia passado horas lendo um livro intitulado *How to die* [Como morrer], uma compilação de pensamentos de um antigo sábio sobre a morte. Sêneca, filósofo romano do primeiro século e um dos primeiros estoicos, perdeu o apoio de Nero depois de mais de uma década atuando como mentor e conselheiro desse imperador, que em um ataque irracional de cólera ordenou a seu fiel conselheiro que cometesse suicídio. Sêneca obedeceu prontamente e tirou a própria vida em 65 d.C. Alguns anos antes de sua morte, esse respeitado filósofo havia escrito muita coisa para seus amigos e seguidores acerca do que significa morrer bem depois de se ter vivido bem. É bastante provável que Sêneca imaginasse ter se saído bem em ambos os casos.

James S. Romm, professor de literatura clássica na Bard College, traduziu e publicou em 2018 um grande volume de escritos de Sêneca em sua obra

How to die. Quando bati os olhos no título, prontamente adquiri um exemplar e comecei a ler. Como já não sou um jovem, imaginei que esse antigo filósofo tivesse algo interessante a dizer, talvez algo útil para mim pessoalmente.

Contudo, uma tendência vergonhosa se tornou muito clara para mim conforme avançava lentamente as 121 páginas da tradução para o inglês de Romm. Outras 90 páginas traziam os escritos de Sêneca no original em latim, mas não consegui entender uma única palavra, apesar de eu ter cursado dois anos de latim no ensino médio.

Fiel ao seu estoicismo, Sêneca sugeriu como eu poderia encarar a morte sem medo caso vivesse bem minha vida, da qual algum dia poderia partir de uma forma honrosa. Pouquíssimas de suas recomendações, para não dizer nenhuma, me pareceram dignas de atenção. Minha forte discordância de seus ensinamentos, opinião a que tenho direito, se transformou em uma arrogante presunção para com Sêneca, atitude a que não tenho direito.

Os três exemplos abaixo exemplificam bem a questão. Em cada um cito uma frase de Sêneca e em seguida acrescento meu raciocínio a seu respeito.

Primeiro exemplo.

Sêneca: “Vive mal aquele que não sabe morrer bem”.¹

Eu: “Quem é esse fulano para opinar sobre um assunto tão importante? Se ele verdadeiramente desejava saber como viver com propósito e morrer dignamente, ciente de que tanto a vida quanto a morte têm um propósito, deveria ter estudado a vida e a morte de Jesus. Três dos quatro Evangelhos registram a vida e a morte de Jesus: Mateus, Marcos e Lucas, e esses três foram escritos antes da morte de Sêneca, que se tornou senador em Roma ainda jovem, poucos anos depois da crucificação de Cristo. Ele provavelmente deve ter ouvido falar de Jesus. Apesar disso, nem sequer se dispôs a examinar a vida do homem mais sábio que já existiu. E agora devo me impressionar com seus bons conselhos?”.

Segundo exemplo.

Sêneca: “Abandone toda a ansiedade de preservar sua vida e você viverá mais feliz”.²

Eu: “Bem mais fácil falar que fazer. Por acaso Sêneca quer que eu me recuse a cogitar a possibilidade de um final doloroso a fim de aceitar a morte com mais facilidade? Ou está sugerindo que o desejo de permanecer vivo é, de alguma maneira, doentio? Somente o cristianismo torna possível encarar a morte, até mesmo uma morte dolorosa, com uma esperança e uma alegria inexplicavelmente reconfortantes, não em razão da expectativa de deixar de existir e de sentir dor (se é que isso existe), mas, em conformidade com o desejo mais profundo de todo cristão consciente de si mesmo, em razão da alegria de saber que existe algo nos aguardando do outro lado da morte. Como todo bom estoico, Sêneca valorizava a paz imperturbável, uma paz ao estilo de Buda, como o bem maior que o ser humano pode alcançar. Todavia, o cristianismo oferece a paz de Jesus, uma paz que nos *sustenta* para viver e amar bem, mesmo quando a vida nos decepciona e nos machuca. A paz de Jesus não *sufoca* a dor, mas *libera* propósito por meio da dor. Na fórmula de Sêneca para se viver e morrer bem não há espaço para uma paz que chora e se lamenta. Sêneca parece sugerir que devemos seguir assobiando felizes da vida enquanto passeamos em um cemitério”.

Terceiro exemplo.

Sêneca: “Que novidade há no fato de alguém ter morrido se sua vida nada mais foi que uma jornada em direção à morte?”.³

Eu: “Sêneca está errado, de novo. Para o cristão, a existência é uma jornada em meio a uma vida prazerosa, uma jornada significativa e cheia de alegria, ainda que difícil e imperfeita, que segue em linha reta em direção ao regozijo eterno que todos anseiam experimentar em sua plenitude. Esse filósofo supostamente brilhante não percebeu uma verdade fundamental que nos faz viver bem e morrer ainda melhor, eternamente. Sem dúvida o QI de Sêneca o colocaria na categoria de gênio, mas ele era um tolo”.

Certamente, o leitor deve ter sentido o odor de minha arrogância para com esse incrédulo insensato, de minha atitude destituída de ao menos uma pitada de amor. Conforme lia os escritos de Sêneca, não senti nem uma pontinha de preocupação pela alma dele. Continuo ratificando as opiniões que declarei, mas estou muito envergonhado pelo modo insensível com que as exprimi.

Por que agi assim? Qual é a razão de minha atitude deplorável? Por que esse ego inflado de prazer ao declarar o que sei e que Sêneca não sabia? O que aconteceu em meu íntimo que despertou em mim uma reação totalmente não cristã contra um ser humano que Deus ama? Eis algumas sugestões pouco elaboradas:

- Seria meu sentimento de superioridade uma manobra defensiva, uma forma de eu me defender de alguma ameaça invisível?
- Estaria meu dogmatismo arrogante me protegendo de algum desconforto espiritual mais profundo que não desejo confrontar?
- Seria medo? Haveria em mim algum pavor alojado nas profundezas de meu íntimo, um pavor de algo horrível que, quando cutucado, produz muita raiva? Seria essa raiva um meio perverso de eu alcançar algum sentimento bom pelo qual tanto anseio?

Um pensamento incômodo: se eu fosse o cristão verdadeiramente convicto e comprometido que às vezes penso que sou, alguém firmemente determinado a viver para Jesus a qualquer preço enquanto espero com paciência a vida gratuita e inteiramente paga que me aguarda quando morrer, porventura eu reagiria com tamanha arrogância a um ensinamento obtusamente equivocado? Seria eu um cristão fingido, pouco mais que mera fachada espiritual para impressionar os outros por meio de uma aparência de maturidade, enquanto desprezo todos que têm uma visão insensata da vida? Porventura um discípulo amadurecido, um imitador convicto de Cristo, não

teria grande compaixão dos incontáveis Sênecas que enxergam a vida de uma forma tão equivocada?

Não me resta outra opção senão admitir uma conclusão lamentável: existe alguma coisa muito errada com minha fé, e acho que agora sei o que é. Sem dúvida, deve haver outras coisas erradas e já vislumbro a luz do Espírito brilhando com fulgor sobre minha fé distorcida durante o tempo que ainda me resta. Ninguém pode acertar sempre deste lado do céu. Contudo, existe uma falha muito grande que agora percebo em minha mente parcialmente iluminada pelo Espírito. Sou grato por enxergá-la. É um bom presságio. Significa que ainda tenho espaço para amadurecer. O que agora reconheço em mim, uma forma específica de fé deficiente, parece suficientemente importante, preocupante e comum para me induzir a escrever. Essa é, portanto, a razão deste livro.

Foi uma surpresa para mim. Desde a publicação de meu último livro, *When God's ways make no sense*⁴ [Quando os caminhos de Deus não fazem sentido], venho cogitando, com certo alívio, devo acrescentar, se em mim já não há nenhum livro que eu desejasse muito escrever. Talvez já tenha escrito todos os livros que Deus intencionava que fossem publicados com meu nome grafado na capa. Talvez seja hora de encerrar minha carreira de escritor. Talvez seja a idade, o grande juiz de muito do que fazemos e deixamos de fazer, falando comigo.

De repente, eis um desejo irresistível de refletir a respeito de uma falha no meu modo de enxergar a vida, uma falha que duvido seja exclusividade minha. Talvez seja algo perigosamente disseminado e amplamente ignorado na comunidade cristã, uma deficiência, uma compreensão equivocada da jornada espiritual que se tornou comum. Essa falha, caso não reconhecida e confessada de um modo que conduza a uma admissão de culpa, ao arrependimento e à libertação, pode fazer com que muitos continuem nadando na parte rasa da piscina da fé enquanto se imaginam, equivocadamente, nadando com toda coragem na parte mais profunda.

Em minha percepção, o que a luz reveladora do Espírito está iluminando nos recônditos mais escuros de minha vida é o que descrevo a seguir.

MINHA RECUSA EM AGUARDAR!

Quero receber agora, nesta vida, tudo o que Deus prometeu somente para depois, no porvir. Sei muito bem que, quando Jesus retornar, fará novas todas as coisas, mas seria pedir demais que consertasse algumas coisas antes disso? Às vezes perco a paciência com Deus. Nem sempre aprecio os planos que ele me revela em determinados momentos de minha vida.

Acima de tudo desejo experimentar, nesta vida, coisas que aliviem o estresse das dificuldades, que entorpeçam minhas inseguranças, que atenuem prazerosamente a consciência de meus fracassos. Quero tudo isso, mesmo que apenas por um breve e delicioso momento. Mas Deus só me decepciona. Ele parece conceder somente aquelas coisas que fortalecem minha caminhada com Jesus, mesmo que minhas dificuldades continuem se amontoando, minhas inseguranças continuem se aprofundando e meus fracassos continuem cada vez mais evidentes. Estou convencido de que preciso de alguma coisa diferente.

Não consigo me livrar da preocupação de que mais problemas me aguardam em cada esquina. Não consigo descansar no amor incondicional de Deus a ponto de minhas inseguranças desaparecerem. Não consigo abraçar o plano de Deus para minha vida a ponto de o pecado perder a atração. Por conseguinte, muitas vezes me disponho a buscar, por conta própria, uma forma de experimentar o que tanto desejo, algum tipo de prazer envolvente a ponto de meus problemas parecerem distantes, de a rejeição não me assustar e de meus fracassos parecerem irreconhecíveis ou pouco convincentes.

Se Pedro pudesse falar comigo hoje, imagino um pouco do que me diria. Em sua idade avançada, já próximo de sua crucificação de cabeça para baixo, Pedro escreveu uma carta para várias comunidades cristãs que passavam por dificuldades. Essas igrejas estavam sofrendo. *E Pedro lhes disse que não*

fizessem do alívio um objetivo de vida. Em vez disso, incentivou carinhosamente esses cristãos aflitos e conhecedores da bondade de Deus a depositarem sua “esperança inteiramente na graça que [lhes] será concedida”, não nesta vida, mas “na revelação de Jesus Cristo” (1Pe 1.13). A referência aqui é ao retorno de Jesus, ocasião em que ele fará novas todas as coisas, reparará toda injustiça, enxugará toda lágrima e satisfará todo anseio de nossa alma glorificada.

Até lá, Pedro pede que *aguardemos!* Tudo que mais desejamos está no porvir. Não exija nada agora, mas espere tudo para depois. Receba tudo de bom que aparecer em seu caminho hoje. Desfrute tudo com gratidão. Porém, esteja ciente de que a vida atual jamais satisfará seus anseios mais profundos. Paulo, em concordância com Pedro, escreveu aos cristãos de Roma que prosseguissem “gemendo no íntimo” e “aguardando ansiosamente” (Rm 8.23).

O cristão que aguarda para receber depois tudo que o coração humano mais deseja, mesmo que ainda persistam motivos para se lamentar hoje, não satisfará seu ego, conforme fiz e continuo fazendo algumas vezes, reagindo com soberba ao pensamento dos outros, seja um Sêneca, um cônjuge, uma criança ou um amigo. Sim, às vezes minha atitude é de arrogância paternalista que exalta o próprio ego acima dos demais e que proporciona um sentimento, perdoe-me a expressão, danado de bom, um orgulho prazeroso demais, tão gostoso a ponto de valer a pena trocar o céu pelo inferno. Ficou claro para você a evidência de meu vício relacional oculto?

Aguardar o plano de Deus, por mais frustrante que pareça, nos libertará para viver bem o dia de hoje, um viver caracterizado por abnegação, entrega ao próximo e apreço cada vez maior pelo perdão, não mais dependente do vício em buscar nosso próprio bem-estar em êxtases prazerosos e momentâneos.

Cristãos que aguardam reconhecerão com mais facilidade a verdadeira natureza da tentação: a oportunidade de providenciar para si alguma

experiência que Deus prometeu suprir futuramente. Além disso, cristãos que aguardam descobrirão forças renovadas para resistir ao encanto que essas oportunidades oferecem. Cristãos que aprendem a aguardar viverão melhor hoje e morrerão melhor quando os portões do céu se abrirem. Será esse o caminho estreito para a liberdade?

Senhor, ensina-me a esperar.

*Jesus, aqui estou novamente
em busca de algo que, se eu me deixar levar,
fará guerra contra meu coração e o coração
daqueles que amo.
Em momentos como esse, posso escolher me entregar a
esse desejo transitório ou escolher te amar mais.
Entre escolher a vergonha ou a glória,
ajuda-me a escolher a glória.
Entre escolher o temporário ou a eternidade,
ajuda-me nesse momento a escolher o que é eterno.
Entre escolher um prazer acessível
ou o caminho árduo da cruz,
dá-me graça para escolher te seguir.⁵*

AGUARDE.

¹Lucio Anneo Seneca [Sêneca], *How to die: an ancient guide to the end of life*, edição de James S. Romm (Princeton: Princeton University Press, 2018), p.4.

²Ibidem, p. 104.

³Ibidem, p. 98.

⁴Larry J. Crabb, *When God's ways make no sense* (Grand Rapids: Baker, 2018).

⁵Douglas Kaine McKelvey, *Every moment holy* (Nashville: Rabbit Room Press, 2017).

2

PAULO ERA VICIADO EM SI MESMO?

A descrição de Paulo sobre sua experiência cristã em Romanos 7 me trouxe, por muitos anos, um consolo um tanto perverso. Com uma sinceridade admirável, o homem que hoje chamamos, não sem razão, de o grande apóstolo Paulo confessou ter percebido em si mesmo “todo tipo de desejo cobiçoso” (v. 8, NVI). Fico imaginando a que desejos ele se referiu. Porventura seriam iguais aos meus?

Depois dessa admissão, não lhe restou outra saída senão a conclusão de que havia algo terrivelmente errado. Paulo admitiu abertamente que o problema estava nele, pois “eu sou limitado pela carne, vendido como escravo do pecado” (v. 14). Apesar disso, na abertura de sua carta aos cristãos de Roma, Paulo se apresenta como “servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus” (Rm 1.1). Será que Martinho Lutero estava certo? Porventura somos todos santos e pecadores?

Ou será que Paulo foi um caso especial, uma contradição viva, alguém que viveu como escravo do pecado e também escravo de Cristo Jesus? O consolo que encontro em Paulo tem origem em meu entendimento sobre o que ele, a exemplo de Lutero, está me dizendo: que até o mais genuíno e devoto seguidor de Jesus enfrenta batalhas homéricas contra o pecado e algumas vezes fracassa. Esse consolo, porém, se mostra perverso quando me

induz à complacência com meus fracassos. Talvez a diferença entre um discípulo profundamente comprometido com Cristo e um seguidor casual de Jesus é que o primeiro vive mais consciente de sua luta contra o pecado e com ódio de cada fracasso. Entretanto, presumindo que nossa batalha contra o pecado se torna mais intensa conforme amadurecemos, essa é uma boa notícia para nós?

O que eu deveria aprender com Paulo quando ele escreve no versículo 15: “Não entendo o que faço”? Ora, eu também não. “Não pratico o que quero, e sim o que odeio”. Ora, eu também. Essas confissões gravíssimas foram feitas por um homem que muitos consideram, não sem razão, o maior cristão que já viveu.

E, para ter certeza de que sua mensagem não passasse despercebida, Paulo acrescenta mais adiante: “Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero” (v. 19). Eu também. Basta lembrar minha impaciência com Sêneca. Comentários soberbos fluem das profundezas de áreas ainda não purificadas de meu íntimo. Palavras arrogantes saem de minha boca tão espontaneamente como espirros quando estou resfriado.

Hoje eu me vejo como um viciado. Em seus escritos, Lutero não apenas declarou que todo cristão é santo e pecador, mas também acrescentou que somos todos viciados — em nós mesmos. Anseio por me livrar da tristeza e do conflito de atravessar a vida como um homem caído em meio a uma humanidade caída que habita um mundo caído. Jesus prometeu retornar algum dia e remover todo resquício da Queda. Entretanto, a vida é difícil. E esquecer-se de esperar é muito fácil. Faço o que for necessário para encontrar o alívio pelo qual tanto anseio e desfrutá-lo agora mesmo.

Aprendi estratégias eficazes para me sentir bem. Sei como despertar, de uma forma rápida e confiável, emoções prazerosas, satisfatórias até, com uma intensidade que parece afogar qualquer sentimento desconfortável em mim. Por alguns momentos deliciosos me sinto em paz comigo mesmo e com a vida. Ou assim me parece. Tenho certa dificuldade para perceber que

esse tipo de paz enfraquece minha capacidade e meu desejo de amar. Nessas ocasiões, o sentimento de bem-estar é bom demais para eu me preocupar com os outros ou prestar atenção se estou amando melhor.

Será que Paulo também passou por isso? Será que algumas vezes se dispôs a fazer tudo que estivesse ao alcance para se sentir bem? Não sei. Em sua jornada rumo ao céu, ele também teve várias decepções e dificuldades de relacionamentos. Será que ele odiava seus lapsos pecaminosos ao mesmo tempo que se inebriava com o alívio e o entorpecimento que esses prazeres lhe traziam? O livro de Hebreus nos adverte quanto aos “prazeres transitórios do pecado” (Hb 11.25, ARA). Mas esses prazeres funcionam, ao menos por alguns momentos maravilhosos. Porventura algum ser humano cumpre essa advertência à risca, sem jamais vacilar?

Ainda que sejamos hóspedes legítimos da embarcação que navega rumo ao céu, muitas vezes não tentamos mudar o curso do navio quando as tormentas atiram ondas gigantescas contra nós? Não empurramos para o lado o experiente e resoluto capitão a fim de assumirmos o leme e conduzir o barco para águas mais tranquilas? Ou aguardamos confiantes que o capitão Jesus nos conduza a um porto seguro em meio à turbulência dos mares? Você não confia? Por que não? Eis um questionamento sobre o qual vale a pena refletir.

3

UM CRISTÃO QUE AGUARDA E DOIS QUE NÃO AGUARDAM

Uma coisa é falar sobre uma ideia, outra bem diferente é conhecer alguém que vivencia ou não essa ideia. À medida que escrevo este livro, tenho em mente três grupos de pessoas que conheço, todos autodeclarados seguidores sinceros de Jesus. Um deles aguarda a alegria do céu sem exigir nada hoje, enquanto enfrenta com paciência as dificuldades, as decepções e os fracassos. Outro ouve o chamado de Deus para aguardar, reconhece a importância disso e até prega calorosamente sobre o prazer antecipado das glórias celestiais, porém não encontra alegria nem poder transformador na atitude de aguardar e, portanto, não aguarda. O terceiro não vê necessidade nenhuma de aguardar a satisfação prometida para o céu. A vida já lhe parece satisfatória o bastante. Prazeres futuros não passam de um acréscimo bem-vindo, a proverbial cereja do bolo.

Esses três cristãos ilustram três categorias de pessoas que se declaram seguidores sinceros de Jesus.

PRIMEIRA CATEGORIA: CRISTÃOS COMPROMETIDOS

Esse grupo, infelizmente uma minoria, representa cristãos que conhecem Jesus muito bem, o suficiente para desejar, mais que qualquer outra coisa, estar com ele o máximo possível hoje e plenamente no porvir. A mera

expectativa de conhecer Jesus em pessoa lhes traz mais alegria que qualquer prazer disponível neste mundo. Eles anseiam por experimentar agora, e com frequência o fazem, um antegosto do banquete que desfrutarão eternamente no porvir, quando a tristeza, as lutas e o pecado deixarão de existir. Para esses cristãos, a maior satisfação que este mundo tem a oferecer não supera a alegria de degustar a bondade de Deus hoje, tampouco se equipara à alegria celestial eterna.

Essa degustação amplifica o anseio deles por aquele banquete completo e desperta o desejo de um prazer ainda mais profundo que jamais será experimentado antes da morte ou do retorno de Jesus. Para grande decepção deles, porém, esse desejo insaciável os induz à tentação, ainda que brevemente, de buscar alguma experiência mais empolgante que traga satisfação para a alma. Essa tentação pode se apresentar inocente como fazer um comentário para destacar sua sabedoria e maturidade ou ajudar os outros a fim de chamar atenção para sua bondade e compaixão.

É uma tentação real. Contudo, a maioria das vezes (mas nem sempre) que essa tentação se manifesta extremamente sedutora, esses cristãos fazem um esforço intencional para se lembrarem de três verdades: da obra que Jesus realizou em favor deles por meio de sua morte; de que o Espírito de Cristo, encarnado na natureza divina de Jesus como ser humano, está vivo em seu íntimo; e de que Jesus suportou agonias indizíveis sem buscar nenhum alívio, mas aguardando a alegria vindoura, e por meio disso serviu de exemplo para seguirmos: primeiro o sofrimento, depois a glória.

Para esses cristãos sedentos, tais verdades despertam um desejo forte, discreto e instigante por um anseio não apenas de obter satisfação plena para a alma nesta vida, mas um desejo ainda mais forte de agradar a Deus por meio da atitude de evitar, seja em palavras, seja em ações, todo tipo de manifestação claramente egocêntrica. Eles se alegram com a verdade de que agradar a Deus traz satisfação incomparável para a alma. Em seu íntimo, uma visão começa a se formar, a visão de se tornarem ingredientes da alegria

divina, conforme escreveu C. S. Lewis, de se tornarem pessoas cuja vida inspira outros a seguirem seu exemplo.

Essas pessoas ouvem e atendem ao convite para aguardarem, para não se entregarem às satisfações que este mundo tem a oferecer. Nesse ínterim, desfrutam com gratidão todas as bênçãos divinas que Deus lhes concede. Elas odeiam a ilusão de satisfação que o pecado lhes traz enquanto aguardam, com esperança e alegre expectativa, as alegrias celestiais. Essa libertação do vício em si mesmo traz liberdade para outras áreas de tentações e vícios.

A todos que vivem dessa maneira eu digo: *Continuem assim!* Vocês estão trilhando o caminho estreito que conduz à vida que mais desejam, agora e no porvir. E para mim mesmo eu digo: *Preste atenção, faça tudo que estiver ao seu alcance para caminhar ao lado desses cristãos que aguardam.*

SEGUNDA CATEGORIA: CRISTÃOS CASUAIS

Muitos cristãos se encaixam nessa segunda categoria. Contudo, a maior parte deles (assim espero), deseja participar da primeira. São pessoas que lutam contra algum desejo arraigado, alguma tentação forte para se entregar a certos apetites que, quando experimentados, trazem um prazer inigualável para a alma, uma satisfação que lhes parece estranhamente insólita e ao mesmo tempo magnificamente libertadora e familiar. Familiar somente para o ego. Essa experiência maravilhosa traz um prazer que nada mais é capaz de trazer em igual medida. Sim, nem amar alguém intensamente, nem orações fervorosas, nem mãos levantadas em adoração jubilosa a Deus são capazes de produzir essa experiência singular e entorpecedora obtida ao sucumbir à tentação. É uma sensação que de alguma maneira parece completa, trazendo alívio de medos iminentes, de pensamentos desagradáveis e de emoções perturbadoras que muitas vezes geram grande inquietação nesses cristãos casuais. Para eles, nenhum outro prazer legítimo, nenhuma refeição saborosa, nem férias em lugares paradisíacos, nem a

alegria de adquirir a casa dos sonhos ou um carro novo é capaz de produzir a mesma experiência de uma forma tão confiável e eficaz.

Sim, estamos falando de pessoas cristãs, de cristãos comprometidos que, quando atacados por tentações, frequentemente (e algumas vezes até desesperadamente) se voltam para a morte de Cristo e se sentem sinceramente agradecidos pela graça do perdão. Esses cristãos creem genuinamente que o Espírito Santo vive em seu interior, porém quase não sentem a presença dele. Apesar disso, estão cientes de um ímpeto interior para agradar ao Pai por meio da atitude de resistir à tentação. Também cogitam a respeito do céu, porém raramente, talvez nunca, com toda a força de seu entendimento. Evitar a dor e desfrutar o prazer se tornou seu maior desejo.

A gratidão pela obra de Jesus, a percepção da orientação do Espírito guiando-os a um caminho melhor e a alegre expectativa do retorno de Cristo não são suficientes para superar a ilusão arraigada de paz e plenitude que experimentam quando cedem à tentação. Por algum tempo, durante alguns dias até alguns meses, esses cristãos conseguem dizer não aos prazeres das tentações. E então, porém, cedem novamente, ensejando outra temporada de fracassos aparentemente irresistíveis. Durante esse período, eles fracassam, não o tempo todo, mas com frequência.

Cristãos casuais tentam enfrentar esses períodos por meio da força de vontade, enquanto aguardam as delícias incomparáveis prometidas para o céu, e dizem não aos prazeres impuros de agora. Apesar disso, acabam inevitavelmente sucumbindo às satisfações previsíveis e confiáveis disponíveis por toda parte. Vivem frustrados consigo mesmos (“por que não consigo me controlar?”), com a vida (“é tudo muito difícil, eu preciso de um alívio”) e com Deus (“será que ele não poderia fazer algo mais para me ajudar?”). Entregar-se às tentações que tanto amam e ao mesmo tempo odeiam lhes traz um sentimento desconfortável de culpa que com o passar dos anos se transforma em indiferença, resignação e raiva. Eles se

concentram em seus vícios imediatos em vez de tratarem o vício do egoísmo e, assim, não percebem a verdadeira natureza do problema.

Às multidões de seguidores de Jesus que se enquadram nessa categoria eu digo: *Não desistam!* Não abandonem o campo de batalha. A derrota *não* é inevitável. O evangelho tem muito mais a oferecer. Nele há muito poder para liberar a vontade própria que já existe dentro de vocês, aquela vontade de aguardar e de obedecer. Você們 descobrirão uma sede em sua alma, um desejo sincero de aguardar a versão autêntica dos prazeres falsificados que hoje guerreiam contra a alma de vocês e que parecem tão agradáveis. E a mim mesmo eu digo: *Confie em sua sede de agradar a Deus e espere por Jesus; independentemente do quanto você se considere na segunda categoria, seu desejo é de pertencer à primeira.*

TERCEIRA CATEGORIA: CRISTÃOS COMPLACENTES

É a categoria mais perigosa das três. Aqueles que se enquadram nessa categoria se convenceram de que são pessoas verdadeiramente comprometidas com Cristo, porém vivem confortavelmente comprometidos com um cristianismo que eles mesmos criaram. Não percebem que vivem apenas para se protegerem e se autopromoverem. Seu lema é: “Quero me sentir bem e seguro”. E, uma vez que têm seu desejo atendido, louvam a Deus por sua fidelidade em prover todas as bênçãos que suprem esses desejos. Tudo funciona muito bem: têm um casamento relativamente feliz e filhos maravilhosos ou uma vida de solteiro com boa saúde e dinheiro suficiente para viver bem.

Muitos desses cristãos exercem ministérios que lhes proporcionam oportunidades de demonstrar seus talentos e recursos. Um grande número participa de conferências e ouve líderes cristãos famosos cujos ensinamentos aprovam e creem seguir à risca. Alguns são pastores.

Quando uma música na igreja ou uma palestra os induz a refletirem sobre o amor que Deus revelou tão completamente no Calvário e sobre o retorno de Jesus, esses cristãos experimentam o que creem ser alegria, mas sem

reconhecer a atitude arrogante com que demonstram essas emoções aprazíveis. Em sua mente se solidificou a crença, raramente percebida, de que Jesus morreu não apenas para perdoar seus pecados, mas também para favorecer seus seguidores perdoados com todas aquelas bênçãos que necessitam para desfrutar a vida. Toda bênção que traz conforto para a vida é valorizada acima daquelas que trazem perdão e capacidade de amar os outros sacrificialmente. A voz divina que os convida para aguardar, e aguardar de um modo que priorize o crescimento espiritual e o compartilhamento dessas bênçãos espirituais com os outros, é superada por uma voz mais alta que lhes assegura o direito a uma vida de bênçãos que os libertam para viver uma vida boa. Essa maneira de enxergar o padrão de bênçãos de Deus é mais uma prova do enganoso e arraigado vício em nós mesmos.

Para esses cristãos complacentes eu digo: *Acordem!* Vocês estão vivendo em uma Laodiceia, se não no centro da cidade, sem dúvida em um de seus bairros afastados. Prestem atenção às palavras de Paulo aos coríntios: “Examinai a vós mesmos, para ver se estais na fé” (2Co 13.5). E, em outra passagem: “a obra de cada um se manifestará, pois aquele dia a demonstrará, porque será revelada pelo fogo, e o fogo testará a obra de cada um [...] Se a obra de alguém se queimar, este sofrerá prejuízo, mas será salvo, como alguém que passa pelo fogo” (1Co 3.13-15).

Vocês estão sonolentos para ouvir o chamado do Espírito para aguardar. Em primeiro lugar, precisam prestar atenção à advertência sobre o julgamento que virá para todos os cristãos. Naquele dia, é possível que Jesus diga: “Vocês não agiram bem”. Vocês têm uma expectativa muito fraca quanto ao retorno de Jesus. A esperança de vocês está em uma vida boa e abençoada aqui e agora, em vez de em uma vida gloriosamente abençoada no porvir, uma vida capaz de libertar vocês para viverem hoje de uma forma que agrade a Deus por meio da submissão à obra do Espírito em moldá-los

à semelhança de Jesus. E para mim eu digo: *O Senhor me livre de me tornar um cristão complacente.*



Suspeito que um exame de vida minucioso revelará a qual dessas três categorias pertencemos. Talvez transitemos desajeitadamente por todas elas. É proveitoso, portanto, prestarmos atenção à vida de um cristão que aprendeu a aguardar e que serve de exemplo marcante de cristão da primeira categoria, de um cristão comprometido, de alguém que aguarda.

A Bíblia narra a história de um homem do Antigo Testamento que abdicou de uma vida rica e abençoada para seguir a Deus por um caminho repleto de dificuldades. Moisés ouviu o chamado para aguardar uma recompensa que esta vida jamais poderia oferecer, uma recompensa tão formidável a ponto de “nossas aflições atuais” parecerem minúsculas em comparação com ela (2Co 4.17). Observemos, portanto, a vida de Moisés. Talvez o Espírito use a jornada de Moisés para iluminar nosso caminho a fim de nos tornarmos cristãos da primeira categoria, seguidores de Jesus que aguardam ativamente seu retorno.

4

POR QUE MOISÉS?

Reflita sobre um trecho bíblico bem conhecido em que Paulo, autor da passagem, obviamente se expressou com grande sentimento de júbilo e privilégio. Primeiro, Paulo escreve que Deus “é tão rico em bondade e graça que comprou nossa liberdade com o sangue de seu Filho e perdoou nossos pecados”. Em seguida, parece especialmente comovido ao dizer que Deus “nos revelou agora sua vontade misteriosa a respeito de Cristo, que é cumprir seu próprio bom propósito” (Ef 1.7-9, NLT).

E nós, cristãos, vivendo como pessoas quebradas em um mundo quebrado, queremos saber, com enorme curiosidade: O que exatamente é esse propósito de Deus e o que o torna bom, tendo em mente a maldade que nos rodeia, a qual também existe dentro de nós e se opõe à bondade colocada dentro de nós pelo Espírito de Deus?

No versículo 10, Paulo se apressa em responder qual é esse propósito e prossegue em outros dez versículos apresentando uma visão mais clara da História Maior de Deus, uma história que traz uma razão sólida para aguardarmos o cumprimento desse plano e levarmos uma vida santa hoje. Leia o versículo 14 com o acréscimo de alguns comentários esclarecedores de minha parte.

“O Espírito é a garantia de Deus” para hoje “de que ele nos dará a herança que prometeu”, portanto aguarde com confiança a expectativa das coisas que virão; “e de que ele nos comprou para sermos seu povo”, de modo

que devemos viver como povo escolhido de Deus. E aqui está a essência do plano: “Ele fez isso para que possamos louvá-lo e glorificá-lo” (Ef 1.10-14, NLT).

Outra pergunta de imediato nos vem à mente: O que significa glorificar a Deus? Paulo informou aos coríntios que enviaria Tito e “outro irmão” à igreja de Corinto e que esse outro irmão o acompanharia na tarefa de levar o dinheiro doado pelos coríntios aos cristãos de Jerusalém, “uma obra que glorifica o Senhor e demonstra nosso desejo ardente de ajudar” (2Co 8.19, NLT).

Em minha opinião, glorificar o Senhor neste mundo corrompido significa, entre outras atividades e atitudes, revelar a disposição incorruptível de Deus de amar os outros pela maneira de nos relacionarmos com eles, caminhando ao lado deles com disposição genuína de estimulá-los. Está bem claro que essa *externalidade divina*, conforme poderíamos chamá-la, encontra-se no cerne do ser dinâmico de Deus. É uma disposição apaixonada que se tornou evidente na disposição de Deus de fazer todo o necessário para derramar seu amor em nós, a fim de que, de um modo cada vez maior, pudéssemos transbordar desse amor para os outros. Quando agimos dessa forma, glorificamos a Deus e revelamos sua essência divina para os outros. Também glorificamos a Deus quando vivemos confiantes no prazer de saber que seu amor não se abala sequer um milímetro com as dificuldades, tristezas e pecados que experimentamos enquanto aguardamos o ápice da consumação eterna da História Maior.

Contudo, outra pergunta surge: É possível viver desse modo? Deus, que obviamente já sabia que faríamos essa pergunta, registrou ao longo da Bíblia histórias de homens e mulheres que viveram “desse modo”, pessoas que, enquanto aguardavam o desenrolar da história de Deus, muitas vezes em circunstâncias difíceis e confusas, permaneceram firmes no plano relacional de Deus, independentemente do custo. Um desses era Moisés, exemplo

eterno e claríssimo daquilo que significa aguardar avidamente o porvir enquanto vivemos de modo fiel agora.

Uma primeira observação: os últimos quarenta anos de Moisés a serviço de Deus deixam claro que o chamado para aguardarmos aquilo que Deus cumprirá somente quando Jesus retornar não nos autoriza a vivermos hoje como bem desejarmos. *O cristão que vive apenas para satisfazer seu desejo de viver em conforto, sucesso e prosperidade neste mundo caído enquanto aguarda uma vida ainda mais confortável, bem-sucedida e próspera no porvir, quando Jesus recriar o mundo, é um cristão que não está aguardando conforme Deus intenciona que aguardemos.*

Moisés não era um desocupado, um aposentado ocioso do Egito. Depois de abandonar sua posição de príncipe de faraó, estabeleceu-se em Midiã, onde formou uma família, a qual sustentava com seu trabalho de pastor de ovelhas. Considerando-se o padrão de vida daquela época, alguém poderia dizer que Moisés teve, até certo ponto, uma vida relativamente confortável, talvez até próspera, durante seus quarenta anos em Midiã. Também é verdade que, quando Deus o chamou para uma vida claramente desconfortável e sem luxo, Moisés se opôs, como fez Jeremias. Entretanto, nenhum dos dois recusou a vida para a qual Deus os chamou. Moisés não se desviou de Deus nem do plano penoso de Deus para sua vida.

Moisés reconheceu uma vocação maior do que viver com o máximo possível de conforto neste mundo. Conforme veremos nos próximos dois capítulos, sua percepção do chamado para viver em expectativa de uma recompensa maior que aquela disponível neste mundo começou aos quarenta anos. Em seus quarenta anos no Egito, qualquer percepção que Moisés tivesse de sua ligação com seu povo escravizado, talvez até de sua posição como libertador, cristalizou-se quando escolheu abandonar sua alta posição no Egito e, por fim, decidiu conduzir dois milhões de escravos hebreus para a liberdade do deserto rumo à Terra Prometida.

Parece-me muito claro, ainda mais claro agora em meus setenta e poucos anos, que o chamado de Deus para seus atuais seguidores, todos aqueles que vieram depois da crucificação de Jesus, é essencialmente aguardar o retorno de Cristo a este mundo confuso e depositar toda esperança na infalibilidade de que ele fará uma restauração belíssima neste mundo e em nossa vida. Além disso, devemos enxergar esse período de espera, que se estende desde nosso nascimento até nossa morte ou o retorno de Cristo, como oportunidade privilegiada e bem-vinda de agradar a Deus, que nos amou com um amor infinitamente custoso. Mas como fazer isso? Por meio de nossa alegre submissão à obra de seu Espírito de nos ajudar em nossos relacionamentos com os outros em conformidade com o exemplo de Jesus.

ESPERA ATIVA

Não existe chamado maior para nós, cristãos, que aguardar o retorno do Senhor e, nesse ínterim, apreciar a obra do Espírito em nós e por meio de nós até Jesus retornar. Também não existe chamado tão pouco apreciado e protelado. Entretanto, Pedro não nos dá essa opção. É *agora*, escreveu ele, que devemos aguardar. Aguardar o quê? Nossa participação em “sua [de Deus] glória eterna por meio de Cristo Jesus”. E Pedro insiste que devemos aguardar com a confiança de alguém que, “depois de ter sofrido por um pouco de tempo”, um tempo que parece longo demais para nossa mente presa ao tempo, “ele os restaurará, os sustentará e os fortalecerá, e os colocará sobre um firme fundamento” que nos capacitará a perseverarmos (1Pe 5.10, NLT). Não em um fundamento instável de promessas de conforto para hoje, mas em um fundamento sobre a rocha que nos mantém firmes e aprumados em nossa missão de nos tornarmos semelhantes a Jesus, a despeito das tempestades que trovejam em nosso íntimo e ao nosso redor. Para mim, Pedro está me pedindo:

Para eu jamais aguardar o retorno de Jesus passivamente, como se fosse algo de pouco valor, uma ambição menos importante que desfrutar as coisas boas

disponíveis neste mundo. Viver sem a perspectiva maior do infinito no intervalo de meu nascimento e minha morte é uma vida desperdiçada, uma vida incapaz de contar a História Maior de Deus por meio do modo que me relaciono.

Moisés não aguardou com passividade! Mas também não aguardou *agressivamente*. Seu objetivo maior não era melhorar as condições de vida do povo de Deus o mais rápido possível, mas orientá-los a cooperarem, em submissão, com o plano de Deus para eles. Aguardar com agressividade não era o que Deus desejava para seus seguidores no Antigo Testamento nem para aqueles cristãos imensamente abençoados que vivem entre a cruz de Cristo e seu retorno.

Viver com a intenção principal de mudar o mundo é uma forma insensata e inútil de usurpar da prerrogativa de Deus. Afinal, Jesus anunciou que em seu retorno faria “novas todas as coisas!” (Ap 21.5, NLT). Por favor, não me interprete mal. *Não* estou dizendo que é errado alimentar os pobres, abrigar os sem-teto, levar água aos sedentos, providenciar cadeiras de rodas para os paralíticos, bicicletas para quem precisa de meios de locomoção acessíveis em áreas de pobreza, hospitais com bons médicos e medicina moderna em locais desprovidos de assistência médica. Todas essas coisas são obras boas, caridosas e importantes. O que *estou* dizendo é que devemos fazer o bem neste mundo não apenas em sentido prático, mas também moral: combater o aborto, defender o casamento entre um homem e uma mulher e outras causas virtuosas.

Entretanto, quando nosso objetivo de vida se concentra apenas nessas coisas, obscurecemos o chamado maior e mais desafiante de nos *relacionarmos* com os outros com bondade e amor sacrificial, amor disposto a sofrer, por meio de uma visão do tipo de pessoas que podemos nos tornar quando o amor de Deus flui em nossa alma e transborda para a alma dos outros. À medida que isso acontece, aprendemos a “prestar atenção uns aos

outros o tempo todo a fim de nos estimularmos ao amor e às boas obras” (Hb 10.24, versão Kenneth Wuest).

Retornando a Moisés, observamos que ele não era um zelote progressista socialmente engajado. Sim, ele proveu, por meio do poder de Deus, água em uma terra árida. E, sim, Israel se alimentou de pão que desceu do céu sob sua liderança. Entretanto, ao longo de todas as bonanças e dificuldades (principalmente dificuldades) de seus quarenta anos em uma terra inóspita, conduzindo um povo hebreu obstinadamente difícil de lidar, Moisés jamais desistiu. Antes, buscou de modo fiel e resoluto, embora não com perfeição, conduzir e pastorear o povo escolhido de Deus em sua jornada à Terra Prometida. Isso é uma parte do nosso chamado hoje para nos estimularmos mutuamente e nos fortalecermos à medida que caminhamos juntos rumo ao nosso lar celestial.

Moisés aguardou *ativamente* por sua “riqueza maior” (veja Hb 11.26) e não *passivamente* ou *agressivamente* por uma recompensa que viria depois de sua morte. Esse é o chamado de Deus para nós, cristãos, atualmente: aguardar ativamente o amanhã conforme vivemos em amor hoje. Esse chamado está registrado na Escritura. Observe os versículos a seguir, selecionados entre muitos que trazem uma mesma mensagem.



“Espere pacientemente pelo Senhor. Seja valente e corajoso” (Sl 27.14, NLT): aguarde ativamente com paciência em meio aos problemas e sonhos despedaçados, mas sem passividade e sem agressividade. Devemos aguardar com valentia e coragem, cientes de que nossa espera acontece em meio a um caminho estreito, algumas vezes traiçoeiro e muitas vezes cheio de decepções. À medida que aguardamos nossa rica recompensa, devemos permanecer ativos em viver a História Maior de Deus, cumprindo nossa parte em nos tornarmos “pequenos Cristos”, seguidores de Jesus que demonstram seu amor por meio do modo de nos relacionarmos e

estimularmos uns aos outros a buscar a alegria de amar bem, conforme prosseguimos em nossa árdua jornada.

“Espere pelo Senhor e permaneça no caminho dele” (Sl 37.34, ESV). Devemos esperar o Senhor concluir a história humana e revelar a eternidade de uma maneira que intensifique o deleite de Deus ao nos conceder nossa grande recompensa tão aguardada, a vida com ele, literalmente face a face, em um mundo de beleza imaculada e livre de perigos. Até lá, devemos permanecer ativamente no caminho dele, prosseguindo e “fazendo discípulos” (Mt 28.19, NLT), o último mandamento do Senhor para seus seguidores antes de subir ao Pai celestial. Inspirado pelo Espírito, Paulo acrescentou: “Vivam com sabedoria entre os incrédulos e aproveitem todas as oportunidades” (Cl 4.5, NLT). Que oportunidades? De evangelizar, presumo. Mas uma coisa está bem clara: não devemos ter por *objetivo* de vida nosso bem-estar e conforto pessoal nem viver agressivamente com o objetivo de transformar e aperfeiçoar a cultura. Antes, devemos aguardar o *final* enquanto andamos no caminho de Deus *hoje*.

“É bom que a pessoa aguarde com serenidade a salvação do Senhor” (Lm 3.26, ESV). Esse versículo talvez represente uma das mais claras indicações do desejo de Deus de que devemos aguardar em meio às dificuldades sem sucumbir à tentação de priorizar a busca de uma vida mais fácil. À medida que escrevo estas palavras, me encontro sentado em uma poltrona de hospital com uma bolsa de quimioterapia injetando medicamentos em minhas veias para tratar uma leucemia. Meu desejo mais sincero nesse momento é que minha vida seja menos difícil. Entretanto, será que desejo apenas isso? Não desejo, na verdade, agradar a Deus por meio do modo que me relaciono com os médicos e enfermeiras do hospital, independentemente de a quimioterapia funcionar?

Esse versículo de Lamentações foi escrito por Jeremias, o profeta chorão que tinha motivos de sobra para se lamentar. Suas palavras de exortação

foram escritas para o povo de Judá após a destruição causada pelos babilônios.

O profeta não convocou o povo a um derrotismo resignado nem a buscar justiça por meio da força. Por meio de Jeremias, Deus convocou a população recém-escravizada de Judá a permanecer fiel, a “construir casas e permanecer” em uma terra que não lhes pertencia (Jr 29.5, NLT) e a confiar em Deus para cumprir sua promessa de libertação, ainda não realizada, à medida que enfrentavam a dura e triste realidade da devastação. O chamado é claro:

Aguardem o amanhã. Não exijam nada agora. Antes, desfrutem as bênçãos de Deus para hoje. Não obstante, quer em bênção, quer em tribulação, vivam para amar bem hoje.

“Nós mesmos aguardamos ansiosamente a esperança da justiça” (Gl 5.5, ESV). Essas palavras me trazem à mente o chamado para vivermos com a “certeza de que Deus, que começou a boa obra” em cada um de nós “prosseguirá sua obra *até que finalmente ela seja cumprida no dia em que Cristo retornar*” (Fp 1.6, NLT). Paulo nos exorta, com muita veemência, a cooperarmos ativamente com o Espírito hoje, antes de Jesus retornar; a prosseguir com o Espírito em seu plano de nos transformar pouco a pouco à semelhança de Jesus até a chegada daquele dia final e glorioso quando Cristo retornar, ocasião em que o veremos e seremos maravilhosamente transformados. Mais uma vez, a ideia central é: não aguardamos passivamente nem agressivamente, mas ativamente enquanto cooperamos com o Espírito de Deus.

“Vocês abandonaram os ídolos e se voltaram para Deus” e resloveram “esperar seu Filho retornar do céu” (1Ts 1.9, ESV). Tudo que nos afasta de Deus e nos empurra para nossa própria história menor, aquela história que vivemos entre nosso nascimento e nossa morte, é um ídolo. Quando a ideia de descansar no amor de Deus é interpretada erroneamente como

passividade no serviço ao Senhor, a atitude de julgar-se no direito de seguir por um caminho mais fácil, na esperança de obter uma vida mais agradável, torna-se um ídolo.

Quando o ministério piedoso se transforma em engajamento fervoroso para aperfeiçoar a cultura, em desejo de priorizar um modo de vida mais confortável, mais próspero e mais justo (e até mais moral) neste mundo, a obra missionária se transforma em ídolo. Viagens missionárias para construir casas, igrejas e hospitais são coisas muito boas, uma vez que honram a compaixão do Senhor pelos pobres. Entretanto, a qualidade do relacionamento entre os missionários e a população local agrada muito mais a Deus, pois evidencia a natureza relacional de Jesus. Lembre-se de que somos exortados a prestar atenção uns aos outros a fim de nos estimularmos *primeiro* ao amor e *depois* às boas obras (veja Hb 10.24).

Adoramos melhor nosso Deus trino e relacional por meio de nossa submissão ativa à obra vagarosa, e algumas vezes dolorosa, do Espírito Santo em transformar, espiritual e relationalmente, nosso coração, nossa alma e nossa mente à medida que aguardamos com ardor Jesus trazer justiça social a um novo céu e uma nova terra. Somente então, e não antes, os salvos, em imaculada formosura, viverão eternamente à semelhança da imagem incorruptível de Cristo em uma comunidade feliz, produtiva e sempre em descanso, uma eternidade que vale muito a pena aguardar.

Reflita a respeito dessas cinco passagens bíblicas e outras semelhantes e então o chamado de Deus se tornará evidente:

**Devemos aguardar *ativamente* o retorno do Senhor,
sem *passividade* e sem *agressividade*.**



Moisés obedeceu a esse chamado. Quatro décadas de passividade em meio ao luxo do Egito não foram capazes de satisfazer sua alma terrivelmente

sedenta. E, apesar de sua tentativa agressiva de fazer um pouco de justiça para seu povo escolhido e injustamente escravizado, Moisés abraçou o chamado maior para agradar ao Senhor por meio de sua fidelidade ao misterioso plano divino para si e para o povo de Deus.

Aos quarenta anos, e moldado por Deus até perceber que nenhum bem eterno resulta de uma espera passiva e confortável nem de uma espera agressiva para melhorar as circunstâncias exteriores do mundo, Moisés finalmente estava disposto a tomar decisões de mudar de vida. Depois dessas decisões, Moisés foi conduzido por Deus a outro período de quatro décadas em que aguardou ativamente as coisas que Deus tinha para ele conforme trabalhava, cuidava de sua família e almejava a chegada de seu destino maior e eterno.

Venha comigo e observe a admirável evidência de um processo de maturidade em Moisés aos quarenta anos, uma maturidade que o preparou, aos oitenta, para o terceiro e último período de quatro décadas de sua vida, décadas difíceis de espera ativa por sua grande recompensa enquanto prosseguia fielmente em seu chamado.

5

MOISÉS AGUARDOU!

Em seu clássico *Holiness*,¹ J. C. Ryle extrai várias lições importantes do primeiro período de quarenta anos da vida de Moisés, todas a partir de três versículos bastante significativos escritos pelo autor de Hebreus. Vale a pena revermos cada uma dessas lições escritas por Ryle em 1877. Juntas, elas apresentam um quadro imponente de um homem piedoso que de fato aguardou.

Eis os três versículos:

Pela fé, Moisés, já adulto, recusou ser chamado filho da filha de faraó, preferindo ser maltratado com o povo de Deus a desfrutar os prazeres transitórios do pecado. Considerou a vergonha de Cristo uma riqueza maior que os tesouros do Egito, pois aguardava ansiosamente a recompensa (Hb 11.24-26, ESV; algumas traduções trazem “grande recompensa”).

O que Moisés abandonou e o que buscou é algo notável, contraintuitivo, totalmente fora de compasso com a cultura, tanto a antiga quanto a atual.

Vejamos o que Moisés *abandonou*.

POSIÇÃO

Em primeiro lugar, Moisés abdicou do poder e do prestígio que sua posição como príncipe do Egito lhe garantia para o resto da vida. Ele agiu dessa

forma por uma única razão: por acreditar que Deus tinha algo melhor para ele.

A filha de faraó não apenas resgatou o bebê Moisés de um berço improvisado em forma de cesto flutuante no rio Nilo (veja a história em Ex 2.1-10); ela também o adotou como filho. De acordo com vários historiadores, Moisés era seu único filho, destinado, portanto, a se tornar um homem importante na corte do Egito, talvez o primeiro da fila na sucessão ao trono de seu avô. Poder e prestígio estavam inteiramente à sua disposição.

Imagine uma jovem ou um jovem prestes a assumir uma empresa bilionária ou a assinar um contrato esportivo milionário com um time famoso ou a liderar uma megaigreja que o tornaria uma personalidade nacionalmente reconhecida dentro do meio cristão. Obviamente, não há nada errado, ainda que provavelmente perigoso, em aceitar qualquer dessas oportunidades prestigiosas. Exceto, é claro, se Deus estiver chamando esse ou essa jovem para outra vocação, talvez para uma vida relacional que poderia sofrer com a interferência de qualquer das oportunidades atrativas mencionadas acima. Caso um chamado para essa vocação se tornasse evidente para essa ou esse jovem, imagine a grande tentação de convencer-se de que um Deus bom e amoroso jamais chamaria alguém tão talentoso e requisitado para uma oportunidade “inferior”.

O livro de Hebreus informa que Moisés, depois de “adulto”, aos quarenta anos, recusou-se, “pela fé”, a “ser chamado filho da filha de faraó”. Renunciou a todos os seus privilégios e trocou sua identidade de príncipe de uma família régia pela identidade de compatriota de um povo escravo. Moisés aceitou um chamado maior para sua vida, ciente apenas de que sua identidade seria a de um escravo entre escravos, semelhante ao nosso chamado atual como cristãos para nos identificarmos como escravos de Jesus em nossa caminhada rumo a um destino glorioso.

Alguns psicólogos diriam que Moisés poderia ser diagnosticado como masoquista, alguém que odiava a si mesmo, preferindo a pobreza e a miséria em vez de riqueza e conforto. Os próximos oitenta anos de Moisés, especialmente os últimos quarenta, deixam claro que ele, como fiel adorador de Deus, aguardou a recompensa divina, ciente de que o caminho estreito implicava antes de tudo dificuldades e, somente ao final, glória.

Moisés creu até o último suspiro que não havia nada melhor que a recompensa que Deus havia reservado para ele, mesmo quando sua vida natural se encerrou em grande decepção. Afinal, Moisés faleceu *contemplando* a Terra Prometida, sem jamais *entrar* nela. Apesar disso, morreu pastoreando o povo e abençoando-o, enquanto os israelitas se preparavam para atravessar o Jordão e entrar em Canaã sem a presença de Moisés.

Moisés é um exemplo de repreensão e ao mesmo tempo de estímulo para os cristãos de hoje. Quando optamos por um estilo de vida confortável, sem refletir com seriedade sobre o tipo de vida a que Deus talvez esteja nos conduzindo, comportamo-nos como pessoas viciadas, talvez não em álcool ou pornografia, mas em nosso bem-estar pessoal, em saciar sedes bem menos importantes que o anseio de conhecer Deus e de revelá-lo para os outros pelo modo como nos relacionamos. Vivemos viciados em outra fonte de felicidade além do próprio Deus, em coisas que não nos trazem o privilégio inestimável, embora custoso, de fazer parte da História Maior de Deus. Dessa forma, abandonamos o melhor que Deus tem para nossa vida, recusando-nos a aguardar o dia em que as dificuldades serão por fim confirmadas como tendo sido a melhor maneira de se viver.

Por meio de seu exemplo, Moisés nos ensina que deixar de lado a falsidade do poder e do prestígio que nos fascinam, abandonar a arrogância de querer influenciar as circunstâncias deste mundo, cientes de que Deus nos chama para um caminho diferente de satisfação da alma, é viver livre como escravo de Deus. Por meio da fé, Moisés aguardou com uma

determinação que nos inspira a confiar que o caminho de Deus é, de fato, o melhor.

PRAZERES

Em segundo lugar, Hebreus informa que Moisés “recusou os prazeres transitórios do pecado”.

O que poderia persuadir e fortalecer um viciado a recusar as delícias transitórias, porém arrebatadoras, para saciar seu enorme apetite por pecados prazerosos? Trataremos dessa questão em um capítulo mais adiante. Por ora, gostaria de chamar atenção para o fato de que Moisés fez o que parece impossível para muitos: “recusou os prazeres transitórios do pecado”. Sem dúvida, os comandantes do governo egípcio da época não tinham esse mesmo comedimento. Eles não impunham limites em sua busca de quaisquer prazeres que parecessem interessantes, incluindo sexo e álcool. Será que Moisés, em sua juventude, aproveitou as oportunidades de acesso a esses prazeres? Parece que sim. O autor de Hebreus, inspirado pelo Espírito de Deus, informa que Moisés, *ao chegar à meia idade*, recusou os prazeres transitórios do pecado. Esse detalhe parece inferir que Moisés não os recusou em sua juventude.

Uma das estratégias mais insidiosas e atraentes de Satanás para nos desviar de Deus e nos levar para o pecado é nos iludir, ainda que apenas em algum momento crítico de decisão, com a ideia de que os prazeres acessíveis do sexo, dos entorpecentes e outros mais são capazes de satisfazer a sede que mais almejamos saciar. A fim de alcançar esse objetivo, Satanás, em sua sabedoria diabólica, se esforça para que jamais percebamos, especialmente nesses momentos críticos, aquela sede humana em nosso mais profundo ser e que pode vir a experimentar a verdadeira alegria somente depois de conhecermos o amor de Deus, a ponto de desejarmos compartilhar esse amor com os outros.

Entretanto, essa alegria, disponível à medida que o Espírito trabalha em nosso íntimo, jamais se concretiza em sua totalidade, pelo menos não por

muito tempo. Ainda nos resta uma dor. A batalha do pecado contra a santidade prossegue violentamente dentro de nós. Medo, mágoas, ansiedades e sentimento de culpa jamais se dissipam completamente. A incerteza sobre o futuro continua nos incomodando. Ansiamos por um alívio dessas inquietações. É nesse momento que o Diabo lança sua melhor cartada. O prazer proporcionado por nosso vício predileto nos traz esse alívio, ainda que apenas por um momento, aparentemente exigindo que retornemos a esse prazer viciante sempre que necessário.

Suponhamos que Moisés, um hebreu amado por Deus, tivesse em sua alma um grande anseio que nenhum dos prazeres transitórios do pecado, abundantemente disponíveis no Egito, jamais fossem capazes de satisfazer. Mesmo nesse caso, a tentação era grande. Imagine os prazeres aos quais ele tinha acesso desde a juventude até os quarenta anos: o prazer intoxicante do sexo, o poder entorpecente do álcool, o charme de vestir-se bem, o orgulho de ser respeitado por pessoas de todas as classes, o luxo e o conforto inigualável de seus aposentos reais, a admiração do povo quando saía dirigindo sua carruagem último modelo puxada por cavalos bem tratados e adornados, a vaidade de dispor de acesso total ao faraó e aos seus favores bem como à melhor assistência médica disponível na época. Todos esses e outros prazeres estavam à disposição do príncipe Moisés.

Entretanto, seria possível supormos que o Espírito de Deus, ciente do roteiro escrito no céu para a vida de Moisés, já vasculhava aquelas áreas intocadas e inconscientes de sua alma, despertando-o para o estresse de correr atrás de um desejo não satisfeito? Será que Moisés estava sendo preparado para perceber que todas as boas experiências disponíveis no Egito nada mais eram que prazeres transitórios? Prazeres experimentados equivocamente como delícias que satisfazem a alma? Vícios totalmente indignos de apreciação ou de entrega contínua?

Era necessário um discernimento divino para que Moisés reconhecesse esses prazeres transitórios como armadilhas, e não como bênçãos, como

delícias que guerreavam contra sua alma. Deus trabalhava para levar Moisés a aceitar seu destino, exatamente como vem fazendo na vida de cada um de nós. É muito triste que andemos tão atarefados em meio ao burburinho da vida para prestarmos atenção à obra do Espírito.

Moisés percebeu, como também devemos perceber, que a alegria para a qual foi criado somente poderia ser encontrada no plano de Deus. E essa alegria deve ser obra de Deus. Moisés aguardou! Devemos, portanto, fazer o mesmo se quisermos viver como verdadeiros discípulos de Jesus.

PROSPERIDADE

Em terceiro lugar, Moisés abdicou da riqueza material, da vida luxuosa que os tesouros do Egito lhe proporcionavam.

Como neto adotado de um faraó riquíssimo, Moisés poderia ter vivido como um Tio Patinhas, contando suas moedas de ouro todos os dias. Uma conta bancária abarrotada afastava toda e qualquer preocupação de que não pudesse adquirir algo que desejasse. É um sentimento prazeroso que muitos desfrutam na civilização ocidental: pagar todas as contas e ter dinheiro de sobra para jantar em algum restaurante refinado. Se não depositarmos no retorno de Jesus toda nossa esperança, incluindo o anseio por uma vida confortável e livre de preocupações, o chamado de Deus para vivermos com menos parecerá pouco atraente.

Pessoas com diferentes recursos financeiros, de bilionários a paupérrimos, provavelmente (e sem nenhum escrúpulo) não perderiam uma oportunidade de adquirir mais dinheiro. Os pobres desejam dinheiro. Os ricos, tipicamente, desejam muito mais. Como príncipe do Egito, sem dúvida Moisés desfrutava de sua riqueza. Apesar disso, trocou-a pela pobreza. Por quê? Porque o chamado de Deus para sua vida exigia isso. Moisés decidiu aguardar “pela recompensa”, a fim de encontrar sentido, alegria e amizade em Deus por meio de sua participação na história divina, conforme o roteiro de Deus para sua vida.

É necessário apontar, mais uma vez, que Moisés não abdicou do desejo, planejado por Deus, de ser feliz. Entretanto, desistiu de procurar felicidade nos lugares errados, incluindo na riqueza material. Ao que parece, Moisés acreditou no velho e batido provérbio, porém verdadeiro, de que o dinheiro não pode comprar felicidade, pelo menos não a felicidade que Deus planejou que desfrutássemos.

Moisés optou por um rumo que, para a maioria dos observadores da época e atuais, parecia um caminho certo para a desgraça. Contudo, Moisés, por meio da fé, e somente por meio da fé, enxergou de outra maneira. Ainda que os últimos quarenta anos de sua vida tivessem se tornado, pelos padrões do mundo, miseráveis, e que não há dúvida de que ele também se sentia miserável, Moisés evidentemente permaneceu convicto de que o Deus a quem obedecia estava firmemente comprometido com o bem-estar de sua alma. Do contrário, como poderia ter perseverado em aguardar?

Precisamos prestar atenção a um ensinamento muito claro de Jesus, o qual Moisés demonstrou claramente em sua vida:

O caminho para a felicidade, o caminho de alegria repleto de esperança e bem-estar para a alma cristã, traz situações de aflição, de cansaço e de medo, às vezes quase insuportáveis, mas também traz a percepção de uma sede profunda que será satisfeita somente no porvir, uma sede que produz uma esperança alegre e perseverante.

Em minha mente vejo Moisés acenando com a cabeça em total concordância com o fato de que angústia e esperança são situações inevitáveis na vida daqueles que temem a Deus. Moisés abdicou de posição, de prazeres e de prosperidade para aguardar uma recompensa maior futuramente. Hoje, ele desfruta a alegria eterna face a face com Deus. Moisés aguardou. Foi uma decisão oportuna.

Neste capítulo falamos das coisas que Moisés abandonou. No próximo, falaremos das coisas que ele buscou. Moisés decidiu viver em conformidade

com o que Jesus apontou como o caminho estreito.

1John C. Ryle, *Holiness* (Perfect Library, 1877) [publicado em português por Fiel sob o título *Santidade: sem a qual ninguém verá o Senhor*].

6

ESCOLHAS INSENSATAS

D e acordo com as observações perspicazes de J. C. Ryle acerca da vida de Moisés, conforme registrado em Hebreus 11.24-26, é possível identificarmos três escolhas *aparentemente* insensatas de Moisés aos quarenta anos que o fizeram trocar o luxo do Egito pelas dificuldades de Midiã. Se não existe uma História Maior para contar, se a história menor entre nosso nascimento e morte é tudo que temos, as escolhas de Moisés foram verdadeiramente insensatas. Entretanto, se cremos no ensino bíblico segundo o qual Deus está contando uma história grandiosa que começou no passado eterno e prosseguirá eternamente no futuro, as escolhas de Moisés fazem todo sentido. Obedecer a Deus sempre faz sentido. As escolhas de Moisés trouxeram significado para sua vida, ainda que em meio a muitas dificuldades, e o colocaram a caminho de seu destino de uma grande recompensa.

Ainda recorrendo a Ryle, no capítulo anterior sugeri que Moisés *abandonou* o caminho do poder, dos prazeres e da prosperidade, três coisas para uma vida boa segundo o entendimento da maioria. Neste capítulo, quero mostrar que Moisés também *buscou* três coisas que certamente o levariam a uma vida pavorosa, difícil e fatigante. Ao observarmos a vida de Moisés por meio das informações apresentadas no livro de Hebreus, é possível perceber que sua vida, embora pavorosa, difícil e fatigante, estava de

acordo com o roteiro que Deus tinha para ele. Em retrospectiva, Moisés fez três escolhas sábias.

ESCOLHEU O SOFRIMENTO

Em primeiro lugar, Moisés escolheu sofrimentos, dificuldades e injúrias; ou, conforme o registro em Hebreus, preferiu “ser maltratado”.

Moisés tomou sua primeira decisão ciente de que o faraó, seu avô adotivo, não a aprovaria. Moisés se dispôs a defender um escravo hebreu contra um cidadão egípcio que estava “espancando um de seus compatriotas hebreus” e matou esse egípcio (Êx 2.11-12, NLT). Moisés quis defender e proteger seu povo, o povo escolhido de Deus. É possível, até provável em minha opinião, que Moisés se imaginasse dando os primeiros passos para libertar os hebreus da escravidão, presumindo que sua posição de príncipe do Egito o qualificava para esse propósito. Depois de matar o egípcio, porém, deve ter pensado que sofreria alguma represália do faraó. O que ele não esperava de jeito nenhum é que sofreria represália dos próprios compatriotas que estava tentando ajudar. Mas foi o que aconteceu.

O faraó se sentiu totalmente traído por um neto que até então vinha desfrutando uma vida próspera, comida boa e educação de altíssimo nível, tudo oferecido pelo Egito. O faraó deve ter desejado matar seu neto, que provavelmente era o primeiro da lista na sucessão do trono depois do faraó. Duvido que a atitude do faraó tenha surpreendido Moisés.

Não tenho dúvida, porém, de que ele esperava apoio de seus compatriotas hebreus, quem sabe até de Deus, mas não obteve de nenhum dos dois. No dia seguinte após matar o egípcio, Moisés tentou apartar uma briga entre dois hebreus. “Por que você está espancando seu amigo?” (Êx 2.13, NLT), perguntou Moisés ao que havia começado a briga. “Quem nomeou você nosso príncipe e juiz?”, replicou o hebreu. “Você vai me matar como matou o egípcio ontem?” (Êx 2.14, NLT).

Sua missão autoimposta de libertar os judeus da escravidão e ajudá-los a conviverem em harmonia começou mal e terminou pior.

Quarenta anos depois, encontramos Moisés convivendo com os israelitas no deserto e liderando-os rumo à Terra Prometida. Muitos entre o povo começaram a reclamar da situação difícil em que se encontravam. “Moisés ouviu todas as famílias reclamando à entrada de suas tendas” (Nm 11.10, NLT). Tremendamente incomodado com a murmurção do povo, Moisés gritou com Deus: “O fardo é pesado demais. Se é assim que pretendes me tratar”, agora que estou fazendo o que me pediste para fazer, “mata-me de uma vez. Faz-me um favor e me poupa dessa infelicidade” (Nm 11.14, NLT). O faraó havia desejado a morte de Moisés muitos anos antes. Agora, Moisés estava se sentindo maltratado não apenas por seus compatriotas, mas também pelo Deus a quem servia.

Uma multidão de cristãos se sente exatamente assim hoje. O mundo, tipificado pelo faraó, se opõe cada vez mais ao cristianismo. Algumas vezes, irmãos tratam outros irmãos de uma forma que hoje nos acostumamos a chamar de abuso. E Deus, que supostamente fala por meio da igreja, parece pouco disposto a resolver problemas genuínos que alguns cristãos enfrentam. Maltratados pelo mundo, maltratados por irmãos na fé dentro da igreja (com frequência pela liderança) e aparentemente maltratados até por Deus, não é de admirar que alguns cristãos têm abandonado o cristianismo tradicional.

Em um encontro “inesperado” algum tempo atrás, um sujeito me perguntou se eu ainda acreditava nas coisas que havia escrito em meus livros. Sim, respondi, e em seguida questionei o motivo daquela pergunta claramente desafiadora; e ele, com certa beligerância, respondeu de imediato: “Eu costumava acreditar naquelas historinhas cristãs de sonhos despedaçados que nos conduzem à alegria de um Deus que sempre deseja o nosso bem. Fui professor de escola dominical e até presbítero de minha igreja. Deus, porém, se recusou a responder a uma oração importantíssima para mim. Meus companheiros de presbitério me incentivaram a aguardar no Senhor para ver que resposta ele me daria, mas nada aconteceu. Vou lhe

dizer uma coisa: se Deus existe, não vale a pena crer nele. Para mim, chega. Cansei de igreja, de cristãos e de cristianismo”.

Alguns abandonam a fé de uma forma mais discreta. Outros, a exemplo desse sujeito, de uma forma bastante explícita.

Se Moisés soubesse o que encontraria pela frente, teria escolhido o caminho do sofrimento, dos maus-tratos e do abuso, e com tão pouco auxílio evidente da parte de Deus? Jesus nos disse que o caminho que deseja que sigamos na vida é uma vereda estreita. Ora, estreito significa dificuldade, aflição. Será que eu escolheria obedecer ao chamado de Cristo para seguir o caminho estreito se soubesse quão estreito se tornaria? Será que algumas vezes me sinto mais *preso* ao cristianismo que *agradecido* por conhecer Jesus como Salvador e por desejar segui-lo?

A velhice me alcançou. Será que uma enxurrada repentina de dificuldades poderia me induzir, agora na reta final, a abandonar a esperança de uma vida abundante de amor a Deus e ao próximo e de morrer bem? Será que continuaria aguardando com esperança as coisas que me esperam quando Jesus retornar? Será que permaneceria fiel até o último momento?

Jesus é, como sempre, nosso exemplo, nosso Sumo Sacerdote compassivo que “entende nossas fraquezas, pois enfrentou as mesmas tentações que nós enfrentamos, porém não pecou” (Hb 4.15, NLT). Até aquele momento no Getsêmani, nem Jesus havia compreendido totalmente o quanto ainda haveria de sofrer. O Calvário tornou tudo perfeitamente claro. *E mesmo assim, Jesus aguardou!* Ele sabia o que o esperava: sua ressurreição e ascensão e, depois de alguns milhares de anos de igreja e de história mundial, seu retorno para fazer novas todas as coisas.

Todo cristão que demonstra sua fé em Deus ao perseverar, que aguarda o amanhã com o compromisso de viver fielmente hoje, será abençoado, em alguma medida, com o “privilégio de sofrer” por Cristo (cf. Fp 1.29, NLT). Entretanto, haverá privilégio menos cobiçado, menos bem-vindo? Será que

resistiremos? Será que aguardaremos esperançosos a glória que está por vir? Aguardar não é fácil.

Pedro, já no final de sua vida, escreve que existe uma “grande alegria mais adiante, mesmo que vocês tenham de enfrentar muitas provações por breve tempo” (1Pe 1.6, NLT). O que Pedro considerava um tempo breve pode parecer um tempo muito longo para nós. Duas verdades nos ajudam a encarar nossa jornada longa e difícil como um tempo breve e atrativo. Primeiro, quando pensamos em nossa vida como o período que vivemos entre a cruz e o retorno de Cristo, e não apenas entre nosso nascimento e morte, nossa existência como pessoas quebradas em um mundo quebrado pode ser percebida mais apropriadamente como um período curto, se comparada à vida eterna. É por meio dessa perspectiva que iniciaremos, quando Jesus retornar, nossa vida como seres humanos totalmente curados em um mundo totalmente restaurado. Segundo, podemos confiar que o Espírito de Deus está sempre realizando uma obra importante e eterna em nossa alma, mesmo em meio às piores circunstâncias em nosso “breve tempo”.

Por meio da fé, Moisés colocou sua esperança não no resultado de suas peregrinações pelo deserto, mas na grande recompensa que lhe seria entregue para desfrutar eternidade afora. Ele estava convicto de que Deus por fim o abençoaria com o que mais desejava, com o que sua alma mais ansiava. Moisés aguardou! Ele tinha consciência de uma sede mais profunda.

ESCOLHEU OS REJEITADOS

Em segundo lugar, Moisés escolheu a companhia de pessoas rejeitadas e arruinadas.

Até hoje, muitos séculos depois, os judeus que habitam a atual Israel continuam desprezados. Uma nação em particular tem um desejo insano de destruir Israel. Na época de Moisés, Israel era um povo cativo em uma terra que os tratava como mercadoria. Mesmo assim, Moisés escolheu abandonar

sua alta posição para viver entre escravos maltrapilhos. Depois de quarenta anos vivendo afastado e em relativa prosperidade, Moisés, em obediência a Deus, retornou para seu povo e viveu entre eles outros quarenta anos em meio a ameaças externas e rebeliões internas. Moisés escolheu uma vida difícil.

E de fato foi bem difícil. Em ao menos um episódio ele perdeu a paciência. Certa vez, os hebreus ficaram sem água, “culparam Moisés e disseram: ‘[...] por que você trouxe a congregação do SENHOR para morrer [...]?’ Por que nos tirou do Egito e nos trouxe para esse lugar horrível?” (Nm 20.3-5, NLT). Deus, então, ordenou a Moisés: “Fale com aquela rocha e ela lhes dará água” (Nm 20.8, NLT). Em um episódio anterior, Deus havia ordenado a Moisés que batesse em uma rocha para dar água ao povo. Mas dessa vez, muito aborrecido com o povo, Moisés desobedeceu. “Ouçam, seus rebeldes!”, gritou. ‘É dessa rocha que devemos trazer água para vocês?’ Então Moisés levantou a mão e bateu duas vezes na rocha com seu cajado, e jorrou água” (Nm 20.10-11, NLT). Em minha mente quase consigo ouvir Moisés esbravejando: “Vocês queriam água? Então tomem, seus resmungões”. Descarregar a raiva em um momento de estresse traz uma sensação boa.

Apesar disso, não era o feitio de Moisés perder a compostura ou desobedecer a algum mandamento específico de Deus. Ainda que seu domínio próprio tivesse falhado naquele instante, Moisés não era um viciado em se sentir bem, ao contrário de muitos cristãos hoje. Ele continuava ministrando todos os dias a um povo que o irritava simplesmente porque Deus desejava que ele fizesse isso. Moisés aguardava o amanhã enquanto vivia em fidelidade hoje.

“Diga-me com quem andas e te direi quem és”, diz o conhecido ditado. De acordo com essa lógica, a escolha de Moisés em conviver com judeus teimosos fazia dele um tolo, alguém que tomou uma decisão insensata. De

fato, Moisés foi um grande insensato *se, e somente se, temos apenas esta vida para viver, sem nenhuma vida melhor nos aguardando no porvir.*

Sua escolha parece ainda mais insensato se considerarmos que passou os últimos quarenta anos, dos oitenta aos 120, os “anos dourados”, conforme os chamamos hoje, liderando um povo irritante rumo a uma terra maravilhosa em que Moisés nem sequer entrou. Analisando de um ponto de vista “do nascimento até a morte”, Moisés deveria ter permanecido no Egito, talvez usando sua posição e recursos para aliviar a vida dos escravos hebreus. Em vez disso, ele aguardou! Hoje, Moisés não tem nada de que se arrepender.

ESCOLHEU O DESPREZO

Em terceiro lugar, Moisés escolheu o opróbrio, a vergonha; *escolheu o caminho do sofrimento pessoal humilhante.*

Imagine o que os amigos e companheiros egípcios de Moisés devem ter dito quando souberam que ele havia matado um egípcio e já se preparava para fugir *sozinho* para Midiã. “Que estupidez! Abandonar o conforto do palácio para defender um mísero escravo hebreu e ainda matar um vassalo do faraó? Seu idiota! Arruinou sua vida e agora vai fugir para os cafundós! Moisés, você enlouqueceu?”. Moisés deve ter se sentido muito envergonhado com palavras desse tipo enquanto arrumava apressadamente uma trouxa de roupas a fim de fugir o mais rápido possível, antes que os soldados do faraó o encontrassem e o matassem.

Desde a infância as crianças temem ser repreendidas e humilhadas pelos outros. E, embora os adultos tenham aprendido a ocultar muito bem seus sentimentos, esses mesmos medos persistem ao longo de nossa vida. Fazemos tudo o que está ao nosso alcance para amenizar o sofrimento da vergonha, talvez causada por nossas próprias escolhas insensatas. Não obstante, a vergonha continua machucando, de forma profunda. Amar os outros como Cristo nos ama muitas vezes se torna secundário em nosso desejo de nos proteger da dor que os relacionamentos nos trazem.

É comum nos esforçarmos para suprir as expectativas dos outros, cujo respeito presumimos ser necessário para reafirmar nosso valor próprio. Raros são aqueles que vivem tão concentrados no amor de Deus a ponto de a reprovação, embora difícil de lidar, não lhes destruir em algum nível íntimo. Moisés era, em grande medida, uma dessas raras pessoas.

Jesus, porém, sofreu muito mais que Moisés: três anos de um ministério aparentemente fracassado; a agonia do Getsêmani, exacerbada por três amigos queridos que não conseguiam ficar acordados; espancamento e escárnio no átrio de Pilatos; o horror incomparável do Calvário, acompanhado de cusparadas, gargalhadas sarcásticas, insultos crueis e toda sorte de zombaria; e tudo isso suportado sem uma única reclamação e em amor misericordioso para com seus agressores. Jesus não clamou às doze legiões de anjos celestiais que viessem salvá-lo. Antes, aguardou, ciente de que nem a reprovação nem a vergonha poderiam negar sua identidade como Filho de Deus. Além disso, ele sabia muito bem o que realizaria por meio de seu sofrimento quando ressuscitasse, ascendesse ao céu e por fim retornasse para governar a terra.

Se a confiança de Jesus em seu Pai se resumisse apenas aos 33 anos em que viveu na terra, Jesus não passaria de um mártir sem propósito duradouro, um homem merecedor de pouco mais do que pena. Entretanto, Jesus jamais perdeu sua confiança no desdobramento de uma história de amor incompreensível, de uma bondade incomparável, de uma misericórdia inacreditável. Jesus acreditou que o ápice dessa história valia o esforço. Jesus aguardou!

Moisés também. Entretanto, quando Deus finalmente o chamou para cumprir seu destino terreno, libertar Israel do Egito e conduzir o povo escolhido à Terra Prometida, Moisés teve medo e resistiu ao chamado. Será que Deus havia esvaziado Moisés daquele orgulho confiante que provavelmente sentiu quando, como alguém em alta posição no Egito, designou a si mesmo para libertar Israel? Será que quarenta anos em Midiã

o esvaziaram a ponto de se sentir inadequado para aquela tarefa extraordinária? Aparentemente, sim. Somente o esvaziamento do ego, a perda do orgulho, nos liberta para receber plenitude em nossa alma a fim de cumprirmos os propósitos de Deus.

Por insistência de Deus, que inclusive se enfureceu, Moisés obedeceu. A sarça ardente mudou tudo. Por meio do poder de Deus, Moisés tirou o povo de Egito, atravessou o mar Vermelho e foi ao monte Sinai. E o que aconteceu depois? Quarenta anos de peregrinação pelo deserto com um povo que se recusava a respeitá-lo como líder escolhido por Deus para guiá-los a Canaã. Imagino que muitos pastores se identificariam com Moisés.

Moisés perseverou e aguardou. Entretanto, se a perseverança dele se apoiava na esperança de conduzir o povo não apenas até Canaã, mas para ocupar a Terra Prometida, Moisés deve ter ficado extremamente decepcionado, pois Deus lhe negou esse privilégio em razão de Moisés ter batido na rocha em vez de falado com ela. Sonhos despedaçados podem abalar até a perseverança mais resoluta. Entretanto, Moisés *continuou* aguardando.

Ainda fora de Canaã e pouco antes de sua morte, “Moisés, homem de Deus”, pronunciou “uma bênção” sobre Israel, que em breve entraria em Canaã sem a presença de Moisés (veja Dt 33.1). Sem dúvida, Moisés estava triste por não entrar em Canaã, mas continuou aguardando com esperança de receber sua grande recompensa no porvir: uma belíssima ilustração do que significa aguardar.

Em minha opinião, é exatamente esse o chamado de Deus para cada um de nós: perseverar em obediência sem correr atrás de alívios e prazeres quando sobrevêm as dificuldades da vida. Devemos aguardar o retorno do Senhor com uma determinação fundamentada na fé e com um fervor ainda maior quando nossos sonhos de vida se despedaçam. Aguardar o retorno de Jesus contribui sobremaneira para abandonarmos a busca de prazer e alívio

como se fossem coisas a que temos direito. O alívio está a caminho. E também a alegria eterna.



Quer aguardemos, de modo profundo, o retorno do Senhor para consolar nossos anseios inconsoláveis; quer nos recusemos a aguardar e, em vez disso, corramos atrás de momentos ou temporadas de satisfação entorpecedora; quer pensemos, em nossa insensatez, que as bênçãos atuais diminuem nossa necessidade de aguardar e, desse modo, jamais percebamos nosso eterno vício em nós mesmos:

Moisés nos direciona para o que é possível: aguardar!

Devemos seguir o exemplo de Moisés e, mais especificamente, o de Jesus. Aguardar é necessário. Contudo, existe uma questão muito importante que precisa de uma resposta:

O que é necessário acontecer em nosso íntimo a fim de nos tornarmos capazes de aguardar? Prossiga com a leitura.

Parte 2

ESPERA DIFÍCIL



MAS POSSÍVEL

A LUTA POR DOMÍNIO PRÓPRIO

Você já leu a primeira parte, agora vamos à segunda, a parte mais difícil. Na primeira eu me convenci, e espero que a você também, de que a Bíblia é a fonte de minha crença sobre a necessidade de aguardarmos com alegria o retorno do Senhor. Entretanto, talvez isso não seja suficiente para adquirirmos um nível relevante de domínio próprio sobre nossos desejos impetuosos. “Talvez” é um termo importante aqui. Hoje percebo duas coisas em minha própria luta contra os perigos do vício. *Primeiro*, é uma luta que jamais termina; a carne não morre nunca. *Segundo*, existem outros recursos que Deus nos providencia para complementar nossa atitude de aguardar e que nos auxiliam a resistir às tentações aparentemente irresistíveis.

É necessário observar que o domínio próprio a que me refiro, um poder disponível somente por meio do Espírito Santo, é capaz de não apenas resistir à tentação, mas também de transbordar de amor divino em nossos relacionamentos. Outros métodos de adquirir domínio próprio trazem o risco de nos orgulharmos de nosso próprio esforço moral, o que por sua vez não contribui para a expectativa prazerosa de amarmos o próximo mais do que o prazer hipócrita de amar nossas próprias realizações virtuosas.

Esperar apaixonadamente o retorno de Jesus tem um valor real e prático no presente para resistirmos aos impulsos pecaminosos e vivermos relacionamentos piedosos. Entretanto, é possível adquirir o desejo de

aguardar avidamente por esse acontecimento grandioso? Parece-me muito difícil aguardar qualquer coisa que desejamos muito, até mesmo aqueles momentos de prazer entorpecedor que aliviam o incômodo, sempre presente, daquele desejo insaciável em nossa alma. É muito difícil para mim, viciado confesso em café, aguardar com paciência o garçom passar com o bule enquanto aguardo sentado à mesa do restaurante. Pior ainda é ver o garçom ocupado com outras tarefas enquanto espero pela segunda xícara. Ora, se aguardar um prazer trivial como esse já exige esforço, como aguardar com paciência o retorno “iminente” do Senhor, que apesar de garantido, pode acontecer tanto hoje à noite como daqui a mil anos? É essa questão que pretendo tratar na segunda parte.

Antes disso, gostaria de preparar o leitor para a segunda parte por meio de uma breve repetição da resposta à pergunta apresentada na primeira parte: Aguardar o amanhã traz algum proveito concreto para o dia de hoje?

Aguardar o retorno de Jesus é muito útil, creio que essencial, para superarmos, de forma lenta porém significativa, nosso vício universal em nós mesmos, em nosso bem-estar. Costumo rotular esse vício de pecado relacional, depravações que se encontram na raiz de vários tipos de vícios que cultivamos, todos sintomas de nossa natureza egocêntrica que se recusa a morrer.

Meu breve resumo se transformou em um longo parágrafo. Para evitar que minhas palavras soem um falatório indecifrável, tenho de fazer alguns esclarecimentos. Meu argumento de que aguardar o retorno de Cristo é útil para resistirmos aos desejos impetuosos está fundamentado em uma pressuposição dividida em duas partes. Infelizmente, o pressuposto mais importante de meu argumento é bastante impopular, uma pressuposição veementemente contestada ou polidamente rejeitada.

Eis a primeira parte de minha pressuposição: a causa *imediata* de qualquer vício que enfrentamos se refere menos a alguma disfunção química ou

neurológica do cérebro e mais a nossa exigência de buscar alívio para a dor inconsolável de nossa alma sempre sedenta e jamais satisfeita plenamente.

A raiz do problema é bem mais profunda. A exigência de buscar alívio, uma exigência submissa ao nosso controle e que não necessita de nossa decisão de aguardar, mas apenas de uma escolha, emerge do lamaçal de uma percepção depravada, para nós plenamente justificada, de que temos o direito de obter satisfação sempre que desejarmos, ainda que desonrando a Deus. E, caso Deus não nos satisfaça conforme pedimos, julgamo-nos no direito de buscar satisfação por conta própria. Esse lamaçal representa o que a Bíblia chama de carne, a velha natureza que herdamos da descendência de Adão. A maioria dos tratamentos contra o vício faz pouco mais do que tornar a carne mais sociável, talvez trazendo uma sobriedade longeva para alguns, mas ainda assim mantendo-os acorrentados à própria natureza egoísta, agora vestida em uma roupagem destrutiva menos óbvia. O fato de a raiz do vício se encontrar em nossa natureza egocêntrica compõe a segunda parte da minha pressuposição.

Consequentemente, outra natureza, uma natureza amorosa centrada no próximo e capaz de superar a natureza egocêntrica do indivíduo, é necessária tanto para resistir aos desejos impetuosos quanto para liberar amor, desse modo criando as condições para que o viciado, agora em recuperação, siga o caminho da santidade relacional. Precisamos de uma nova natureza não apenas para amar bem, mas até para vislumbrar o que significa amar bem e pagar o preço diário por amar bem.

A nova natureza conferida pelo Espírito de Deus a todos que creem em Jesus para o perdão dos pecados oferece a oportunidade de vivermos hoje com esperança no amanhã, o retorno prometido do Senhor. A partir disso, nos tornamos capazes de viver na presença de Deus, conhecendo-o hoje e aguardando-o no porvir. Diante da morte iminente por um câncer incurável em estágio avançado, e isso apesar de milhares de pessoas orarem por uma cura milagrosa, Francis Schaeffer, famoso apologista cristão do final do

século 20, em resposta a um amigo que lhe perguntou o que se passava em sua mente naquele momento, respondeu: “Quando você está na presença de Deus, é inapropriado exigir qualquer coisa”. Schaeffer, que morreu três semanas depois, fez um comentário digno de um santo que aguardava, um comentário proferido a partir de sua nova natureza.

Entretanto, é possível que a atitude de aguardar surja somente diante da morte. Será apenas nessa circunstância que nosso anseio pelo céu se torna forte o bastante para superar eficazmente todas as nossas pretensões de obter qualquer satisfação, por menor que seja, disponível neste mundo? É assim que funciona? É possível aguardar avidamente o porvir enquanto ainda nos restam pelo menos alguns anos de vida antes de a morte chegar?

Essa é a questão que precisamos enfrentar. Aguardar pela satisfação completa e garantida quando Jesus retornar ou quando morrermos poderia proporcionar um *benefício* concreto para resistirmos à sedução das oportunidades viciantes de encontrar alívio. É a *possibilidade* de aguardar com sinceridade e paixão suficientes que nos traz uma força poderosa o bastante para enfrentarmos a sedução dos prazeres viciantes.

É POSSÍVEL OBTER DOMÍNIO PRÓPRIO? DEPENDE!

Suponhamos que a Bíblia trouxesse um mandamento bem claro da parte de Deus com as seguintes palavras:

“Instruo vocês a aguardarem o retorno do meu Filho com grande paixão. Então, meu Espírito usará essa paixão para conceder a vocês poder para resistirem às tentações do pecado. Agora, portanto, eu lhes ordeno: **Aguardem com grande paixão!**”

Como eu poderia cumprir esse mandamento? É possível produzir paixão simplesmente decidindo por meio de um ato de vontade própria? Por acaso minhas emoções estão sujeitas ao meu controle volitivo? Pode alguém simplesmente escolher *sentir* paixão por qualquer coisa, ainda que por um acontecimento tão grandioso como o retorno de Jesus?

Na época em que eu cursava o quarto ano do ensino fundamental, em um domingo de manhã, meu professor de escola dominical explicou como eu poderia aprender a dizer não ao pecado e sim para Deus. Era uma técnica simples com o intuito de produzir paixão por fazer o certo. “Quando você sentir o desejo de fazer alguma coisa que sabe ser errada”, aconselhou ele, “pense em dois cachorros, um bonzinho e outro malvado. Em sua mente, olhe para o cachorro bonzinho, aponte-o na direção do cachorro malvado e diga ‘pega’. Então, você sentirá um forte desejo de fazer o certo. Mas

lembre-se: o cachorro para o qual você dizer ‘pega’ é aquele a que obedecerá”.

Esse conselho fez sentido para mim naquela ocasião. Quando cheguei à escola no dia seguinte, a professora nos surpreendeu com uma prova-surpresa de ortografia. Ela soletrava vagarosamente alguma palavra e nós a escreveríamos em seguida na folha da prova. Eu não estava preparado, mas era muito bom em ortografia. Lyle e eu éramos conhecidos como os melhores da classe nessa matéria. Eu não estava preocupado. Mas não demorou muito para a professora soletrar uma palavra que eu não tinha certeza de como se escrevia. Naquele momento, surgiu uma grande paixão de escrevê-la corretamente.

Lyle estava sentado ao meu lado, a menos de meio metro de distância, em uma classe lotada. Olhei de relance para ele e o vi escrevendo aquela palavra difícil sem nenhuma hesitação. Imediatamente senti um ímpeto de espiar outra vez a prova dele para ver como havia grafado a palavra. Eu queria colar. Não podia perder para Lyle. Não senti nenhum desejo, apenas obrigação de *não* colar, mas não queria me arriscar a cometer algum erro de ortografia.

Lembrei-me então do conselho do professor de escola dominical de como produzir paixão por fazer o certo. Com determinação, ordenei ao cachorro bonzinho que atacasse o cachorro malvado. Não funcionou. Não senti nada, nenhum desejo de fazer o certo. Eu ainda tinha o desejo de colar. Senti, porém, um pouco de culpa. Com determinação renovada, outra vez ordenei: “Cachorro bonzinho, pega o cão malvado”. Nada. Havia em mim apenas uma paixão: escrever corretamente todas as palavras da prova.

Em determinado momento, a professora olhou para baixo e eu aproveitei para espiar a prova de Lyle. Achei a palavra que me pareceu ser a correta e a escrevi na minha folha. Ao final do teste, a professora escreveu a grafia correta de cada palavra à medida que nós mesmos conferíamos a prova. Eu havia acertado todas e, com muito orgulho, escrevi no topo da minha folha:

100%. Lyle errou uma palavra e o vi escrever 95% em sua folha. Eu me senti ótimo. Entregamos a prova para a professora e alguns minutos depois ela me identificou publicamente como o melhor soletrador da quarta série. Eu havia sucumbido à minha grande paixão por sucesso. Não consegui produzir nenhuma paixão maior por fazer o certo.

Esses desejos impetuosos se insinuam para nós com uma paixão avassaladora. Pedir a um viciado que *faz* a coisa certa, independentemente de ter ou não o *desejo* de fazer a coisa certa, não funciona. Recorrer à força de vontade para resistir aos ímpetos pecaminosos raramente traz resultado. E quando traz, não é por muito tempo nem com a frequência necessária para criar um novo padrão de escolhas corretas. E pior: o simples esforço para fazer o certo apoiando-se apenas na obrigação moral, em vez de em uma paixão profunda, produz orgulho quando o indivíduo obtém êxito. É preciso observar, entretanto, que a paixão necessária para obedecer a Deus e resistir ao pecado não se manifesta como um sentimento de êxtase, mas como uma sede serena e imperturbável. É essa sede que devemos perceber em nós. Ela está em todos os cristãos.

A paixão pelo desejo de fazer o certo com o propósito de agradar a Deus e de reivindicarmos nosso papel privilegiado na história maior de Deus é necessária para que o Espírito Santo nos conceda a capacidade de obedecer. Esse poder do Espírito para obedecermos produz em nós uma gratidão reverente pelo papel que ele exerce em nossa vida.

Se Deus me mandasse aguardar o retorno de seu Filho com grande paixão, uma paixão maior que meu desejo de ter uma vida agradável, sem eu estar consciente de minha sede por algo que somente Deus é capaz de realizar em minha vida hoje neste mundo e depois no porvir, eu estaria perdido. Não me restaria outra opção senão concluir que obedecer a esse mandamento é impossível. A fim de concluirmos o contrário, precisamos explorar o que significa viver com sede, ansiar por Deus em meio às dificuldades e aflições do cotidiano.

Agora há pouco liguei para um médico especialista a fim de agendar um tratamento nada agradável para combater um câncer que aflige meu corpo. Deixei uma mensagem em sua caixa postal solicitando urgência no agendamento da terapia para que eu possa melhorar o mais rápido possível. Neste exato momento, será que estou ansiando *mais* pelo retorno do Senhor que pela resposta do médico? Verdade seja dita, anseio mais por ouvir o telefone tocando que a voz do anjo exclamando: “Cristo vem!”. É claro que também anseio por ouvir o anjo, porém neste exato momento o que mais desejo é ouvir a voz do médico.

Se o anseio por aguardar o céu, com uma paixão que pode ser mais bem compreendida como uma sede para que Deus faça sua vontade, é essencial para eu viver em santidade hoje, que farei da vida?

Essa questão deve ser levantada e minimamente respondida.

É possível aguardar o retorno de Jesus com uma paixão ardente, uma paixão mais forte que meu desejo de levar uma vida agradável hoje? E, quando as coisas se complicam, é possível desejar mais o retorno do Senhor que o alívio dos problemas ou o prazer de desfrutar tudo o que estiver ao meu alcance?

Isso é possível? Eis a questão. A resposta é: sim. Entretanto, é necessário que eu compreenda outras coisas antes de adquirir consciência dessa sede insaciável que já existe em mim, uma sede capaz de produzir em meu íntimo uma paixão por aguardar o retorno de Jesus. E o que são essas “outras coisas”?

9

PAIXÕES QUE FORTALECEM A CAPACIDADE DE AGUARDAR

É possível? Essa é a questão que tem me incomodado. Todavia, questões importantes são tipicamente difíceis de responder. Sugiro ao leitor que leia este capítulo e o próximo com calma e atenção. A resposta à pergunta acima é um tanto complicada.

Neste livro estou tratando, assim creio, de duas questões importantes. A primeira é: Será que o cristão que aguarda avidamente o retorno de Jesus é capaz de encontrar uma motivação firme e uma força suficiente para resistir melhor aos impulsos viciantes? O exemplo de Moisés esboçado na primeira parte do livro me leva a crer que sim. Aguardar apaixonadamente o porvir nos ajudará a dizer não às tentações. Funciona assim: **se a expectativa do céu produzir em nós um prazer tão grande a ponto de paramos de exigir coisas nesta vida, a sedução do prazer do pecado se torna resistível.**

A segunda questão, em minha opinião talvez mais importante que a primeira e, portanto, mais difícil de responder, é: Isso é possível? *É possível para qualquer cristão se apaixonar pelo prazer da santidade que nos aguarda a ponto de os prazeres pecaminosos disponíveis hoje perderem o poder de nos controlar?*

De imediato, é necessário acrescentar que nada disponível neste mundo é capaz de nos impedir de continuar pecando. Lembre-se das palavras do

idoso apóstolo João: “Se afirmamos que não temos pecado, apenas enganamos a nós mesmos e não vivemos na verdade” (1Jo 1.8, NLT). Precisamos ser honestos: até chegarmos ao céu, sempre haverá motivos para nos arrependermos com frequência, em especial se admitirmos nosso vício em pecados relacionais, que nos induzem a usar os outros para alcançar nosso próprio bem-estar.

Talvez seja necessário reformular essa segunda questão: Seria possível ansiar pelo retorno do Senhor a ponto de essa paixão ser capaz de nos fortalecer, embora jamais totalmente, em nossa batalha atual contra o pecado? Observe que não existe nenhuma razão para sequer cogitar essa questão a menos que já estejamos persuadidos de que aguardar avidamente o retorno de Jesus nos ajudará a dizer não ao pecado com mais frequência.

Se já estivermos persuadidos disso, então a segunda questão precisa ser cogitada: É possível aguardar apaixonadamente o retorno do Senhor a ponto de que a perspectiva de encontrá-lo pessoalmente nos fortaleça contra a sedução do pecado? Já sabemos que ninguém pode simplesmente escolher se sentir apaixonado por qualquer coisa que seja, até por algo tão maravilhoso como o retorno de Jesus. Se quisermos nos apaixonar verdadeiramente pelo retorno de nosso Senhor, ocasião em que ele colocará ordem em todas as coisas, devemos trilhar um caminho diferente do que simplesmente nos esforçarmos para adquirir paixão pelo porvir.

Não é necessário nenhum discernimento especial para perceber que todos nós desejamos alguma coisa. Os mais honestos entre nós admitem que, independentemente de quanto possuímos, nossa sede mais profunda jamais é saciada completamente. É comum que nossa resposta diante dessa decepção seja buscar uma forma de entorpecer essa sede não saciada e correr atrás de qualquer outra sede que sejamos capazes de satisfazer por conta própria. Em minha opinião, trata-se de um processo que começa já nos primeiros anos da infância.

É uma reação sensata, a menos que haja outra coisa disponível para nós que desperte nossa sede mais profunda com algum grau de esperança de que ela possa ser satisfeita, em alguma medida hoje e em sua plenitude no porvir. E o que é isso que todos nós mais desejamos? O que poderia despertar essa sede profunda e produzir em nós uma grande paixão?

Nós, cristãos, cremos ou pelo menos temos razões para crer que aquilo que mais desejemos experimentar está disponível no cristianismo e somente no cristianismo. Sim, tudo o que as pessoas mais desejam, cristãs ou não, somente pode ser encontrado no cristianismo.

E o que é isso? O que somente o cristianismo oferece que pode satisfazer a alma humana, algo que poderia nos fazer vibrar de paixão pelo retorno de Jesus? O Deus que conhece a verdadeira alegria e a experimenta em sua plenitude em seu relacionamento trinitário nos criou para experimentar essa alegria. E as três pessoas da Trindade se esforçaram ao máximo para tornar essa alegria disponível para nós. Lembro-me de uma aula de escola dominical que lecionei anos atrás sobre o privilégio que o cristianismo oferece. Em determinado momento, um homem rico e de boa família levantou a mão e perguntou: “Onde está essa alegria?”. Na época eu não tinha uma resposta clara para fornecer. Penso que hoje a tenho.

O que o cristianismo oferece para despertar nosso desejo mais premente, mais forte e profundo e que seja capaz de estimular uma sede como nenhuma outra por aquilo que Cristo veio nos conceder? Até sabermos o que é, nossa sede mais profunda permanecerá latente, adormecida em nossa alma. Enquanto esse desejo essencial não despertar, buscaremos satisfazer desejos menores com os recursos disponíveis no mundo. E o mundo tem muitos recursos capazes de produzir a ilusão de uma satisfação abundante, pelos menos por algum tempo.

Não viveremos a vida cristã em sua plenitude até reconhecermos o que o cristianismo tem a oferecer que a alma humana mais deseja em seu íntimo mais profundo. E o que é? Qual é o núcleo da mensagem cristã, a

incomparável boa-nova do evangelho de Cristo? Permita-me propor quatro respostas que gravitam ao redor desse núcleo.

Não é o perdão dos pecados. Graças à disposição de Jesus de morrer em nosso lugar, a morte que nossos pecados mereciam, todos que nele creem são justificados, plenamente perdoados e elevados à condição de filhos e filhas de Deus. Por mais maravilhosa que seja essa nova identidade, ela abre a porta para algo ainda melhor.

Não é a promessa do retorno de Jesus. Negar essa promessa equivaleria a perder a esperança da alegria eterna. Nesse caso, os ateístas teriam uma mensagem atraente para oferecer: faça tudo o que desejar hoje porque amanhã você morrerá. Sim, a promessa do retorno de Jesus é uma parte indispensável das boas-novas do cristianismo. Entretanto, tal indispensabilidade não se refere apenas a esse retorno glorioso, mas ao que ele oferece, a satisfação plena daquela sede mais profunda dos seres humanos. Precisamos saber o que é.

Não são os princípios bíblicos que orientam nossa vida. Os vendilhões da religião, especialmente aqueles da TV, têm muitas respostas para essa questão: faça o que estou mandando e você terá uma vida boa; plante uma semente de mil dólares em algum ministério e terá um retorno garantido de cem vezes mais. Muitos cristãos creem nessas bobagens. O cristianismo não promete bênçãos terrenas para os que obedecem, mas exige obediência, e algumas vezes Deus responde às orações com bênçãos. Entretanto, a obediência *sempre* nos aproxima do fluxo do Espírito de Deus. Porventura ansiamos por algo mais?

Não é a formação espiritual. Não há dúvida de que a oportunidade de pessoas egoístas se tornarem altruistas como Jesus é um privilégio imerecido e maravilhoso. Contudo, cristãos espiritualmente formados se tornam capazes, nesta vida, de desfrutar um privilégio ainda maior.

Embora esses quatro fatores representem etapas legítimas, necessárias e milagrosas para nos libertarmos do vício em nós mesmos, existe algo maior

no núcleo do cristianismo. Mais uma vez, devemos perguntar: *O que é?* Qual é o núcleo das boas-novas do cristianismo, o núcleo do qual fluem outras boas-novas? Que sede profunda em você e em mim o cristianismo é capaz de satisfazer hoje em uma medida significativa e plenamente no porvir?

Ignorar essa questão ou lhe responder equivocadamente nos leva a prestarmos atenção apenas a sedes superficiais que abrem brechas para Satanás. O pecado é prazeroso, ainda que somente por um tempo, mas essa satisfação temporária de desejos superficiais é mais atraente que o vazio perpétuo de nossa alma. E, assim, está preparado o terreno para os vícios entrarem e destruírem nossa vida, e nosso cristianismo é chutado para escanteio.

Entretanto, se vivermos cientes de uma sede mais profunda que nada neste mundo nem qualquer outra religião é capaz de satisfazer, o cristianismo se tornará irresistível. O que, portanto, é esse núcleo do cristianismo que traz paixão pelo retorno de Cristo, que estimula e desperta aquilo pelo que a alma humana mais anseia?

10

O DIA EM QUE A TRINDADE ME DESPERTOU

Em minha infância, eu acreditava que havia alguém chamado Deus, um ser a quem meu pai orava antes de todas as refeições. Eu achava bacana agradecer a ele por nosso alimento, mas eu acompanhava minha mãe ao supermercado, onde ela comprava toda nossa comida. Em meu entendimento, faria mais sentido se meu pai se virasse para minha mãe e agradecesse a ela, não a Deus, por trazer e preparar a refeição; mas meu pai continuava agradecendo a Deus todas as vezes. Alguma coisa estranha estava acontecendo, mas eu não sabia o quê.

Mais tarde o mistério aumentou. Aprendi na escola dominical que Deus era três pessoas: um Pai, um Filho e Alguém mais que meu professor chamava de Espírito Santo. Eu me lembro de perguntar a meu pai o significado de tudo aquilo. Ele respondeu que era tudo verdade, que as três pessoas trabalhavam juntas para me levar ao céu algum dia e, nesse ínterim, para me ajudar a ser honesto e bondoso com os outros. Achei muito legal da parte deles, virei as costas e saí para brincar.

Ao longo de minha adolescência até os vinte e poucos anos, ouvi sermões e estudei a Bíblia o suficiente para acreditar não apenas que o Deus único existe como uma comunidade de três pessoas divinas, mas também que, de

algum modo, isso era muito importante. Terminei a faculdade, comecei minha carreira de psicólogo e não voltei mais a esse assunto.

Mais tarde, aos quarenta e poucos anos, comecei a me perguntar por que a Trindade era importante e por que essa doutrina (ensinada na Bíblia, incluída no Credo Apostólico e na declaração doutrinária de minha igreja) deveria fazer diferença em meu cotidiano.

Mais alguns anos se passaram. Depois de ler livros sobre a Trindade, comecei a perceber, já na casa dos cinquenta anos, que essas três pessoas divinas, todas iguais em divindade (seja lá como isso funcionava), estavam narrando uma história, escrita antes da Criação, que começou a tomar forma nos primeiros dois capítulos de Gênesis e aparentemente começou a se deteriorar a partir do terceiro capítulo. Vim a compreender que essa história foi planejada pelo Pai, revelada pelo Filho e está sendo executada pelo Espírito Santo.

Também percebi que o enredo dessa história, que desde aquela época chamo de História Maior, em contraste com a história menor de minha existência entre meu nascimento e minha morte, envolveu pessoas que, depois de obterem perdão por meio da morte de Jesus, responderam à maravilhosa graça e ao inescrutável amor de Deus com um tipo de amor divino por Deus e pelo próximo, o mesmo amor que Jesus demonstrou. Era possível viver com um propósito maior que eu mesmo, maior que minha existência. Eu poderia me tornar um contador da história de Deus por meio da maneira de me relacionar com os outros, atraindo-os para o amor de Jesus visível por meu intermédio. Isso era importante.

Pensei que tivesse entendido a coisa toda. A abundância da vida abundante que Jesus veio nos conceder (veja Jo 10.10) era uma abundância do desejo e da capacidade de amar, disponíveis para mim em proporções cada vez maiores à medida que eu me tornava mais parecido com Jesus. Tornei-me ciente de que quaisquer bênçãos que eu recebesse, bem como quaisquer dificuldades e aflições que me trouxessem tristezas e sofrimentos,

estavam todas sujeitas à providência amorosa de Deus, que trabalhava em cada detalhe para o meu bem, para a percepção de uma plenitude pessoal e de uma santidade jubilosa que eu poderia experimentar à medida que agradasse ao Pai por meio da atitude de amar como seu Filho amou.

Para explicitar melhor o parágrafo anterior, permita-me escrevê-lo novamente em cinco frases curtas. Estamos tratando aqui de um assunto muito importante.

- A abundância da vida abundante que Jesus veio nos conceder (veja Jo 10.10) é uma abundância do desejo e da capacidade de amar.
- Esse desejo e capacidade de amar estão disponíveis para mim em proporções cada vez maiores à medida que me torno mais parecido com Jesus.
- Quaisquer bênçãos que eu receber e quaisquer dificuldades e aflições que me tragam tristezas e sofrimentos estão sujeitos à providência amorosa de Deus.
- Cada bênção e sofrimento trabalham para o meu bem.
- O resultado benigno disso tudo é a percepção de uma plenitude pessoal e de uma santidade jubilosa que eu poderia experimentar à medida que agradasse ao Pai por meio da atitude de amar como seu Filho amou.

Pronto! Caso encerrado. O enredo da História Maior plenamente compreendida. Agora é só viver. Mas como? Em algumas áreas, eu não estava obtendo nenhum sucesso. Meu vício em mim mesmo, óbvio de muitas maneiras, geralmente no modo egoísta com que me relaciono, ainda estava muito arraigado em meu âmago.

Talvez eu tivesse encerrado o caso cedo demais. Ainda faltava alguma coisa. Hoje, em meus setenta e poucos anos, uma questão que nunca explorei com seriedade me vem à mente: *Qual é o núcleo das boas-novas do cristianismo?*

O NÚCLEO

Comecei a vislumbrar a possibilidade inimaginável que as três pessoas divinas disponibilizaram para mim. Peço ao leitor que me acompanhe com paciência por mais algumas páginas. Essa possibilidade está começando a se formar em minha mente. Talvez pareça esotérico demais, exótico demais, misterioso demais para compreendermos de uma forma prática e realista. Afinal, ainda temos de pagar boletos, fazer exames médicos, criar e manter relacionamentos sadios com as pessoas, colocar o lixo para fora e viver todos aqueles dias bons e ruins que todos nós experimentamos. Será que minha sugestão sobre em que consiste o núcleo da mente e do coração de Deus no desenrolar da história divina poderia fazer diferença em como vivo minha história menor? Sim, mas *somente se a boa-nova do cristianismo for exatamente o que minha alma sedenta mais deseja ouvir e experimentar!* O problema, obviamente, é que muitos de nós, cristãos, estamos sintonizados apenas com anseios menores.

Se pedirmos ao Espírito que sonde nosso coração e se estivermos dispostos a nos conscientizar da dor em nossa alma, uma dor profunda, um desejo não satisfeito e difícil de expressar, é possível que nos sintonizemos com um anseio humano profundo que se deleita no núcleo daquilo que o evangelho oferece.

E o que é esse núcleo? Em dois parágrafos, eis minha resposta:

O Filho desfruta de um relacionamento com o Pai para o qual eu, como portador da imagem de Deus, também fui criado para fruir. Será que a alegria geradora de amor do Filho, derramada sobre ele pelo Pai, está agora disponível para mim? Será que a oportunidade de conhecer essa alegria é o núcleo das boas-novas que Jesus veio nos trazer?

Em outras palavras: graças ao plano do Pai para minha vida, graças à obediência do Filho ao Pai, obediência até a cruz, e graças à obra contínua do Espírito em mim para transformar minha afeição interior em exterior, de mim

para Deus, agora estou incluído nessa comunidade. Hoje posso experimentar um pouco daquilo que Jesus vive em seu relacionamento com o Pai. Hoje sou um filho de Deus (com “f” minúsculo, não com o “F” maiúsculo do Deus Filho); ainda sou um ser humano criado, porém vivificado como filho amado de Deus.



Místico demais para você? Também me pareceu assim no início. Entretanto, não deveríamos esperar que alguém tão incompreensível quanto um Deus constituído de três pessoas criasse um plano que simples seres humanos vivendo uma história menor teriam dificuldade de entender? A perspectiva claramente mística de entrarmos literalmente na relação que Jesus tem com seu Pai assinala o ponto central deste livro. Permita-me explicar.

Sabemos que, até Jesus retornar, nossa comunhão com Cristo em seu relacionamento com o Pai permanecerá corrompida. Nossa natureza egocêntrica ainda nos induz, ou pelo menos tenta induzir, com o auxílio do mundo e do Diabo, ao vício de buscar qualquer tipo de alívio e prazer que podemos obter por nós mesmos. E, quando se torna evidente, como inevitavelmente acontecerá, que Deus não está comprometido com alcançarmos a vida boa que naturalmente desejamos, uma vida de muitas bênçãos e pouco sofrimento, nossa velha natureza entra em ação.

Percebemos uma oportunidade sedutora diante de nós (de fato, em nosso íntimo, em nossos pensamentos e afeições) de sentir alívio do estresse e de experimentar um prazer intenso, ainda que temporário. Diante dessas oportunidades, ceder aos impulsos viciantes do ego, quer comportamentais (ver pornografia), quer relacionais (usar os outros para nos satisfazer), parece uma coisa atrativamente boa, sem muita oposição de nossa melhor natureza. E por que essa nossa natureza não se opõe com mais veemência? Talvez porque ela não vem sendo bem alimentada. Consequentemente, não percebemos que estamos sendo tentados aos prazeres do mal.

Se desejamos lutar o bom combate, que inclui não apenas a batalha contra o vício em nós mesmos, mas também a luta para incorporar o reino relacional do amor santo de Deus em nossa história menor pela maneira de nos relacionarmos, precisamos adquirir consciência de uma visão do tipo de homem e mulher que desejamos nos tornar, e então nos empenharmos continuadamente nessa visão.

Esse pensamento visionário exige buscarmos uma resposta para três questões. Quem posso me tornar? Que tipo de pessoa mais desejo ser? E, à medida que avanço em direção à possibilidade dessa visão, será que é razoável esperar que eu adquira consciência dessa sede profunda em minha alma, que acima de tudo anseia por experimentar o amor do Pai pelo Filho se manifestando em mim, uma experiência que será completada por ocasião do retorno de Cristo?

Se você refletir sobre essas três questões com tempo e profundidade suficientes, sob a orientação das verdades cristãs em que você já crê, surgirá (nem sempre, mas com frequência, como algumas vezes surge em mim) uma paixão por encontrar Jesus pessoalmente. Meu desejo é estar pessoalmente com Jesus, que por sua vez anseia dividir comigo o regozijo que desfruta em seu amor com o Pai. Quando eu me encontrar com ele, não haverá palavras para descrever a alegria inimaginável que fluirá de mim em adoração. Nessa ocasião, nosso grande anseio pelo retorno do Senhor será satisfeito, quando, pela primeira e eterna vez, compartilharemos da alegria do relacionamento de amor entre o Filho e o Pai. Nossa natureza egocêntrica se esvaecerá, como a assombração inexistente que sempre foi.

Recentemente, um amigo me enviou uma citação que encontrou em um texto do papa Bento XVI. Suas palavras despertaram meu desejo por experimentar aquilo que já está disponível para mim em meu relacionamento com a Trindade, algo que atiça meu apetite para aquilo que estará plenamente disponível no retorno de Jesus.

A vida eterna é como mergulhar no oceano da vida infinita, aquele momento em que o tempo, o antes e o depois, já não existe. Podemos apenas começar a entender a ideia de que esse momento é a vida em seu sentido mais pleno, um mergulho sempre renovado na vastidão de ser, em que somos simplesmente tomados de uma alegria avassaladora.¹

Ainda místico demais para você? Bento XVI estava certo. Podemos apenas começar a compreender a ideia de que esse momento é a vida em seu sentido mais pleno. Entretanto, como seres relacionais, fomos formados à imagem de Deus e criados com uma sede por algo que nossa mente diminuta jamais conseguirá compreender e que nos inunda de esperança.

Existe um caminho que pode nos ajudar na tentativa de compreendermos a oportunidade que se encontra no núcleo do evangelho: a oportunidade de ansiar, e em alguma medida participar, da alegria do relacionamento do Pai com o Filho, que se amam plenamente, para dizer o mínimo. Devemos nos relacionar conforme o exemplo deles, espelhando uns aos outros esse relacionamento de amor divino à medida que nos imbuímos da realidade desse relacionamento.

O caminho para esse núcleo se tornará mais claro quando adquirirmos uma visão das “outras coisas” que mencionei anteriormente, do que significaria, para nós, molhar a ponta dos pés no oceano da vida divina ao mesmo tempo que vivemos como pessoas imperfeitas neste mundo imperfeito.

Conforme avançamos para essa visão no próximo capítulo, tenha em mente uma verdade maravilhosa: *como cristãos, já temos a sede de nos tornarmos o tipo de homens e mulheres que essa visão descreve*. Como era de se esperar, estamos muito longe disso. Entretanto, em vez de nos sentirmos condenados, de nos sentirmos merecedores da ira de Deus, ansiaremos por aquele dia em que nos tornaremos completos. **Então, aguardaremos o retorno de Jesus com uma paixão ardente capaz de rivalizar com nosso vício em buscar prazeres por conta própria.**

É *possível* viver a realidade da mensagem central do cristianismo. Nossa esperança tem um bom fundamento. Contudo, a fim de ativarmos essa esperança, precisamos de uma visão do que significa ser um discípulo verdadeiro de Jesus, um discípulo que anseia por entrar na beleza da vida trinitária.

¹Citação do papa Bento XVI.

O PODER DE UMA VISÃO MUITO NECESSÁRIA

Gostaria muito de ter o desejo de aguardar o retorno de Jesus de uma forma ativa, esperançosa e paciente. Anseio que toda minha esperança de satisfazer os desejos mais profundos de minha alma esteja “na graciosa salvação” que receberemos “quando Jesus Cristo for revelado ao mundo”, conforme Pedro exprimiu (1Pe 1.13, NLT).

Entretanto, é comum que minha ardente esperança esteja focada em outras coisas, desde um garçom que demora para trazer café até o resultado de um exame de biópsia. Vivo com a mente fixada em anseios menores. Por que ajo assim?

Anseio por ser arrebatado por um grande entusiasmo, por uma paixão serena, porém intensa, de encontrar Jesus face a face, uma paixão maior que qualquer outra coisa. Creio que essa paixão me libertaria para aceitar qualquer frustração ou angústia que me afiguisse sem eu exigir alívio ou prazer, especialmente os advindos de fontes ilegítimas. Nesse caso, eu poderia resistir com mais firmeza aos impulsos viciantes que ainda me atraem mesmo depois de seis décadas de caminhada com Jesus.

O problema, porém, é o seguinte: se eu concentrar todos os meus esforços em fabricar entusiasmo pelo retorno de Cristo, fracassarei todos os dias. Até

mesmo orar por esse tipo de entusiasmo parece inútil. Ele precisa vir de outra fonte.

Consequentemente, hoje meu foco é outro. Tenho pedido com todo fervor ao Espírito de Deus que faça tudo o que for necessário para me tornar o homem que ele me salvou para ser, uma imitação viva de Jesus. Essa mudança de foco me leva ao núcleo da esperança do evangelho para hoje, que é compartilhar a vida com a Trindade, mais especificamente ter **comunhão com Jesus em seu regozijo no amor do Pai**.

Com essa esperança em mente, uma visão começa a se formar, uma visão daquilo que pode estar se desenvolvendo em mim à medida que o Espírito realiza sua obra. E se, de um modo cada vez mais profundo, eu:

- Vier a odiar o pecado mais que odeio a dor? E se eu me convencesse de que o sofrimento (físico, emocional ou espiritual) é capaz de despertar em mim a sede de participar do sofrimento de Jesus e, por meio disso, o sofrimento me levar para mais perto dele? E se eu percebesse que todo pecado que me traz prazer é verdadeiramente um prazer maligno, um prazer que nega a Deus e me afasta cada vez mais de compartilhar a alegria de Cristo?
- Vier a viver propositalmente para aquilo que somente Deus promete realizar em mim, por mim e por meu intermédio? E se eu, a exemplo de Moisés, abandonasse deliberadamente toda satisfação entorpecedora para a alma que o mundo me oferece?
- Vier a valorizar a santidade relacional, a atitude de amar como Jesus amou, mais que meu bem-estar relacional, aquela intimidade superficial a que prazerosamente me agarro quando os outros me elogiam por minha bondade (com alguma medida de sacrifício, devo acrescentar) e, agradecidos, reagem bondosamente comigo?
- Vier a ansiar por uma alegria que revigora a alma, o fruto do Espírito de Deus, mais do que anseio por delícias que entorpecem a alma, o

fruto da minha carne, um fruto podre que muitas vezes me parece apetitoso?

- Vier a amar Jesus mais do que amo outras pessoas (as quais Jesus me pede para amar: meus pais, minha esposa, meus filhos, meus amigos), ciente de que ele é a única fonte da vida autêntica que mais desejo? E se eu (de novo, conforme Jesus instruiu) “odiasse” todas as pessoas que são como fonte alternativa de vida, recusando-me a buscar nelas qualquer satisfação mais profunda em momentos em que Deus me parece distante? E se eu pudesse amar, de um modo significativo, minha família e meus amigos sem nada exigir deles em troca do meu amor?

Sinto-me atraído pela perspectiva de desenvolver cada uma dessas virtudes em minha vida. É a visão que o Espírito está desenvolvendo em mim, uma obra que ele já começou, porém ainda há muito que fazer. Apesar disso, ele prosseguirá nessa obra “até completá-la no dia em que Cristo Jesus retornar” (Fp 1.6, NLT).

Em minha opinião, os cinco aspectos da visão que descrevi anteriormente revelam um pouco da visão que todo cristão deseja para sua vida. Parte do anseio mais profundo de nossa vida antes do retorno de Jesus é nos tornarmos homens e mulheres reconhecidos por esse nível de maturidade. Deus prometeu, por meio de Ezequiel, nos conceder um “novo coração” e colocar em nós um “novo espírito”. Deus quer remover esse “coração teimoso e endurecido”, a força mais poderosa em nossa vida hoje, substituindo-o por “um coração terno e sensível” que anseia por participar da vida amorosa da Trindade (Ez 36.27, NLT). Essas verdades registradas em Ezequiel me asseguram que, em algum recanto profundo de minha alma, tenho um desejo maior de seguir essa visão de me tornar parecido com Cristo do que seguir uma visão pessoal de buscar alívio e prazer quando me vejo em dificuldades ou me sinto vazio e inadequado.

Mais uma vez afirmo: isso é uma boa-nova maravilhosa. **Em meio aos nossos gemidos e fracassos, nós, cristãos, temos acima de tudo uma sede insaciável, não de alívio diante da dificuldade nem de prazer temporário diante do fracasso, mas daquilo que o Espírito torna possível quando abraçamos a visão de participar da alegria de Jesus em sua comunhão com o Pai. Temos sede de:**

- odiar o pecado mais que a dor;
- viver para aquilo que somente Deus concede, e não para o que o mundo oferece;
- valorizar a oportunidade de amar mais que ser amado, descansando serenamente na verdade de que já somos amados com o mesmo amor que o Pai tem por seu Filho;
- sentir a alegria inexplicável que experimentamos quando vivemos sedentos de Deus, sedentos de uma alegria que revigora a alma, e não dos prazeres entorpecedores que o pecado oferece;
- amar Jesus a ponto de resistir à atração de “amar” os outros com um sentimento de ter o direito de ser amado por eles.



Uma versão distorcida e profundamente corrompida de cristianismo nos diz que nosso anseio mais profundo é obter bênçãos nesta vida e que Deus está comprometido em suprir esses benefícios para nós: boa família, bons amigos, boa saúde e, claro, muito dinheiro. É uma mensagem atraente para cristãos que ainda não identificaram o núcleo do cristianismo: o relacionamento que o Filho desfruta com seu Pai e para o qual o Espírito nos convida. Um cristianismo falso traz ânimo para cristãos que não conhecem outra sede senão correr atrás de bênçãos. Sim, desfrute todas as bênçãos, mas com a consciência de que você anseia por algo ainda maior.

Não identificar essa sede maior e correr atrás de uma vida abençoada equivale a desvalorizar a vida de perdão, a vida digna do céu e transbordante de amor. Essa vida de bênçãos é mercadejada como algo melhor que a vocação cristã de viver para glorificar a Deus tanto nas bênçãos quanto nas dificuldades.

Devemos abandonar o cristianismo de empolgação, aquela versão de cristianismo que induz e valida o desejo de sentir agora o que sentiremos apenas no céu. Esse pseudocristianismo prega uma vida em que não precisamos experimentar a fadiga de viver com desejos insatisfeitos, pelo menos não na igreja. E, em razão de sua visão superficial acerca do pecado, também não exige arrependimento diário.

Devemos abandonar músicas de adoração que não conduzem a uma lamentação sóbria, músicas que apenas produzem um efeito emocional com o objetivo de convencer pretensos adoradores de que estão adorando de fato. Não abandonemos, porém, o louvor genuíno e a alegria que ele nos traz.

Devemos abandonar pregações teatrais que, talvez inconscientemente, entregam às pessoas “tudo que seus ouvidos mais desejam escutar”; pregações que induzem cristãos confessos ao perigo de “rejeitar a verdade e correr atrás de mitos” (2Tm 4.3, NLT). Esse tipo de pregação faz com que os ouvintes vivam uma ilusão de maturidade espiritual, uma ilusão sustentada, domingo após domingo, por alguns puxões de orelha vez ou outra e mensagens para dar um *up*.

Devemos nos afastar também aquelas missões e ministérios que se esforçam principalmente em melhorar a qualidade de vida dos outros ou acabar com o racismo na cultura e a ganância empresarial ou transformar o mundo em um lugar melhor para viver. Todos esses objetivos são muito nobres, sem dúvida. Entretanto, priorizar essas coisas faz com que os cristãos se distraiam do verdadeiro objetivo de amadurecer em seus relacionamentos para além dos esforços mencionados anteriormente.

Quanto mais os cristãos priorizarem o mandamento central de Jesus para amar como ele amou, mais a igreja combaterá, apaixonada e ativamente, mazelas sociais como racismo, fome e falta de moradia. Os cristãos devem apoiar e aplaudir toda organização que se disponha a corrigir essas mazelas, porém sua preocupação principal deve ser sempre ter um coração semelhante ao de Cristo para amar os outros, mesmo enquanto nos engajamos em corrigir as injustiças sociais.

A fim de descobrirmos nosso anseio mais profundo por aquilo que o núcleo do cristianismo nos oferece, devemos nos voltar para o cristianismo bíblico que nos conduz em ao menos três direções:

- à *oração*, pedindo ao Espírito que revele nossa sede controladora em contraste ao que o núcleo do cristianismo oferece e que ele desperte em nós uma sede pelo que nossa alma humana realmente deseja;
- à *Escritura*, reafirmando a Bíblia como a verdadeira Palavra de Deus que devemos ouvir. Conforme expressou Brennan Manning: “Se Deus está falando, a melhor coisa que podemos fazer é escutar”, cientes de que pela Escritura Deus fala com autoridade máxima;
- aos *relacionamentos*, rumo a um cristianismo que convoca os cristãos a dedicarem cuidadosa atenção uns aos outros e àquilo que acontece conosco (e que muitas vezes procuramos esconder), mas isso não com o propósito de julgar nem de fofocar nem de criticar, mas de estimular uns aos outros a amar bem e a praticar boas obras (veja Hb 10.24).



O que fazer com tudo isso? Escrevi dez capítulos e agora estou próximo de encerrar o capítulo onze com a consciência de que sou um viciado, um viciado em suprir meus próprios interesses imediatos por quaisquer meios ao meu alcance. Apesar disso, não me defino como viciado, pois isso não corresponde à minha verdadeira identidade. Antes, sou um *cristão* que

continua lutando contra o vício em mim mesmo, porém plenamente amado por Deus.

Desejo compreender e experimentar a liberdade que tenho em Cristo. Não apenas a liberdade de viver sem condenação, mas de viver livre do poder controlador do pecado. Não sei por que, mas, desde que renovei meu interesse na liberdade do evangelho, venho observando uma coisa interessante: *faz muitos anos que não prego acerca do retorno de Jesus nem ouço alguém apresentar esse assunto como tema central de pregação.*

Essa observação me fez questionar, creio que impelido pelo Espírito, se minha atitude de aguardar apaixonadamente o retorno de Jesus poderia, de alguma forma, me libertar para nada exigir em minha vida neste mundo, mas aguardar tudo para o que fui criado e recriado para desfrutar no mundo por vir. Será que aguardar avidamente o porvir pode me trazer a motivação e a força de vontade de que necessito para resistir melhor aos impulsos viciantes?

Em total contradição à minha formação secular em psicologia, associei esses impulsos à voz de minha natureza maligna e egocêntrica que persuasivamente sugere que eu assuma a responsabilidade de buscar alívio do estresse por quaisquer meios que pareçam funcionar e de buscar todo tipo de prazer que amenize a ferroada da solidão, do medo, do fracasso ou de qualquer outra emoção ou situação perturbadora.

Quis investigar de que maneira minha natureza santa e altruísta poderia me fornecer aquilo de que necessito para combater o ímpeto de minha natureza maligna e egocêntrica, além de me ajudar, de um modo consistente, a dizer não aos desejos viciantes. Essa investigação é o livro que o leitor tem em mãos.

Portanto, grande parte deste livro já está escrito. Fiz o meu melhor para expor, explicar e defender a maior parte de meus pensamentos a respeito desse assunto.

Contudo, ainda me parece necessário uma última seção para amarrar algumas pontas soltas e compartilhar, com o máximo de honestidade possível, como venho desfrutando essa nova paixão pelo retorno de Cristo que me tem trazido uma nova liberdade em minha batalha contra o vício. Talvez também devesse escrever alguma coisa a respeito de minha caminhada com o Espírito em direção àquela visão de maturidade que desmembrei em cinco pontos anteriormente.

Suponho que aquilo que escreverei a seguir produzirá em você uma de duas reações: trará estímulo para reler o livro e indicá-lo a outros ou trará desânimo e o fará atirá-lo na primeira lata de lixo que encontrar.

Em todo o caso, espero que o efeito seja o de trazer estímulo, porém não tenho intenção nenhuma de dourar a pílula. Não quero escrever nada que comprometa o que, em meu entendimento, são verdades bíblicas, tampouco usar de subterfúgio para tornar algumas ideias mais palatáveis e mais bem aceitas. Devo permitir que a autenticidade da ideia fale por si mesma.

Parte 3

ESPERA PODEROSA



UM CAMINHO PARA A
LIBERDADE

12

O CAMINHO REVELADO

Existe algum livro capaz de exaurir uma ideia? Escrevi quase trinta livros e sempre entreguei cada manuscrito ao meu editor com a sensação incômoda de que precisaria ter escrito mais.

O mesmo acontece com este livro. Apesar de restarem três capítulos, os quais espero que sejam os últimos, ainda haveria muito a escrever. Entretanto, creio que o texto a seguir acrescentará um valor significativo ao que já mencionei nos onze capítulos anteriores.

Algo que acrescentarei é o esclarecimento de algumas ideias que talvez não estejam suficientemente nítidas. Evitar mal-entendidos é algo que aprecio fazer. Além disso, faz-se necessária uma dose saudável de realismo antes de encerrar o assunto. Independentemente das coisas que tenho aprendido, assim espero, com o auxílio do Espírito, ainda não as assimilei o suficiente para me ajudarem a não me afastar do caminho estreito, desvios que continuo fazendo com frequência.

Pouca coisa me incomoda mais do que um autor expor verdades importantes sem indicar um caminho para que possamos desfrutar dessas verdades em meio às dificuldades da vida. Perdoe meu ceticismo, mas algumas vezes me questiono se todos aqueles grandes estudiosos da Bíblia que sabem escrever bem comprehendem quão distante e desinteressado Deus pode parecer quando atravessamos uma fase difícil. Primeiro eles me estimulam e depois me frustram. Não tenho a mínima ideia do que fazer

com aquelas verdades maravilhosas que tão bem comunicaram. Um autor excelente que estou lendo defendeu muito bem a ideia de que o Espírito Santo é quem me une à vida de Cristo. Mas como eu poderia *cooperar* com essa obra do Espírito, uma obra que vai muito além de simplesmente *crer* nessa obra? O autor não explica.

Contudo, não sou orgulhoso o suficiente, esperto o suficiente ou perspicaz o suficiente para imaginar que eu seria capaz de dar a última palavra sobre qualquer assunto de grande importância. E certamente não sobre um assunto que trata de uma possível ligação entre aguardar ansiosamente o retorno de Cristo e alcançar algum grau satisfatório de domínio próprio, concedido pelo Espírito, sobre meu vício em mim mesmo. Entretanto talvez eu possa oferecer alguns esclarecimentos.

REEXAMINANDO OS VÍCIOS COMPORTAMENTAIS

A propósito, nos capítulos anteriores procurei deixar claro que, quando me refiro a transtornos viciantes, todos com raízes em nosso egocentrismo inveterado, tenho em mente mais que vícios em álcool, drogas, sexo, comida e dinheiro. Para mim, esses são *vícios de aquisições*, isto é, escolhas que fazemos, geralmente más, com o objetivo de adquirir e utilizar qualquer coisa que nos faça sentir bem.

Álcool e drogas aliviam a dor e enlevam o espírito com muita rapidez. O sexo funciona de modo semelhante. Quer no casamento, quer fora dele, a exigência de prazer sexual se qualifica como vício. O mesmo se aplica à exigência aparentemente incontrolável de buscar prazer sexual em coisas que a Bíblia condena veementemente. Em uma categoria diferente de vício, se observarmos por vários dias seguidos alguém devorando hambúrgueres embebidos em ketchup acompanhados de porções generosas de anéis de cebola crocantes, teremos razão para suspeitar que estamos diante de um caso de transtorno viciante. Obviamente, ganhar dinheiro por meio de trabalho árduo é legítimo, honroso até, dependendo da natureza do trabalho. Contudo, existe uma linha tênue entre gratidão por dispor de

recursos financeiros abundantes e a exigência de que esses recursos continuem aumentando cada vez mais.

A maioria das pessoas concordaria que os exemplos anteriores podem muito bem ser considerados vícios, *vícios de aquisições*. Todavia, existe um vício que poderíamos chamar de *vício relacional*. É uma categoria que engloba vários tipos de vícios, possivelmente mais sutis e raramente interpretados como tais, mas que sempre prejudicam os relacionamentos e precisam ser encarados como um grande problema que tem levado muitos à pobreza relacional. Permita-me propor um entre centenas de exemplos: cobiça. A maioria das pessoas cobiça alguma coisa. Cobiçar o reconhecimento e a aprovação dos outros, como se a saúde de nossa alma dependesse disso, é um vício relacional. Por toda parte existem pessoas que anseiam por pertencer a um grupo exclusivo, quer em família, quer no trabalho, quer na igreja.

O anseio libidinoso de se sentir desejado ou valorizado pelos outros é um fator determinante para como a pessoa interage socialmente, como se relaciona no casamento, como trata os filhos e os colegas de trabalho e algumas vezes até para a interação entre terapeuta e paciente. O resultado disso é pobreza relacional.

Entretanto, a maioria dos vícios relacionais não é percebida, nem confrontada, nem tratada. Para o viciado, essas coisas parecem tão naturais como sua respiração.

Suponhamos que dispomos de coragem e humildade para admitir que somos controlados por um ou mais desses impulsos viciantes. Suponhamos também que temos verdadeiro ódio de nossos vícios, ainda que sintamos algum “amor” pelo prazer que proporcionam quando nos entregamos a eles. Suponhamos ainda que, como cristãos, temos o anseio sincero de viver livres do controle do vício, de receber e doar amor divino, de viver em grata obediência ao nosso Senhor e de caminhar diariamente sob a orientação do Espírito. O que fazemos com tudo isso?

A psicologia elaborou uma série de protocolos para tratar transtornos viciantes. A religião liberal oferece seus próprios métodos para isso, que em alguns casos pode estimular a busca do prazer como um caminho legítimo e natural para o bem-estar emocional. Igrejas evangélicas dispõem de programas que afirmam combinar os melhores resultados de pesquisas em psicologia com a teologia conservadora, programas projetados para auxiliar membros que se declaram viciados e que desejam superar seus vícios.

Minha proposta é simples. Não consigo me livrar da pressuposição de que o evangelho de Cristo, as boas-novas que têm seu centro no amor entre o Pai e o Filho e do qual o Espírito nos faz participar, nos oferece um caminho único para vivermos menos controlados por nossas inclinações egocêntricas e mais atraídos para uma vida de amor santo com a Trindade, compartilhando esse amor divino com os outros. Por exemplo, uma alma cheia de amor divino é capaz de perceber rapidamente sua própria exigência relacional de impressionar os outros.

É SÓ DISSO QUE PRECISAMOS PARA TRILHAR O CAMINHO DA LIBERDADE?

Conforme escreveu G. K. Chesterton: “O segredo do céu é a alegria”. O segredo já foi revelado. A salvação está centrada na comunhão de alegria que o Filho desfruta em seu relacionamento com o Pai. Essa alegria, em minha opinião, rivalizará de um modo poderosíssimo com o prazer egoísta e autogerido que os vícios nos proporcionam. E observe o seguinte: os prazeres viciantes arruínam nosso apreço pelo amor divino.

Entretanto, existe uma lacuna entre crer e viver essa grande verdade. Seria possível trazer essa verdade grandiosa para o nosso cotidiano a fim de ela que nos auxilie em nossa luta contra o vício como nada mais é capaz de fazer?

Paulo acreditava que sim. Em uma breve carta endereçada a um companheiro de ministério chamado Tito, Paulo pediu que ele desse seguimento à obra missionária que o próprio havia começado na ilha de

Creta. Os cretenses eram famosos por sua depravação, teimosia e animosidade. Paulo queria comunicar a Tito que até pessoas viciadas nas piores maldades poderiam ser transformadas pelo poder do evangelho. Com isso em mente, Paulo escreveu a Tito o seguinte:

Pois a graça de Deus foi revelada, trazendo salvação para todas as pessoas. E nós somos instruídos a abandonar a vida ímpia e os prazeres pecaminosos. Devemos viver neste mundo perverso com sabedoria, justiça e devoção a Deus, enquanto aguardamos com esperança aquele dia maravilhoso em que a glória de nosso grandioso Deus e Salvador, Jesus Cristo, será revelada. Ele entregou sua vida para nos libertar de todo tipo de pecado, para nos purificar e para fazer de nós seu próprio povo, totalmente comprometido em fazer boas obras (Tt 2.11-12, NLT).

Essas palavras me trazem ânimo. Talvez eu esteja no caminho certo. Conforme escrevo este livro, meu propósito desde o começo tem sido explorar o impacto da verdade do evangelho, especialmente a vida trinitária da qual os cristãos participam, sobre nossa batalha contra o vício. Com o que Paulo e Pedro escreveram (lembre-se de que Pedro pediu que colocássemos toda nossa esperança no retorno de Jesus), estou persuadido de que viver na certeza esperançosa do retorno de Jesus traz algo revigorante para mim e para você, que está relacionado a nos afastarmos da vida ímpia e dos prazeres pecaminosos. Creio que buscar ativamente uma visão de formação espiritual enquanto vivemos neste mundo perverso nos libertará, de algum modo, para resistirmos aos impulsos viciantes. Também creio que participar do relacionamento de amor entre o Pai e o Filho nos fortalecerá, como nada mais é capaz de fazer, contra a tentação de buscarmos comportamentos e relacionamentos maléficos.

Por acaso você está suspeitando de um “porém” nessa história toda? Acertou. *Porém*, temo ter passado a você a impressão de que aguardar avidamente o retorno de Jesus, *mais* a busca da visão de uma formação

espiritual, *mais* a percepção de em que consiste a essência do cristianismo e a confiança no Espírito para vivermos essa essência, *mais* nosso engajamento constante em autoavaliação, oração, estudo bíblico conscientioso, meditação nas verdades da Bíblia e uma vida autêntica em uma comunidade onde as pessoas são acolhedoras e onde encontrarmos graça seria tudo de que precisamos para resistir ao ímpeto dos desejos pecaminosos. Se é isso o que você entendeu ao longo dos onze capítulos anteriores, então não expliquei direito. Permita-me esclarecer.

Não acredito que aguardar ansiosamente o retorno do Senhor é suficiente para resistirmos à tentação. Sim, isso é necessário, mas não suficiente. É preciso *algo mais*.

Não acredito que a busca diligente das disciplinas espirituais para nos tornarmos mais parecidos com Jesus trará o domínio próprio de que necessitamos para dizer um sonoro não aos nossos instintos pecaminosos, a menos que acompanhada de *algo mais*.

Não acredito que a promessa de alegria para os cristãos que se juntam ao Filho na comunhão deliciosa do amor do Pai nos capacitará, por si só, a manter nossos desejos viciantes sob controle. Precisamos de *algo mais*.

Não acredito que um autoexame em oração, adoração, estudo bíblico e relacionamentos autênticos em comunidade são capazes de transformar viciados em não viciados. *Algo mais* é essencial.

Mas o quê?

13

ALGO MAIS: A CAPACIDADE DE ESCOLHER

Em meu esforço para compreender o que é possível fazer para auxiliar cristãos a terem uma vida santa, especificamente em sua luta para não sucumbir aos desejos ímpios, estou propondo um objetivo um tanto grandioso. Para mim e para todos vocês, meu desejo é ir além de obter controle sobre nossos vícios. O objetivo que proponho é tal que a maioria das abordagens para tratamentos de vícios não tem condições de suprir.

Concordo que existem tratamentos que algumas vezes produzem resultados mesmo sem recorrer aos meios disponíveis no cristianismo e apoiados apenas nas orientações propostas pelo cristianismo liberal.

Afinal, alcoólatras param de beber.

Viciados são libertos da dependência de drogas.

Anoréxicos ingerem porções normais de alimentos saudáveis.

Pessoas com transtorno de automutilação param de se cortar.

Até mesmo viciados relacionais, por exemplo, homens que gostam de exibir atitudes estoicas ou de demonstrar sua inteligência, mulheres que se relacionam de um modo subserviente ou de um modo arrogante, podem, talvez por meio de aconselhamento, aprender a se relacionar de um modo que favoreça relacionamentos saudáveis.

Eu jamais desvalorizaria esse tipo de abordagem elogiável, tampouco negaria o valor de explorar a dinâmica interior para tentar compreender e encontrar maneiras de tratar vícios de comportamento. Veja mais sobre isso adiante.

Contudo, estou em busca de algo mais. É óbvio que tenho o desejo de que as pessoas resistam aos vícios comportamentais e até os abandonem em favor de uma autodisciplina louvável. O evangelho, porém, mira mais alto. O cristianismo torna possível para qualquer pessoa, independentemente de seus vícios, não apenas obter um controle considerável sobre suas tentações particulares, mas também se relacionar com um amor divino que flui para os outros a partir de uma natureza altruísta produzida pelo Espírito. É possível que um caminho cristão para auxiliar viciados também os liberte para amar.

Esforcei-me ao máximo até aqui para sugerir o que está incluso nesse caminho cristão para avançarmos em direção a esses objetivos grandiosos. Para que o impossível se torne possível, é necessário concentrar toda nossa esperança no retorno do Senhor; buscar intencionalmente a formação espiritual; aprender o que significa viver como filhos e filhas de Deus que desfrutam o amor do Pai da mesma forma que o Filho, sempre o Filho eterno, se delicia nesse amor mais que em qualquer outra coisa; dedicar-se à oração em autoexame, meditar no texto bíblico e se relacionar com os outros em uma comunidade autêntica.

Entretanto, algo mais é necessário. A fim de abandonarmos nossas inclinações malignas e buscarmos relacionamentos piedosos, *devemos resgatar a capacidade de escolher, a liberdade de rejeitar escolhas ruins e fazer escolhas boas.*

Não estou sugerindo que basta, talvez até por meio da força, instruir viciados em pornografia a pararem de consumir pornografia, exortar anoréxicos a se alimentarem melhor ou pedir a indivíduos que têm atração por pessoas do mesmo sexo que começem a se sentir atraídos romanticamente pelo sexo oposto. Seria como ordenar a uma pessoa baixa

que se esforce para crescer mais ou a uma pessoa alta que se esforce para encolher. Ninguém tem condições de fazer esse tipo de escolha. Também é pouco útil dizer a uma pessoa viciada em si mesma, vício enraizado profundamente em todos nós, que pare de fazer escolhas egocêntricas e comece a fazer escolhas altruistas. A resposta não está no legalismo. O melhor que o legalismo pode fazer é conformar as pessoas a um padrão, a uma aparência de altruísmo que continua enraizada no solo do egocentrismo.

E o que dizer dos mandamentos bíblicos? A Bíblia não ordena que façamos determinadas escolhas e abandonemos outras? Alguns exemplos entre muitos: não abandonar a esperança do evangelho mesmo que o mal pareça vencer (veja Cl 1.22); não viver na impiedade nem se entregar aos prazeres pecaminosos, mesmo que pareçam inevitáveis (veja Tt 2.12); amar uns aos outros como Jesus nos ama (veja Jo 15.12). A Bíblia nos instrui a parar de fazer escolhas erradas e a começar a fazer escolhas certas. Obediência nem sempre é nossa característica mais marcante.

Sabemos bem o que significa ceder a um impulso pecaminoso sem ao menos passarmos pela experiência de escolher. E, quando tentamos fazer a boa escolha de não ceder, é comum nos sentirmos impotentes. Parece impossível. Apesar disso, Deus nos pede que façamos boas escolhas. E ele nos responsabiliza por isso, praticamente desde o início, conforme Gênesis 2.17: “da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás”. Também em Josué 24.15: “escolhei hoje a quem sirvais”. *Devemos, de alguma maneira, resgatar a liberdade de escolha e a capacidade de escolher.* Mas como? Em minha opinião, por meio do evangelho.



REIVINDICANDO A LIBERDADE DE ESCOLHA

Comece com isto: a liberdade que Deus nos concedeu está em nossa capacidade de escolher. Robôs programados não podem dar glória a um

Deus relacional. Entretanto, quando nos tornamos pecadores, perdemos a liberdade de fazer o certo de acordo com o que Deus define como certo. Fazer o errado se tornou uma escolha tão fácil que nem sequer parece uma escolha. Parece tão natural quanto respirar. Apesar disso, se eu quiser adquirir um mínimo de controle sobre meus impulsos viciantes, ao menos nos estágios iniciais e talvez até o último instante de minha vida, é necessário escolher. A fim de amar o próximo com o amor sacrificial e sofredor de Jesus, ainda que todo cristão maduro tenha o desejo de oferecer esse amor, é necessário fazer uma escolha. Mais uma vez: **devemos, de alguma maneira, experimentar a capacidade de escolher e, por meio dela, resgatar a liberdade de escolha.**

Estou sugerindo que a escolha de negar ao pecado seu poder de controlar o que fazemos e como nos relacionamos com o amor vivificante da Trindade é uma escolha que somente pode ser feita se for **bem fundamentada** e **significativamente influenciada**.

É uma ideia muito simples.

ESCOLHA BEM FUNDAMENTADA

A escolha de resistir aos impulsos malignos e buscar a santidade relacional deve primeiramente estar fundamentada, de um modo persuasivo, em ao menos duas verdades centrais. Primeiro, *somente o cristianismo e o Cristo do cristianismo podem nos conduzir à vida que a alma humana foi criada para viver e que, portanto, tem condições de desfrutar em sua totalidade.*

Os que escolhem serão persuadidos da veracidade dessa verdade se ela for apresentada por alguém cuja alegria evidente e estilo de relacionamento transpareçam de um modo inequivocadamente genuíno em virtude de seu relacionamento com Cristo. Por meio de seu exemplo, essa pessoa atrai outros para Cristo ao ilustrar a verdade de que somente o evangelho pode satisfazer a alma humana tanto quanto é possível satisfazê-la enquanto vivemos neste mundo perverso como pessoas ainda não glorificadas.

Algumas vezes Deus usa notícias ruins para lançar uma luz reveladora sobre nossos vícios comportamentais. Por meio dos caminhos estranhos do Espírito, a perversão de ceder aos impulsos pecaminosos se torna dolorosamente clara. É nesse momento que o cristão se vê incomodado o suficiente por seu fracasso para, então, começar a cooperar de um modo significativo com a obra do Espírito, que o capacita a se aproximar com todas as forças da verdade declarada anteriormente.

Segundo, somente o Deus trino está contando uma história satisfatória para a alma, que alcançará seu ponto de satisfação máximo e eterno quando Deus olhar uma segunda vez para tudo o que criou e disser: “É bom! É muito bom!”. Essas mesmas palavras foram ditas pela primeira vez logo após a Criação, antes do pecado e dos problemas, e serão ditas outra vez somente no retorno de Cristo. Isso deve estimular nosso desejo de ver esse dia chegar. Enquanto isso, aguardamos ansiosamente, com grande expectativa pelo shalom, aprendendo a exigir nada agora e a esperar tudo depois.

Paulo nos exortou a pensarmos “nessas coisas”, nessas verdades puras, belas, respeitáveis e virtuosas (veja Fp 4.8). Descubra essas verdades na Escritura. Estude livros cristãos que tratem delas. Leia a história de homens e mulheres que as vivenciaram. E reflita, portanto, sobre o nosso desespero caso nenhuma dessas coisas seja verdade.

Leia novamente a exortação de Paulo ao jovem Timóteo: é necessário que “permaneça naquilo que aprendeu e tem acreditado firmemente, sabendo de quem o aprendeu” (2Tm 3.14, ESV). Somente depois de um longo tempo de perseverança na verdade de Deus é possível obter a capacidade de fazer escolhas bem fundamentadas.

Também precisamos admitir uma verdade perturbadora: sucumbir aos ímpetos pecaminosos, quer comportamentais, quer relacionais, significa desfrutar o prazer da maldade. Sim, este é um pensamento repugnante: o prazer da maldade parece mais gratificante para a alma vazia que a verdade vivificante do evangelho. Precisamos, portanto, nos lembrar repetidas vezes

de que os prazeres do mal (1) são temporários; (2) danificam nossa alma, nos empurrando para longe da vida em Cristo e, portanto, a menos que nos arrependamos, nos impedem de desfrutar ou de compartilhar o amor de Deus; e (3) são coisas próprias dos filhos do Diabo, não dos filhos de Deus.

Concluo que uma escolha bem fundamentada é uma escolha possível para nós. A verdade nos liberta. Foi o que Jesus disse (veja Jo 8.32). Apesar disso, uma escolha feita livremente por meio da verdade ainda esbarrará na sedução cativante do pecado. Uma escolha bem fundamentada na verdade necessita de uma força adicional.

ESCOLHA INFLUENCIADA

Muitas vezes me questiono o que significa depender do Espírito Santo para realizar o que tenho de fazer. Desde minha juventude até hoje, ouço que devo viver na força do Espírito, e não em minha própria força. Isso quer dizer que não passo de uma folha adormecida no chão, incapaz de se mover até que o vento sopre? Creio que não é bem assim. Paulo nos instruiu a trabalharmos em nosso próprio resgate do pecado, cientes de “que Deus é quem opera em vocês tanto o querer quanto o realizar para o agrado dele” (Fp 2.13, ESV). Ao que parece, tenho uma participação concreta na obra do Espírito. De alguma maneira, o Espírito influencia minha vontade para que eu faça escolhas que agradem a Deus.

Uma escolha bem fundamentada é uma escolha que sabemos que somos *capazes* de fazer, cientes de que essa escolha está bem alinhada com as verdades que cremos em nosso íntimo. Entretanto, a fim de que uma escolha bem fundamentada se torne uma escolha influenciada por um profundo anseio humano. É aqui que o evangelho, e somente o evangelho, traz um elemento crítico para nossa compreensão do que é necessário para resistirmos aos impulsos pecaminosos. Funciona assim:

Em razão de nossa regeneração, de nossa vivificação em Deus, em Cristo e no Espírito Santo, a sede mais convidativa para a alma do cristão é uma sede de santidade, de conhecer o Deus de amor e de viver para tornar esse Deus conhecido.

O despertar dessa sede é obra do Espírito Santo. Nossa obra é a decisão de parar de cavar poços sem água e caminhar em direção ao poço de água viva. Entretanto, em nossa época de cristianismo agradável e acomodado, é fácil dizer que desejamos Deus mais que qualquer outra coisa ou pessoa enquanto sorrimos, balançamos a cabeça em sinal de concordância e apanhamos nossa pá para cavar outro poço seco. Até experimentarmos uma sede incomparável por Deus, prosseguiremos com nossa vida medíocre, sempre correndo atrás de saciar sedes menores e mais prementes.

Temo que o mercado cristão esteja sendo inundado por livros, recebidos com aplausos, que nos estimulam a um cristianismo agradável por meio da crença de que a boa-nova de Deus se refere a uma vida que pode, com oração, funcionar exatamente como desejamos. E, assim, vivemos para satisfazer sedes menores.

Ao menos um livro nos adverte claramente a respeito desse perigo. Em seu clássico *Religious affections*,¹ Jonathan Edwards escreve que todos nós gravitamos em direção ao que mais nos atrai. Quem tem sede de cerveja não se satisfaz com água, mas com uma latinha de puro malte. Quem tem sede de vinho não se satisfaz com cerveja, mas com uma garrafa de merlot.

Preciso perguntar a mim mesmo: hoje, neste exato momento, me sinto mais atraído pelo cristianismo, mais sedento por aquilo que somente o Deus do cristianismo oferece, ou percebo um desejo mais forte por algo menor? Nesse caso, corro o perigo de justificar minhas escolhas ruins em razão de elas me fazerem sentir muito bem. Trata-se de uma compreensão equivocada de moralidade: *pessoa de boa conduta moral é aquela que se dedica com sinceridade a tudo o que naturalmente sente ser sua sede mais profunda.*

Se seguirmos essa lógica, Hugh Hefner foi um homem virtuoso, pois viveu em busca de satisfazer o que sentia ser seu desejo mais forte, o prazer sexual. Presumo que não chegou a conhecer uma sede maior.

Por meio dessa compreensão equivocada de moralidade, Adolf Hitler também poderia ser classificado como uma pessoa virtuosa. Afinal, suas escolhas indicavam sua grande atração pelo poder e pela autoexaltação que lhe propiciaram exprimir livremente sua animosidade infundada contra uma raça inteira. Se algum dia chegou a sentir sede de se tornar uma pessoa boa em conformidade com o padrão de Deus, sem dúvida ele a supriu. Hitler e Hefner, dois exemplos extremos, apenas para tornar a questão bem óbvia, não fizeram escolhas influenciados por uma sede de receber perdão de Deus, de ser acolhido por Deus e de revelar Jesus por meio da maneira de se relacionarem com os outros.

Entretanto, que fique bem claro: ninguém será desculpado por rejeitar o evangelho em razão de não ter sentido nenhuma atração por ele. Ouça o que diz Paulo. O apóstolo escreve que a ira santa de Deus se manifesta contra aqueles que “suprimem a verdade” a respeito de Deus, uma verdade “clara para eles, pois Deus lhes revelou”. Até mesmo “seu eterno poder e natureza divina” são evidentes por meio “das coisas que foram criadas” (Rm 1.18-20, ESV). Deus não aceitará nenhuma justificativa de quem vier apresentar desculpas para seus pecados, mas perdoará a todos que buscarem perdão imerecido.

Existe em cada alma cristã talvez não satisfeita, um anseio por Deus, por conhecer e glorificar a Deus, um anseio mais forte que qualquer outra coisa. Apesar disso, eu, a exemplo de muitos, busco naturalmente maneiras de entorpecer essa sede por meio da satisfação de todas aquelas sedes menores que eu seja capaz de obter quando bem entender e por contra própria. Às vezes oro a Deus sem desejar dele nada mais do que dinheiro, saúde e felicidade em meus relacionamentos com minha família e meus amigos.

Caso ele não me atenda, caso a preocupação financeira se arraste, caso eu precise de outra cirurgia, caso a tensão persista em meus relacionamentos próximos, começo a sentir a pressão para buscar alívio de minhas dificuldades e correr atrás de prazeres que entorpeçam minhas emoções. Sou tentado a satisfazer essas sedes por meio de caminhos bem conhecidos, caminhos que estou ciente de que deveria evitar.

Desejaremos fazer escolhas que rejeitam o pecado e nos trazem vida somente depois de adquirirmos consciência de uma sede mais santa e significativa.

É por meio do Espírito que algumas formas de sofrimento (decepção, rejeição, doença etc.) despertam em nossa consciência essa sede mais profunda. Quando sobrevêm as dificuldades, devemos enxergá-las como oportunidades para desenvolver algo bom em nossa mente e coração (veja Tg 1.2-4). Em momentos como esses, duas opções claras se apresentam: fugir de Deus com raiva e desespero e se jogar na cama aos prantos por ele não ter protegido você conforme esperava; ou, com confiança e temor, chorar pelo fato de você ser uma criatura caída em um mundo caído repleto de maldade, porém confiando que Deus trará você para a comunhão de amor do Filho com o Pai, clamando em seu coração exatamente por isso, ciente de que Deus está inabalavelmente comprometido com essa promessa (veja Os 7.14).

Então, aprenderemos com o salmista a dizer: "... para mim, bom é estar perto de Deus" (Sl 73.28, ESV), e, com outro salmista, a cantar: "Como a corça anseia pelas águas correntes, assim minha alma anseia por ti, ó Deus. Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo" (Sl 42.1, ESV). Estamos cientes de nossa sede de Deus. Agora nossas escolhas serão influenciadas por uma sede santa, uma sede que nos atrai para Deus.



Tudo que escrevi neste capítulo se resume ao seguinte:

*Uma escolha fundamentada na verdade de Deus é uma escolha que **podemos** fazer: ELA É POSSÍVEL.*

*Uma escolha influenciada por nossa sede de Deus é uma escolha que **faremos**: É NOSSO DESEJO.*

Uma escolha fundamentada e uma escolha influenciada, somadas a tudo que vimos até aqui, é aquele algo mais de que necessitamos para melhor resistirmos aos impulsos viciantes e transbordarmos de vida divina para os outros. É esse transbordamento de vida para os outros que sacia aquela sede que nenhum vício será capaz de satisfazer.

¹Jonathan Edwards, *The religious affections* (Chicago: E-Artnow, 2020) [publicado em português por Vida Nova sob o título *Afeições religiosas*].

14

ENCERRANDO: DO MEU CORAÇÃO PARA O SEU

E u estava deitado no sofá, olhando para a escrivaninha e tentando encontrar energia para começar este último capítulo, talvez o mais importante deste livro em meu entendimento. Talvez não, mas pode ser. Eu havia me deitado para relaxar as costas depois de seis horas sentado reescrevendo o quinto e definitivo rascunho do capítulo 13.

Não era minha intenção orar quando me joguei no sofá, mas em pouco tempo me peguei conversando com Deus, meu Pai celestial, de muitas maneiras parecido com meu pai terreno, um homem cheio de graça. Várias frases circulavam por minha mente, sem dúvida instigadas pelas coisas que escrevi em capítulos anteriores, os quais acabei de reler antes de repousar as costas. Essas frases exprimiam pensamentos que me pareciam estranhamente energizados de esperança e desejos. Tanto quanto me recordo, eis algumas que rondavam minha mente enquanto falava com Deus:

Pai, sei que sou seu filho por graça divina. O Senhor deixa isso bem claro na Bíblia. Mas eu mal posso imaginar o que significaria para mim, pessoalmente, experimentar e sentir o mesmo amor que o senhor tem por Jesus, seu Filho natural. Jesus nunca o decepcionou, mas eu decepciono o senhor com frequência.

Seu amor por Jesus o manteve firme no caminho de seus 33 anos de vida até a cruz.

Minha pobre alma deve estar com muita dificuldade para experimentar, verdadeiramente conhecer, em um sentido hebraico, o grande amor que o Senhor tem por mim. Eu continuo cedendo aos impulsos viciantes. Apesar disso, creio que o Senhor me ama. Eu já senti esse amor, algumas vezes intensamente e outras vezes por períodos até mais longos. Mas desejo experimentar seu amor por mim de um modo ainda mais completo, tão completo a ponto de eu não desejar nada mais com tanta intensidade, tão completo a ponto de eu valorizar esse amor como nenhuma outra coisa, tão completo a ponto de não me alegrar com nada mais, tão completo a ponto de estar disposto a fazer qualquer coisa para demonstrar meu amor pelo Senhor e o seu amor pelos outros.

Ainda não cheguei nesse ponto, mas penso que estou no caminho certo. Minha sede é real. E o que escrevi neste livro me ajudou a avançar um pouco mais.

Enquanto releio essas palavras sedentas, estou ainda mais convencido de que, quanto mais experimentar o amor divino como filho de Deus por meio da graça, tanto mais resistirei aos impulsos pecaminosos (presumindo que eu os reconheça como tais) e amarei os outros um pouco mais como Jesus amou, oferecendo-lhes um gostinho do amor divino. Terminei a oração, me levantei do sofá e comecei a escrever.



Era o que eu queria compartilhar com você. Tenho ainda mais duas coisas para dizer antes de aposentar a caneta. Sim, estou escrevendo todo meu texto à caneta em um maço de papel. Primeiro, uma palavra pessoal para o leitor que me acompanhou até aqui. Depois, uma palavra pessoal sobre mim, sobre o que estes treze capítulos fizeram e continuam fazendo em

minha vida, e oro para que façam em sua vida também. Estou alerta. A caneta já está sobre o papel. Hora de escrever.

UMA PALAVRA PESSOAL PARA VOCÊ

É óbvio que você luta contra o vício. Todas as pessoas lutam. Talvez você não lute contra os vícios comuns que costumamos associar ao termo: álcool, drogas, sexo, comida, dinheiro. Talvez sim. Muitas pessoas, muitos cristãos aliás, lutam contra esses vícios sem que outros saibam. Mas uma coisa eu sei. Como eu, você luta contra um vício que tem sido uma parte essencial de sua vida desde o nascimento, o vício em você mesmo, o vício em seus próprios interesses em conformidade com a compreensão que tem deles.

E, até ser salvo por Jesus, você vivia naturalmente inclinado a servir a seus próprios interesses voltando-se para qualquer coisa, exceto para Deus. Hoje você é cristão, porém continua viciado em você mesmo. Você não pode escapar desse vício. Algumas vezes parece que a satisfação pela qual anseia pode ser encontrada em alguma fonte que está fora da vontade de Deus para sua vida. No mínimo, algumas vezes você se relaciona com os outros com a intenção de receber mais do que oferece. Todos nós agimos assim. De modo geral, cristãos verdadeiramente maduros oferecem mais do que recebem, porém nunca 100% das vezes e nunca com uma motivação pura.

Se você bebe demais ou usa drogas, sem dúvida não faltam oportunidades para ceder à tentação. Sempre há um mercado por perto. Nos Estados Unidos é possível encontrar maconha para fins medicinais, e até para uso recreacional, vendida legalmente em alguns estados por meio de lojas especializadas. E, para drogas mais pesadas, sempre é possível encontrar um traficante na vizinhança. Basta perguntar por aí. É possível que você encontre um traficante até em uma festa de amigos cristãos.

Se seu vício é em sexo, a tentação está por toda parte: na tela do computador e na maioria dos filmes, seriados e programas de televisão. Shopping, trabalho, escola e até na igreja: em todo lugar existem

oportunidades para ceder à lascívia, sem mencionar nossa própria imaginação fértil.

Talvez você seja viciado em comida, provavelmente doces. Talvez em dinheiro. O egocentrismo, aquela exigência de se sentir bem que algumas vezes nos parece indispensável, um direito até, pode estar associado a várias coisas, invariavelmente aos relacionamentos, na falta de outra coisa. Obter algo de alguém. Receber a aprovação ou o apoio para algo que você está fazendo para Deus. Se você exige essas coisas dos outros, considere-se um viciado. Talvez você esteja em busca de respeito para se sentir importante. Quando alguém demonstra curiosidade, você se sente ouvido, menos solitário. Receber afeição faz você se sentir desejável, benquisto. É próprio e legítimo do ser humano desejar todas essas coisas, até mais. Entretanto, é ilegítimo e pecaminoso exigir-las como se fossem um direito seu. Não são. Apesar disso, é um desejo normal e saudável. Como você, eu também fui desmascarado como um egocêntrico em busca de aplausos, de apoio para meu chamado piedoso, de respeito para me sentir importante, de alguém que demonstre curiosidade a meu respeito para que eu sinta o interesse de alguém por mim, de afeição para que me sinta querido.

Quem me desmascarou foi Deus. Sou exatamente a pessoa que acabei de descrever e suspeito que você também seja. Apesar disso, é de Deus que recebo tudo de que preciso para viver a vida que mais desejo viver. É muito bom, verdadeira bênção, quando os outros nos aprovam, apoiam, respeitam e demonstram curiosidade e afeição. Alegre-se com essas coisas quando as receber. Todavia, se viver em função delas, se as considerar um direito seu, se as exigir, você se tornará um viciado relacional.

Satanás se revela em sua melhor forma diabólica quando controla nosso vício relacional. Ele é mentiroso. De repente, sem perceber, você está manipulando os outros, se afastando defensivamente de alguém ou buscando vingança. E, caso sua consciência chame sua atenção para as maldades que você está cometendo, Satanás pode induzi-lo a pensar que

nem tudo é mau ou, caso seja, que você tem bons motivos para agir assim. Alguém machucou você, talvez seu próprio cônjuge, um filho ou uma filha, seu pai ou sua mãe, um amigo, talvez seu pastor ou seu terapeuta. Eles não tinham nenhuma razão para tratar você daquele jeito. Talvez continuem tratando. Bem-vindo ao mundo de Satanás.

Você sofreu muito. E continua sofrendo, se não fisicamente (ninguém demonstra a devida compaixão por você), ao menos emocionalmente por lembranças de mágoas antigas que você recita como se tivessem acabado de acontecer. Não bastasse essas memórias doloridas, você ainda enfrenta várias decepções no dia a dia. Se os outros soubessem o quanto você está sofrendo, jamais o condenariam pela forma como tem reagido. Eles entenderiam.

Deus conhece seu sofrimento, cada momento de dor, cada amargura encravada em sua alma. Deus chora com você. Apesar disso, ele não aprova seu comportamento de autoproteção nem o considera uma reação justificada diante do sofrimento. Antes, Deus faz algo melhor. Ele perdoa você!

Você é cristão. Você fracassou. E sabe muito bem disso. Não tem como negar. Você assume sua culpa e a confessa como o pecado relacional que é. Você tem buscado seus próprios interesses acima dos interesses dos outros. Talvez esteja se refugiando na pornografia ou no álcool. Você tem mágoa de alguém e isso produz em seu íntimo uma emoção gostosa de superioridade sobre a pessoa que o magoou.

Hoje, porém, você percebe que falhou, aos olhos de Deus, em seu padrão de amor santo, misericordioso, compassivo e sacrificial. Todos nós fracassamos todos os dias em alguma medida. Fracassamos em nos relacionar conforme o amor glorioso de Deus, o modo como ele ama os outros até em detrimento de si mesmo. Você percebe. Você vê. Em seu íntimo, é possível que você tenha se afundado no poço arrogante do autodesprezo.

Ah, sim, eu entendo. Você é como eu. Sabe se esconder muito bem. Melhor demonstrar uma aparência de piedade, não é? Por que se expor ao desprezo dos outros ou dar motivo para fofocas? Melhor prosseguir de bom humor e continuar falando da bondade de Deus, mesmo que em seu íntimo você tenha raiva dele.

Às 2h da madruga bate uma insônia e você se pergunta: Sou um fracassado, um impostor, um caso perdido? Será que o cristianismo é mesmo verdadeiro? Seu cristianismo e seu Deus não estão funcionando como você esperava. Onde está Deus? Deve estar ocupado com outras coisas. Quem sou eu? Um cristão apóstata? Talvez eu nem seja salvo. E agora?

Sim, tudo isso já me passou pela mente. E, sim, algumas vezes ainda sofro com esses questionamentos, hoje com mais frequência às 4h em vez de às 2h. Não somos muito diferentes, você e eu. O que você esperava? Em maior ou menor grau, somos ambos viciados em nós mesmos. Desejamos que Deus, os outros e o mundo nos deem o que queremos, o que precisamos para ser felizes, para fazer as coisas do nosso jeito. Alguém aí, faça alguma coisa! Então, viveríamos piedosamente e resistiríamos aos impulsos pecaminosos. Ou assim imaginamos.

Tenho alguns conselhos para você. Talvez você goste deles. Talvez não goste de nenhum. Eles têm funcionado para mim. Não perfeitamente, é claro, mas de um modo que tem trazido significado para minha vida. Não desisti. Mais do que nunca, tenho sede de Deus. Algumas vezes choro de alegria cantando algum hino antigo enquanto dirijo. Quero Deus! Deus me quer! Às vezes, hoje mais que no passado, esse desejo transparece no modo como me relaciono.

Agora, uma advertência. Além de eu *não* ter um programa infalível de cinco passos para oferecer, também *não* tenho nenhuma sugestão que ilumine com clareza um caminho que possa ser seguido fácil e rigorosamente. Tenho, porém, algumas ideias, instigadas por essa sede

enorme que você e eu temos, uma sede talvez ainda não descoberta, de mergulhar tão fundo no amor do Pai por seu Filho a ponto de os vícios perderem sua atração aparentemente irresistível. Essas ideias se combinam em uma série de sugestões para serem adotadas e colocadas em prática. Trata-se de um plano infalível que nos impeça de sucumbir aos impulsos pecaminosos? Dificilmente. Antes, são ideias úteis para trilharmos o caminho estreito da vida, sugestões que tenho vivido e que pretendo aprimorar cada vez mais.

Conforme comentei, talvez você goste desses conselhos, talvez não. De qualquer forma, aí vão eles:

- **Viva o momento!** Aproveite sua escuridão, sua confusão, suas lutas e seus fracassos. É a melhor oportunidade de encontrar Deus nessas situações. Deus costuma nos encontrar onde estamos e não onde fingimos estar ou gostaríamos de estar. Quanto maior sua honestidade e menor seu fingimento, mais você descobrirá uma sede profunda por Deus, o único que sempre vai continuar aceitando você. Mesmo em seu pior estado, você anseia por ser aceito.
- **Converse com alguém.** Basta uma pessoa, alguém que não esconde sua luta contra os vícios, alguém que não fique na defensiva, que não demonstre superioridade, que não julgue. Ore por alguém que ande *com* você, não para ajudar, simpatizar, corrigir ou censurar; certamente alguém que você não esperaria que lhe sorrisse, recitasse chavões ou que tentasse entender você. Quando você está *com* alguém, surgem novos pensamentos, e a esperança reacende. Você não se sentirá tão sozinho. Essa experiência o conduzirá à única fonte verdadeira para se sentir benquisto e acolhido. Lembre-se do que Jesus disse: “Está chegando a hora [...] em que vocês retornarão cada um para sua casa e me deixarão sozinho. Mas eu não estou sozinho, pois o Pai está comigo” (Jo 16.32, ESV). Portanto, não exija perfeição dos outros.

Antes, permita que a presença deles atraia você para a comunhão que Jesus desfruta com seu Pai.

- **Continue conversando com Deus em oração.** Admita e exprima a verdade sórdida de que você sabe o que é sentir o prazer da maldade. Não fuja dessa realidade abominável escondendo-se atrás da ideia de que existem pessoas visivelmente piores que você. Antes, conscientize-se de que você não está sozinho na vastidão de seus pecados. Lembre-se do que Paulo escreveu em Romanos 7.19: “Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero”. Reflita como essa confissão levou o apóstolo a uma vida ainda mais santa.
- **Continue falando.** Você saberá o momento de ouvir quando estiver desesperado para saber como Deus está respondendo a tudo o que você tem dito a ele. Leia João 3.16, Romanos 1—8 e outras passagem bíblicas que surgirem em sua mente. Leia também John Stott, *The cross of Christ*.¹
- **Deixe que a verdade do evangelho queime** profundamente em sua alma humilhada e desesperada. Somente diante de sua própria feiura você conseguirá enxergar claramente a beleza de Deus. Você não conseguirá parar de pecar totalmente. É necessário buscar o arrependimento todos os dias. Entretanto, a redenção, a regeneração e a reconciliação — a maravilha da graça — possibilitam a você, santo e pecador, desfrutar o amor de Deus e compartilhá-lo com os outros.

Você está no caminho certo. A confissão, não a vergonha, será um elemento necessário em sua jornada no caminho estreito. Prossiga lutando, sempre. E, se fracassar, fracassou. Arrependa-se o mais rápido possível, deleite-se na graça e prossiga o caminho, sempre determinado em sua sede de conhecer o amor de Deus cada vez mais a fundo. Você está agora vivendo a vida cristã.

¹John R. W. Stott, *The cross of Christ* (Nottingham: IVP, 2006) [publicado em português por Vida sob o título *A cruz de Cristo*].

15

EU SOU O CENTRO? NÃO! O CENTRO É CRISTO EM MIM, A ESPERANÇA DA GLÓRIA

Planejei encerrar o livro no capítulo 14, mas aqui estou escrevendo mais um. Permita-me explicar. Nunca preparam o esboço de um livro antes de terminar de escrevê-lo, para desespero de meus editores. Não consigo nem me esforço para isso. Seria um grande empecilho para o meu ritmo de trabalho. Se um pensamento me vem à mente, já me ponho a escrever um capítulo. Somente depois disso começo a pensar no capítulo seguinte, e assim por diante, até concluir o livro.

Quando comecei o capítulo 14, tinha em mente escrever duas palavras pessoais para encerrar o livro, uma para você e outra a meu respeito, compartilhando qualquer impacto que minhas ideias porventura tiveram em minha vida. Essa palavra pessoal para você se transformou em um texto maior que planejei, suficiente para compor um capítulo inteiro. Consequentemente, mudei o ritmo e optei por acrescentar um adendo com alguns parágrafos a respeito de minha jornada na luta contra o vício ao longo da composição deste livro. A ideia era acrescentar uma única página ao final do capítulo anterior. Meu plano veio por água abaixo a noite passada.

Ontem foi meu segundo dia (ainda resta mais um) de isolamento, conforme prescrição médica. Depois de dois dias tomando esteroides, receitados depois do implante de sementes radioativas em alguns tumores malignos no meu fígado, senti um efeito colateral comum: insônia.

Deitei na cama do quarto de hóspedes ontem à noite, pouco antes das 22h, e cochilei por uma hora talvez. Acordei entusiasmado, mas permaneci deitado enquanto refletia sobre a mensagem deste livro. Passei mais de uma hora entretido com esses pensamentos. Então, cansei de pensar e retomei a leitura de um romance de Louise Penny, uma trama de assassinato e mistério muito interessante que eu já havia lido até a metade. O mistério estava fascinante, mas a fadiga retornou e voltei a cochilar. Às 3h da madrugada, eu já estava bem desperto e voltei aos meus pensamentos. Muitas ideias me vieram à mente. Por efeito dos remédios, minha cabeça voava para direções que me pareciam estimulantes, revigorantes e libertadoras. Um pensamento me ocorreu: será que essa agitação toda estava relacionada ao meu estado de torpor? Será que me lembrarei desses pensamentos quando o efeito acabar?

Amanheceu. Duas canecas de café puro depois, o torpor havia desaparecido, mas os pensamentos permaneceram, não apenas revigorantes, mas de certa forma também organizados. Eram pensamentos que prometiam me levar a uma maior liberação de meus impulsos viciantes. Tenho agora vários parágrafos prontos para escrever. Eis, portanto, o capítulo 15.



UMA PALAVRA PESSOAL: MENOS SOBRE MIM, MAIS SOBRE CRISTO EM MIM, A ESPERANÇA DA GLÓRIA

Entre os dons mais distintos que Deus nos concedeu, um deles, se não for o mais distintamente humano, está bem próximo do topo: *a liberdade de escolha*. Por meio dessa nobreza concedida por Deus, à qual Pascal se referiu

como dignidade da causalidade, sou livre para escolher que direção seguir na vida. É um dom factual. Adão e Eva fizeram uma escolha. Também possuímos essa mesma capacidade, embora, infelizmente, sempre façamos a mesma escolha, pelo menos inicialmente.

Todos nós, invariavelmente, trilhamos o caminho de nossos pais e fazemos uma escolha muito equivocada. Corremos atrás de coisas que prometiam vida, mas entregavam somente morte. De alguma maneira nos convencemos de que nossas escolhas são boas, necessárias e até mesmo sábias.

Tornamo-nos viciados em más escolhas, porém nos enxergamos como vítimas, não como seres livres para escolher. “Por que você vê pornografia?”, pergunta a esposa ao marido, que responde: “Perdoe-me, meu amor; não consigo parar”. Alguém se aborrece com um amigo: “Você se afastou de mim e de todo mundo. Nossa amizade não parece verdadeira”, ao que o amigo responde: “As pessoas me magoaram demais. Eu tenho que me proteger. Gostaria muito que você entendesse; não tenho outra opção. Eu preciso me distanciar”.

A pobreza relacional está por toda parte hoje. Virou padrão. Relacionar-se abertamente se tornou coisa rara. Vivemos em negação de como nos sentimos solitários. Jesus veio para nos conceder vida relacional. Entretanto, ninguém escolhe, por conta própria, agarrar-se à oportunidade de alegria que Jesus concede. Preferimos gerenciar nossa vida buscando nosso próprio bem-estar.

Sei disso por meio de uma fonte confiável. De acordo com Paulo: “ninguém busca a Deus. Todos se desviaram...” (Rm 3.11-12, ESV). Nessa passagem, o apóstolo cita um autor mais antigo, um salmista que percebeu essa mesma tragédia. “O SENHOR olha do céu para os filhos dos homens, para ver se há quem comprehenda”, quem viva sabiamente, “quem busque a Deus. Todos se desviaram e juntos se corromperam; não há quem faça o bem”, quem escolha sabiamente, “nem um sequer” (Sl 14.2, ESV).

Essa é uma acusação gravíssima que nossa cultura rejeitou. “Sempre há uma laranja podre, mas a maioria é gente bem-intencionada, pessoas de bem” é o pensamento geral. Entretanto, observe mais de perto a alma humana e verá que somos todos viciados em algo ou alguém (exceto em Deus) para saciar nossa sede mais profunda, para sentir que somos amados e que nossa vida tem significado.

Pura tolice, pela qual somos individualmente responsáveis. Apesar disso, buscamos justificativas. Afinal, nossas escolhas não parecem escolhas. Não temos nenhum controle sobre elas. Somos viciados, vítimas de uma doença perniciosa, o vício. É exatamente assim que nos parece. Não podemos ser responsabilizados por nossos fracassos morais assim como não posso ser responsabilizado por meu câncer. Não é minha culpa. Por favor, me ajude, me cure.

Exceto no caso de escolhas bem fundamentadas na verdade de Deus e influenciadas por uma grande sede de Deus, todos os seres humanos fazem escolhas erradas. Ninguém busca a Deus, o único capaz de nos libertar do controle do egocentrismo, de nos libertar para amar como Jesus. Por que agimos desse modo? Por que é necessário que o Espírito de Deus nos atraia para o dom gratuito da vida? Somos todos tão estúpidos assim?

Não sei o motivo, mas é isso o que a Escritura nos ensina. A exemplo de Adão e Eva, todos nós colhemos o fruto da árvore proibida do Éden, a árvore do conhecimento do bem e do mal, e não apenas a ingerimos como também o digerimos até corromper nossa liberdade de escolha. Nossa arrogância é incontestável, visto que reivindicamos o direito de fazer escolhas bem fundamentadas com base no que nos parece verdadeiro e influenciados por todo tipo de desejos momentâneos que exigem satisfação imediata. Hoje vivemos como prisioneiros no cárcere do egocentrismo, do autogerenciamento, da autopromoção e da autopreservação. Erguemos nossa bandeira de liberdade pessoal e reivindicamos nossa independência da autoridade controladora e da sabedoria benevolente de Deus.

O resultado? Vícios! Em primeiro lugar, o vício em nós mesmos; em segundo, vários vícios menores associados à busca do nosso bem-estar por conta própria e por meios próprios. Perdemos a liberdade de escolher nos submetendo em gratidão ao amor de Deus. O vício se tornou um estilo de vida tão enraizado em nosso ser a ponto de somente o evangelho ser capaz de nos resgatar.

Um pequeno parêntese. Considerando-se a interação entre mente e corpo, algumas substâncias podem se tornar fisicamente viciantes a ponto de exigirem tratamento físico/químico para recuperar a capacidade de resistir ao uso dessas substâncias em nossa busca de alívio da dor ou de um intenso prazer momentâneo. Entretanto, por baixo desse problema físico ainda persiste a questão de nossas escolhas corrompidas. Nossa inclinação ao egocentrismo, nossa natureza pecaminosa, permanece a principal culpada.

No entanto, conforme mencionei anteriormente, até cristãos equipados com uma nova natureza altruísta e capacitada a fazer boas escolhas apresentam normalmente pouco mais que um progresso superficial e temporário. A compulsão por pecar permanece. De acordo com o padrão de santidade de Deus, somente escolhas fundamentadas na verdade de Deus e influenciadas por um anseio humano por Deus serão restauradas como escolhas livres para resistir aos impulsos viciantes e amar sacrificialmente como Jesus. *A liberdade de escolher o bem afasta a compulsão de fazer o mal.*



Agora, um pouco mais sobre mim. Escrevi este livro como alguém que também luta contra o vício, que ainda sente atração por buscar alívio e prazer por conta própria, porém agora liberto pelo Espírito para reconhecer minha sede por aquilo que somente Deus providencia e para buscar essa saciedade. Tanto quanto possível, desejo recuperar a capacidade de escolher bem e com sabedoria. Em outras palavras, quero saber o que significa para mim, em meio à minha impaciência com os outros e decepções comigo

mesmo, o entendimento de que Cristo está em mim como a firme esperança de que obterei satisfação plena para meus anseios mais profundos futuramente, quando Jesus retornar.

O que acabei de escrever neste capítulo me veio à mente com uma clareza renovada ontem à noite. A vantagem da insônia está em proporcionar um período mais tranquilo para refletir. Percebi o evangelho como uma estrela polar me orientando por meio dos mares tempestuosos do vício em direção ao porto seguro do domínio próprio por livre escolha.

Há anos minha esposa vem observando o tormento de minha alma. Ela anseia por desfrutar a companhia de um marido em paz consigo mesmo. Compartilho desse sonho. Por baixo das inevitáveis angústias, incertezas e decepções que todos nós enfrentamos neste mundo caído, anseio por experimentar, por conhecer uma paz sólida, uma esperança firme de que todas as coisas cooperam para o bem dos discípulos de Cristo.

Experimentei essa paz ontem à noite. Foi uma sensação encantadora. Essa paz surgiu no meio de uma tempestade de angústia que me pareceu mais ameaçadora que tempestades anteriores.

Alguma coisa aconteceu. Tentações familiares retrocederam para a escuridão. Elas ainda estão, mas já não ocupam o centro de minhas atenções. A importância de aguardar o retorno de Cristo; a busca sincera do desenvolvimento espiritual; a graça de participar do amor que o Filho desfruta com o Pai; enfim, tudo que escrevi nos quatorze capítulos anteriores pareceu se consolidar. Eu *acreditei* na verdade do evangelho. Eu *senti* minha sede por Deus. Tomei consciência de que estava livre, de que poderia escolher dizer não ao mundo, à carne e a Satanás. Eu poderia resistir aos impulsos viciantes. Eu estava livre para percorrer o caminho estreito em direção à vida que mais desejo. Ao menos naquele momento.

Fui tomado de um senso de mistério maravilhoso. Simplesmente aconteceu. Não obstante, queria saber tudo que pudesse a respeito de como

restaurar a esperança, recuperar a liberdade de passar direto pela árvore proibida para me sentar à sombra da árvore da vida e mordiscar seus frutos.

Estudei psicologia cognitiva e psicologia comportamental. Conheço um pouco da terapia cognitivo-comportamental e sua proposta de *mindfulness* [atenção plena], de substituir pensamentos disruptivos por pensamentos construtivos. Tenho uma compreensão da essência da psicologia em sistemas familiares. Em meu consultório, recebi muitas famílias com o intuito de auxiliar cada membro a reconhecer sua participação nos conflitos e nos distanciamentos.

Apesar disso, já durante a pós-graduação me sentia atraído por psicologia profunda, por explorar as dinâmicas que ocorrem no íntimo do ser humano e que talvez sejam responsáveis por muitos de nossos problemas. Essa abordagem, em minha opinião, é mais consistente com a Escritura. Afinal, a própria Bíblia, conforme registrado em Hebreus 4.12, atua como espada afiada de dois gumes, capaz de discernir “os pensamentos e as intenções do coração”.

No livro de Salmos, Davi queria saber o que se passava em seu íntimo que o levou a se afastar de Deus. Ele pediu a Deus que sondasse seu coração, que o examinasse a fim de conhecer seus pensamentos (veja Sl 139.23). Muito parecido com terapia psicodinâmica. Assim como Provérbios 20.5 (NVI): “Os propósitos do coração do homem são águas profundas”, difíceis de identificar, “mas quem tem discernimento os traz à tona”.

Com essas passagens em mente, conversei com Deus ontem à noite, expondo-me à sabedoria aguçada do Espírito. Era por volta de quatro horas da manhã. Duas palavras se fixaram em minha mente: OUÇA e COMPREENDA.

Comecei a prestar atenção à minha alma. Em poucos minutos me vi como um garotinho aos prantos pedindo que minha mãe e meu pai, ambos muito amorosos, aliviassem meu terrível sentimento de solidão. Senti um

horror enorme, um terror por saber que ninguém seria capaz de preencher o enorme vazio dentro de mim. Não era possível viver com esse pavor.

Percebi o que aconteceu comigo em minha infância, setenta anos atrás, e continua acontecendo. Eu sabia. Eu comprehendi. *Eu só podia depender de mim mesmo.* Eu tinha de fazer alguma coisa para aliviar a dor devastadora da pobreza relacional, da solidão que me despedaçava, aquele sentimento de vazio em meu íntimo que somente a plenitude pode preencher.

O roteiro já estava pronto desde os primeiros anos. Eu me tornaria um homem divertido, um estudante bem-sucedido, uma pessoa do bem, um amigo legal; enfim, qualquer coisa que me ajudasse a obter o que eu desejava das pessoas ao meu redor. Eu sabia, porém, que jamais seria o bastante. A saída seria soterrar meus anseios mais profundos embaixo de uma camada de autoconfiança fingida. Sim, era um projeto viável: reunir força suficiente para tocar a vida sem desmoronar, sem cair em desespero.

Entretanto, o medo residual de que eu não poderia cumprir essa empreitada se transformou em uma exigência furiosa para que os outros fizessem todo o possível para me ajudar. Isso tudo, porém, sem que eu aparentasse fraqueza, sem parecer um parasita insuportável em busca de alguém para sugar.

Em algum momento, já próximo das 5h, desisti. Meu íntimo era uma confusão de temores, motivações e dinâmicas egocêntricas enraizadas em minha carne, não no Espírito de Deus. Foi um alívio comparecer sozinho e impotente diante de Deus. Quase pude ouvir as palavras amorosas de Jesus: “Não tenha medo”. Então, comprehendi: independentemente de meus esforços, meu projeto jamais funcionaria. Quando Deus enxerga uma alma vazia, seu amor exige que ele faça alguma coisa.

A verdade me envolveu como uma brisa fresca em um dia quente: a expiação, o perdão, o chamado de Deus para minha vida, seu amor por mim como filho, a paciência do Espírito em sua obra no meu coração, o retorno de Cristo, a esperança da glória por Cristo estar em mim.

Naquele momento, eu não queria saber de mais nada exceto conhecer Deus e o poder de sua ressurreição. O dom de escolher me pareceu bem fundamentado na verdade do evangelho e fortemente influenciado por um grande anseio. Percebi em mim o poder de dizer não a tudo que se interpusesse entre mim e meu Pai, entre mim e o Filho, entre mim e o Espírito Santo.

Descansei. Estava em paz. Já não me sentia sozinho. Adormeci. Acordei hoje às 7h30 com desejo de cantar enquanto me preparava para meus afazeres. Senti-me claramente induzido a cantar dois cânticos evangélicos antigos. A letra de cada um encontrou em minha voz sua expressão.

Corinho:

*Obrigado, Senhor, por salvar minh'alma.
Obrigado, Senhor, por me fazer completo.
Obrigado, Senhor, por me conceder
Tua grande salvação, tão rica e gratuita.*

O hino, que cantei várias vezes, tem várias estrofes, porém mencionarei apenas a primeira e a última:

*Louvem ao Salvador todos que o conhecem
E sabem o quanto a ele devemos.
Cantemos a ele com alegria
Tudo quanto somos e temos.*

*Então, seremos tudo que deveríamos ser.
Então, seremos tudo que é possível ser.
Coisas que hoje não são nem podem ser
Muito em breve nossas serão.*

Depois disso, o dia prosseguiu normalmente: contas para pagar, e-mails para responder, pessoas para telefonar. O fervor da manhã já havia se

dissipado. Apesar disso, eu estava tranquilo. Sabia que estava em Cristo e que ele é minha esperança da glória.

Continuarei tropeçando e algumas vezes fracassarei. A sedução dos impulsos viciantes sobrevirá novamente. Quando eu fracassar, me alegrarei no perdão. Quando resistir à tentação, me alegrarei na obra do Espírito em mim.

Prosseguirei aguardando e aos poucos aprendendo a não exigir nada agora, nem os prazeres do pecado, nem a resposta dos outros pela qual tanto anseio. Contudo, continuo esperando tudo para depois, no retorno de Jesus, quando toda sede será plenamente satisfeita.

Ainda estou aguardando. Hoje sei um pouco mais pelo que estou aguardando, mesmo quando a vida parece assustadora. Hoje faço escolhas mais bem fundamentadas e mais bem influenciadas por uma sede santa.

Ajudou-me muito olhar para dentro de mim mesmo. Toda mudança concreta começa do íntimo para fora, em direção à liberdade.



Em momentos de tentação, os cristãos precisam se lembrar da verdade.

Algumas vezes a verdade parece muito distante.

Mas nunca está.

EPÍLOGO

POR QUE AGUARDAR O CÉU? ESTOU VIVO AQUI E AGORA!

Ninguém se interessaria em aguardar por um céu repleto de gente vestida de branco tocando harpa para sempre em cima de nuvenzinhas. No outro extremo, poucos prestam atenção à sede interior de se relacionar com os outros em amor puro. Nossa maior interesse continua em sermos amados pelos outros.

Uma quantidade muito pequena de cristãos já despertou para o desejo profundo de, literalmente, ver e desfrutar de Jesus. Para muitos, parece mais uma sentimentalidade que uma satisfação, uma religiosidade extremada, algo fora da realidade.

Seria muito difícil, talvez impossível, para uma garotinha de uma tribo pobre da África, sem acesso a água, escola, médico ou lazer, aguardar ansiosamente uma viagem à Disneylândia ou um almoço no McDonalds. Montanha russa e cheeseburguer? Princesas bem-vestidas e milkshake de chocolate? Nenhuma dessas coisas produziriam imagens de felicidade na mente dessa menina.

— Mas você pode ir para o céu algum dia.

— O que é céu? Eu quero uma vida melhor agora, uma refeição decente, alguém para cuidar de mim quando fico doente.

Por que alguém, seja na África, no Irã, na França ou nos Estados Unidos, aguardaria por nossa visão do céu se nós mesmos vivemos sedentos de outra

coisa? É muito triste, mas a alegria extraordinária de viver com Jesus em um mundo perfeito não encontra ressonância em muitos cristãos que vivem apenas para satisfazer desejos menores.

Entretanto, suponha que o céu é capaz de satisfazer toda sede *menor* e legítima: sede pelo fim da injustiça, da ganância, da opressão, da guerra de classes, de juízes corruptos, do estupro; sede de um trabalho significativo, de boa saúde, de ausência de todo tipo de tristezas que nos fazem chorar, de desbravar novas áreas de conhecimento, de um tipo de descanso que torna agradável o cumprimento de todas as nossas responsabilidades.

Mozart morreu aos 35 anos. Sua genialidade pereceu com ele? Ou será que ainda está conquistando novos amigos com intrincadas melodias recém-escritas? Será que meu pai está sentado em algum canto pensando em o que fazer para aliviar o tédio? Ou será que sua capacidade intelectual, desenvolvida ao longo de muitos anos de trabalho árduo para sustentar a família, está agora alcançando patamares cada vez mais elevados? Será que todos ali estão escalando enormes montanhas de desejos com toda alegria, em deleite total, apenas para encontrarem desejos ainda maiores para serem satisfeitos?

Antes de falarmos a respeito da emoção de conhecer Jesus, talvez precisemos despertar naquela garotinha africana a sede por uma água sempre pura e disponível. Talvez seja necessário percebermos em nossa alma que prazeres legítimos de um bom casamento, bons amigos, boa saúde, bom emprego e bom ministério não satisfazem aquela sede profunda e indefinida, porém real, que temos em nosso íntimo.

Não imagino que viveremos no céu sentados aos pés de Jesus sentindo sempre um deleite cada vez maior em sua presença. Sim, creio que esse sentimento é a essência do céu, porém essa essência se expandirá, talvez em mais e melhores livros saindo de minha caneta, com verdades tão espirituais a ponto de parecerem ficção. Talvez eu participe de um show de Elvis e quem sabe até suba no palco para cantar com ele, enquanto você admira

pinturas de Rafael em algum museu ou ouve uma cantora de ópera de quem jamais ouviu falar até chegar ao céu.

Imagino Billy Graham conversando animadamente com um ativista social cristão: “Você levou água potável, escola e eletricidade para aquela tribo africana. Você resgatou a esperança deles em um Deus que se importa. E aquela garotinha, agora com uma sede por algo além, me viu na televisão e percebeu que sua sede maior é conhecer Jesus como Salvador, como amigo e como esperança da glória. Que maravilha trabalhar em conjunto”.

E Jesus sorri.



Uma mãe faleceu e seu filho sente muito falta dela. Entretanto, colocando toda sua criatividade espiritual para funcionar, esse filho escreveu várias cartas que, em sua imaginação, sua mãe poderia ter lhe enviado do céu, correspondências endereçadas a ele e a suas irmãs com o remetente simplesmente grafado com: “Mãe”.

Em uma dessas cartas, a “mãe” escreveu o seguinte:

Não tenho como descrever quão maravilhoso é este lugar. É mais que qualquer coisa que eu poderia ter imaginado, mas vou tentar transmitir a você o pouco que for possível colocar em palavras. Ah, só um minutinho... tem alguém batendo na porta. Um homem veio me dizer que eu preciso retornar para o mundo onde você está. Eu comecei a gritar: “De jeito nenhum! Isso aqui é bom demais para abandonar, mesmo considerando todas as coisas boas que existem por lá”. O homem foi embora. Perguntei a um amigo quem era aquele homem. “Oh, é Lázaro. Ele diz isso para todos os recém-chegados”. Soltei uma gargalhada. Daqui eu não saio!

*Com amor (muito mais que jamais pude ter),
Mãe.*

Isso é verdade. O filho escreveu essas cartas e as enviou para todas as suas irmãs. O texto acima vem de minha lembrança de uma das cartas que ele escreveu. A dele era bem melhor.

Meu avô faleceu quando meu pai tinha cinco anos. Aos oitenta e poucos anos, meu pai me contou que certa noite despertou com duas palavras em sua mente: *absoluto deleite*. Em seguida, sentiu claramente a presença de seu pai, não visualmente, mas de algum modo perceptível.

Meu pai se sentou na cama, consciente da presença daquele homem que costumava chamar de papai, e disse: “Papai, como são as coisas aí em cima?”. Então, de uma forma inaudível, mas clara como se ele tivesse ouvido fisicamente, seu pai respondeu: “Não quero estragar a surpresa. É muito melhor que qualquer coisa que eu poderia descrever. Vejo você em breve”.



Nenhuma descrição do céu seria adequada. O melhor que podemos fazer é adquirir consciência da sede profunda que temos em nosso íntimo e viver com a expectativa de algum dia saciá-la completamente. Nesse ínterim, desperte a sede de se encontrar com Jesus, face a face, e deixe que o “absoluto deleite” o estimule a AGUARDAR O CÉU.

Desde a saída do jardim do Éden, todo ser humano já chega ao mundo com o vício obstinado de buscar seu próprio bem-estar. Vivemos, então, viciados em satisfazer todos aqueles anseios que somos incapazes de recusar ou de reprimir. Até aprendermos a guardar avidamente o céu, quando todos os nossos anseios serão satisfeitos de forma plena e eterna, viveremos propensos a um único objetivo: fazer a vida funcionar de acordo com o nosso desejo.

Isso se manifesta de duas maneiras:

- *Egocentrismo*. A tendência de nos preocuparmos excessivamente com nós mesmos, o que impulsiona diversas ações e escolhas muitas vezes à custa do outro.
- *Vícios e comportamentos destrutivos*. Uma maneira de tentarmos preencher os anseios mais profundos, muitas vezes buscando satisfação em coisas que nos desconecta da realidade, nos levando a comportamentos prejudiciais. Esses comportamentos têm origem no vício em si mesmo.

Aguardar o céu para obtermos tudo o que nossa alma mais deseja, sem exigir nada nesta vida, nos liberta para amar da maneira correta, alegrar a Deus e ajudar o próximo sem exigir nada em troca.

Qual é a consequência disso? A verdadeira alegria, que é a satisfação de viver e amar como o Senhor Jesus Cristo.

